

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O GERÚNDIO NA EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO: UM
ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA**

Fábio Fernandes Torres

Fortaleza – CE / 2009

**O GERÚNDIO NA EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO: UM ESTUDO
SOCIOFUNCIONALISTA**

por

FÁBIO FERNANDES TORRES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Márluce Coan

Fortaleza – CE / 2009

"Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

T645g

Torres, Fábio Fernandes.

O gerúndio na expressão de tempo futuro [manuscrito] : um estudo sociofuncionalista / por Fábio Fernandes Torres. – 2009.

180 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza(CE), 18/05/2009.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Márluce Coan.

Inclui bibliografia.

1- LÍNGUA PORTUGUESA – PORTUGUÊS FALADO – FORTALEZA(CE) – TEMPO VERBAL.2- LÍNGUA PORTUGUESA – PORTUGUÊS FALADO – FORTALEZA(CE) – GERÚNDIO.3- LÍNGUA PORTUGUESA – PORTUGUÊS FALADO – FORTALEZA(CE) – ASPECTO VERBAL.4- LÍNGUA PORTUGUESA – ASPECTOS SOCIAIS – FORTALEZA(CE).
I- Coan, Márluce, orientador. II- Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III- Título.

CDD(22^a ed.) 469.79831

92/09

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Linguística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará, e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho da Dissertação é permitida, desde que seja feita de acordo com as normas científicas.

Fábio Fernandes Torres

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Márluce Coan – Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
1ª. Examinadora

Profa. Dra. Márcia Teixeira Nogueira
Universidade Federal do Ceará (UFC)
2ª. Examinadora

Profa. Dra. Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)
Suplente

Dissertação aprovada em 18 de maio de 2009.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

pelo dom precioso da vida e por sua presença constante em minha vida e em minha história. Meu Senhor, meu amparo, meu refúgio, minha fortaleza, abrigo de minha alma.

À minha família, em especial, aos meus pais Gilson e Áurea,

pela formação de minha personalidade e pelas primeiras lições aprendidas no convívio harmonioso de meu lar. A vida me ensinou que há em mim muito mais de vocês do que eu suponha.

Aos meus avós,

pelo apoio durante todos esses anos de convivência. Sem vocês, os caminhos teriam sido mais longos e a caminhada mais difícil.

À minha tia e amiga Eliônia,

pelo apoio, pelo carinho e pela compreensão. Você foi muito importante nessa etapa de minha vida.

À Márluce Coan, minha orientadora,

pela orientação clara e responsável. Este trabalho não teria alcançado os objetivos a que se propôs se eu não tivesse encontrado em você a confiança, a compreensão e a nobreza de caráter, qualidades já tão conhecidas e elogiadas por seus alunos e orientandos.

Aos meus professores da UFC,

pelas sugestões de textos e pelas discussões durante as disciplinas, em especial, às professoras Márcia Nogueira e Maria Elias, que participaram da qualificação do projeto de pesquisa. O jovem espírito de pesquisador encontrou em vocês o caminho para a maturidade, embora tenha muito a amadurecer.

Aos funcionários e bolsistas do PPGL – UFC,

pela presteza e pela dedicação ao programa e ao curso. Vocês são peças importantes nas pesquisas desenvolvidas no PPGL - UFC.

À FUNCAP e ao CNPq,
pelo suporte financeiro da pesquisa.

Aos meus amigos do PPGL – UFC,
pelas discussões, pelo apoio emocional, pelo incentivo, em especial, às amigas Elaine Cristina, Ana Paula e Fabiana. Muitas foram as vezes que nos apoiamos, nos divertimos juntos e estreitamos nossas relações de amizade, isso foi, para mim, o equilíbrio de que precisava.

Ao amigo Neto,
pelo incentivo a ingressar na pós-graduação. Amigo, é muito bom poder tratá-lo simplesmente assim.

À Gleicyane,
pela dedicação, pela compreensão, pelo companheirismo, pelo carinho, pelo apoio emocional e pelo incentivo. Ainda viveremos muitas outras emoções juntos.

Ao Elvis,
pela cooperação na pesquisa no que se refere à seleção de informantes para a constituição do *corpus*. Sem sua ajuda, este trabalho teria sido muito mais árduo e cansativo.

Às amigas Roseli e Eliane,
pelo carinho e pelo acompanhamento de minha formação desde o primeiro semestre da faculdade. Amigas, essa palavra resume todas as outras.

Aos amigos das Casas de Culturas Estrangeiras da UFC,
pela torcida, pelo incentivo, pelas horas agradáveis de boas conversas. Em vocês, encontrei muito mais do que esperava.

A todos que me incentivaram com palavras, sorrisos, abraços, carinhos e olhares...

AGRADEÇO.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais,
por me provarem que cada dia é uma nova conquista,
que as situações adversas podem ser revertidas a nosso favor,
que se paciência não for suficiente a perseverança o será,

e

À Alice,
minha eternamente querida tia, madrinha e amiga,
pelo carinho, pela proteção, pela compreensão,
pelos ensinamentos, durante o pouco tempo
que nos foi permitido conviver no mesmo plano
(IN MEMORIAN),
DEDICO.

Sempre o *futuro*, sempre! e o presente
Nunca! Que seja esta hora em que se existe
De incerteza e de dor sempre a mais triste,
E só farte o desejo um bem ausente!

Ai! que importa o *futuro*, se inclemente
Essa hora, em que a esperança nos consiste,
Chega... é presente... e só à dor assiste?...
Assim, qual é a esperança que não mente?

Desventura ou delírio?... O que procuro,
Se me foge, é miragem enganosa,
Se me espera, pior, espectro impuro...

Assim a vida passa vagarosa:
O presente, a aspirar sempre ao *futuro*:
O *futuro*, uma sombra mentirosa.

(Antero de Quental, *in Sonetos*)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I	
A EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO: VARIAÇÃO E MUDANÇA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO	20
Apresentação.....	20
1.1. No princípio era o <i>verbo</i>: do latim ao português.....	20
1.2. E o <i>verbo</i> tomou forma: a gramática	23
1.3. O <i>verbo</i> entre nós: estudos variacionistas.....	25
1.4. A nova concepção do <i>verbo</i>: <i>gerundismo</i>	31
Considerações finais do capítulo	35
CAPÍTULO II	
GERUNDISMO: VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO	36
Apresentação.....	36
2.1. Por uma definição de <i>gerundismo</i>	36
2.1.1. Definição de critérios para a variante <i>gerundismo</i>	37
2.1.2. A forma	38
2.1.3. Aspecto e Modalidade.....	39
2.1.4. A natureza temporal.....	44
2.2. O <i>gerundismo</i> em foco: uma consulta a estudantes de pós-graduação em Linguística da UFC.....	46
2.3. A origem do <i>gerundismo</i>: uma hipótese.....	52
2.4. O <i>gerundismo</i> e o preconceito linguístico	55
Considerações finais do capítulo	66
CAPÍTULO III	
TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE.....	67
Apresentação.....	67
3.1. Tempo	67
3.1.1. O tempo verbal.....	68

3.2. Aspecto.....	72
3.2.1. A tipologia de Vendler e as perífrases gerundivas.....	77
3.3. Modalidade.....	80
3.3.1. Modalidade e sua relação com aspecto e tempo.....	81
Considerações finais do capítulo	84
CAPÍTULO IV	
REFERENCIAL TEÓRICO: INTEGRANDO TEORIAS	86
Apresentação.....	86
4.1. Teoria da Variação e Mudança	86
4.2. O Funcionalismo Linguístico.....	95
4.3. Posicionamento teórico: o sociofuncionalismo.....	101
Considerações finais do capítulo	105
CAPÍTULO V	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	107
Apresentação.....	107
5.1. A variável	107
5.1.1. A macrovariável ou macrofunção de tempo futuro.....	107
5.1.2. As subvariáveis.....	108
5.2. Os grupos de fatores.....	111
5.2.1. Linguísticos.....	111
5.2.2. Extralinguísticos	112
5.3. A análise estatística.....	112
5.4. O <i>corpus</i>	113
5.5. A coleta de dados	115
Considerações finais do capítulo	122
CAPÍTULO VI	
ANÁLISE DA VARIAÇÃO DAS PERÍFRASES GERUNDIVAS NA	
CODIFICAÇÃO DE TEMPO FUTURO	124
Apresentação.....	124
6.1. A amostra	124
6.2. Futuro Iminente.....	126
6.3. Futuro Médio	133
6.4. Futuro Resultativo.....	142

6.5. Gerundismo.....	147
6.6. Retomando os pressupostos teóricos.....	154
Considerações finais do capítulo	165
CONCLUSÕES.....	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169
ANEXOS	174

LISTA DE QUADROS E TABELAS

QUADROS

Quadro 01: quadro de distribuição dos informantes

TABELAS

Tabela 1: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 2: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 3: atuação do grupo de fatores *tipo de verbo da primeira posição* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 4: atuação do grupo de fatores *pessoas do discurso* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 5: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 6: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 7: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Tabela 8: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 9: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 10: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 11: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 12: atuação do grupo de fatores *pessoa do discurso* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 13: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 14: atuação do grupo de fatores *marcas de tempo futuro* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 15: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 16: cruzamento dos grupos de fatores *profissão e faixa-etária* futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Tabela 17: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico.

Tabela 18: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico.

Tabela 19: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Tabela 20: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Tabela 21: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Tabela 22: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Tabela 23: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Tabela 24: cruzamento do grupo de fatores *profissão* com o grupo de fatores *faixa-etária* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Tabela 25: atuação do grupo de fatores *tipo de verbo da primeira posição* no uso de *gerundismo* em oposição ao uso de *não-gerundismo*.

Tabela 26: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 27: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 28: atuação do grupo de fatores *tipo de verbo da primeira posição* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 29: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 30: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 31: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 32: atuação do grupo de fatores *pessoa do discurso* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 33: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Tabela 34: cruzamento dos grupos de fatores *profissão* com *tipo de verbo da primeira posição* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

RESUMO

Esta dissertação trata da variação de tempo futuro no português falado em Fortaleza codificado por perífrases gerundivas, a partir de dados de fala de informantes de três diferentes áreas de atuação, coletados por meio de entrevistas sociolinguísticas: vendedores, professores e operadores de *telemarketing*. Esse fenômeno apresenta seis variantes: a) *futuro iminente perifrástico simples*, b) *futuro iminente perifrástico estendido* – que compõem a subvariável *futuro iminente*; c) *futuro médio perifrástico simples*, d) *futuro médio perifrástico estendido* – que compõem a subvariável *futuro médio*; e) *futuro resultativo perifrástico simples* e f) *futuro resultativo perifrástico estendido* – que compõem a subvariável *futuro resultativo*. Trata-se também da variante denominada *gerundismo* para a qual propomos uma definição baseada em critérios tais como forma, aspecto, modalidade e natureza temporal. O referencial teórico é composto pela associação de postulados da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico, resultando na configuração teórica do *Sociofuncionalismo*, proposto por Tavares (2003). A análise é feita em quatro etapas: na primeira, analisamos as variantes de futuro iminente; em seguida, as variantes de futuro médio, depois, as variantes de futuro resultativo e, por último, é dedicada uma seção para análise da variante denominada *gerundismo*. Os resultados confirmam que o fenômeno em estudo é influenciado por fatores de uma natureza distinta: fatores sociais, tais como o sexo e a profissão dos falantes e fatores linguísticos como o tipo do verbo (verbos auxiliares ou modais) e presença de uma marca de tempo futuro.

PALAVRAS-CHAVE: tempo futuro, variação, gerúndio, aspecto, modalidade e referência.

ABSTRACT

This research deals with the variation of future tense with gerund forms in the Portuguese spoken in Fortaleza, from data of speakers of three different professions, collected by means of sociolinguistic interviews: salesmen, teachers and *telemarketing* workers. This phenomenon presents six variants: a) *the imminent periphrastic simple future*, b) *the imminent periphrastic extended future* - that compose the *imminent future variable*; c) *the medium periphrastic simple future*, d) *the medium periphrastic extended future* - that compose *the medium future variable*; e) *the resultative periphrastic simple future*, and f) *the resultative periphrastic extended future* - that compose *the resultative future variable*. We also consider a definition of *gerundismo* based on form, aspect, modality and temporal criteria. The theoretical referential is composed by the association of postulates of the Sociolinguistics Analysis and the Linguistic Functionalism, resulting in the theoretical configuration of the *Sociofuncionalismo*, considered by Tavares (2003). The analysis is performed in four stages: in the first one, we analyze the variants of imminent future; after that, the variants of medium future; later, the variants of resultative future and, finally, a section is dedicated for analysis of the variant called *gerundismo*. Results confirm that the phenomenon under study is influenced by factors of distinct nature: social factors, such as sex and profession of speakers and linguistic factors as type of the verb (auxiliary or modal verbs) and presence of one mark of future tense.

KEY-WORDS: future tense, variation, gerund, aspect, modality and reference.

RÉSUMÉ

Cette dissertation porte sur la variation de temps futur dans le portugais parlé à Fortaleza codifiée par des périphrases avec gérondif, à partir de données de parlants de trois différentes professions, rassemblées au moyen d'entrevues des sociolinguistiques: des vendeurs, des professeurs et des opérateurs en *telemarketing*. Ce phénomène présente six variantes : a) *Le futur imminent périphrastique simple*, b) *Le futur imminent périphrastique élargi* - qui composent la sous-variable *futur imminent* ; c) *Le futur moyen périphrastique simple*, d) *Le futur moyen périphrastique élargi* - qui composent la sous-variable *futur moyen* ; e) *Le futur résultatif périphrastique simple* et f) *Le futur résultatif périphrastique élargi* - qui composent la sous-variable *futur résultatif*. Nous proposons une définition pour la variante nommée *gerundismo* basée sur des critères suivants : la forme, l'aspect, la modalité et le temps. Le référentiel théorique se compose de l'association de postulats de la Sociolinguistique et du Fonctionnalisme Linguistique, résultant dans la configuration théorique du *Sociofonctionnalisme*, proposé par Tavares (2003). L'analyse est faite en quatre étapes: premièrement, nous analysons les variantes de futur imminent; puis, les variantes de futur moyen, ensuite, les variantes de futur résultatif et, finalement, nous consacrons une section pour l'analyse de la variante nommée *gerundismo*. Les résultats confirment que le phénomène analysé est influencé par des facteurs d'une nature distincte: des facteurs sociaux, tels comme le sexe et la profession des parlants et des facteurs linguistiques comme le type du verbe (verbes auxiliaires ou modaux) et la présence d'une marque de temps futur.

MOTS-CLÉS : temps futur, variation, gérondif, aspect, modalité et référence.

INTRODUÇÃO

O português falado no Brasil, a exemplo de qualquer outra língua, apresenta diversidade, fato reconhecido não só por estudiosos da língua, mas também por seus próprios usuários. Essa diversidade instiga linguistas de norte a sul do país a dedicarem-se a estudos de diferentes fenômenos linguísticos, dentre os quais os de natureza variacionista, contribuindo para a descrição do português contemporâneo e para ratificar a assertiva, hoje bastante divulgada, de que as línguas não são estáveis nem imutáveis, mas sofrem processos de variação sistemática, o que significa afirmar que a intervenção sistemática de fatores linguísticos e extralinguísticos numa determinada língua implica variação e pode levá-la à mudança.

Toda e qualquer língua, representativa de qualquer comunidade de fala¹, apresenta variações decorrentes de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, que podem ser observadas num plano sincrônico. Segundo Tarallo (2005), a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada, mas essa heterogeneidade pode ser sistematizada, ou seja, se há duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade – variantes linguísticas que estão em competição em um dado momento – o favorecimento de uma variante e não de outra decorre de circunstâncias linguísticas (condicionamentos internos) e não-linguísticas (condicionamentos externos, tais como sexo, faixa-etária, classe social etc) observáveis.

A linguagem é um fenômeno de natureza social e a relação entre a língua e a sociedade reflete a capacidade de seres humanos usarem um sistema de comunicação oral, a língua, para organizarem suas relações sociais. Sendo a linguagem o principal veículo de interação entre homens em sociedade, através da qual se estabelecem trocas sociais diversas, estudar a linguagem é também uma forma de compreender o comportamento humano e as relações político-sociais estabelecidas. Não raramente, a linguagem é objeto

¹ Labov (1972) define comunidade de fala sob duas perspectivas: (a) um grupo de falantes que compartilham um conjunto comum de padrões normativos em relação à língua e (b) que compartilham um conjunto de atitudes em relação à língua, já que as atitudes sociais sobre os usos linguísticos são uniformes na comunidade de fala.

de estudo de outras áreas das ciências humanas, como a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, mas cabe à Linguística e aos linguistas a tarefa de aventurar-se pelos caminhos, nem sempre planos, da linguagem, para descrever como ocorrem os fenômenos linguísticos.

Dentre os fenômenos da linguagem que são objeto de estudo da Linguística moderna, o fenômeno tempo, como categoria linguística e sua relação com o tempo cronológico, tem causado interesse aos linguistas e tem motivado pesquisas em programas de pós-graduação do país inteiro. Em se tratando de português brasileiro, podemos encontrar as seguintes variantes expressando tempo futuro: a) a forma de futuro simples (“**Louvarei** ao Senhor porque Ele é bom”); b) a forma de presente (“*Amanhã, quando o sol sair, eu louvo* ao Senhor”); c) a forma perifrástica com o verbo ir no presente + infinitivo (“**Vou louvar** ao Senhor porque Ele é bom”); d) a forma perifrástica com o verbo ir no futuro + infinitivo (“**Irei louvar** ao Senhor para sempre”); e) a forma perifrástica com o verbo haver no presente + de + infinitivo (“**Hei de louvar** ao Senhor em seu templo sagrado”); f) a forma perifrástica com o verbo haver no futuro + de + infinitivo (“**Haverei de louvar** ao Senhor em seu Santuário”).

A questão central desta dissertação é o estudo da expressão de tempo futuro por meio de perífrases verbais com gerúndio, especificada em três subvariáveis: *futuro iminente, futuro médio e futuro resultativo*. Esta dissertação procura complementar os estudos realizados sobre as formas verbais de futuro que não se ativeram em descrever e analisar as variantes em questão, em especial, o fenômeno denominado *gerundismo*. Busca, dessa forma, descrever e analisar o uso dessas perífrases, ancorada nos princípios da Sociolinguística e do Funcionalismo Linguístico, contribuindo para a descrição do português falado no Brasil e para o combate ao preconceito linguístico, ao lançar novos olhares sobre o fenômeno em estudo.

Ao propor uma análise sociolinguística do fenômeno em estudo, esta pesquisa procura descrever os condicionamentos linguísticos e extralinguísticos, as diferenças estruturais e funcionais entre essas formas e as implicações deste fenômeno de variação em estudo para o *futuro* da língua, com base em dados de *corpus* coletado pelo pesquisador.

E ao propor uma análise funcionalista, procura interpretar os resultados a partir dos princípios funcionalistas, respeitando as divergências entre as duas teorias, como a concepção de gramática (conjunto de regularidades pressionadas pelo uso – para o Funcionalismo; e conjunto de regras (in)variáveis que governam o uso gramatical a cada

período de tempo – para a Sociolinguística), e convergências (a língua em situações reais de uso, em que falantes reais interagem – como objeto de estudo para ambas), conforme TAVARES, 2003.

No primeiro capítulo, faz-se uma revisão bibliográfica do tema em estudo, tecem-se considerações sobre os usos de tempo futuro desde o latim até o português contemporâneo, apresentam-se considerações sobre o tempo futuro em gramáticas, cotejam-se algumas pesquisas variacionistas que trataram do tema e apresenta-se o fenômeno denominado *gerundismo*.

No segundo capítulo, discute-se o status do fenômeno comumente chamado de *gerundismo*, para o qual se propõe uma definição e uma hipótese sobre sua incorporação no português brasileiro contemporâneo, apresentam-se os resultados de uma consulta feita com estudantes da pós-graduação em Linguística da UFC sobre esse fenômeno e trata-se de preconceito linguístico.

No terceiro capítulo, discutem-se as categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência – TAMR e as implicações dessas categorias para a interpretação e codificação da expressão de tempo futuro em Língua Portuguesa.

No quarto capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos da Sociolinguística e do Funcionalismo, bem como uma discussão sobre o *Sociofuncionalismo*, configuração teórica que pressupõe o casamento dessas duas teorias (conforme Tavares, 2003), partindo-se de convergências e divergências.

No quinto capítulo, trata-se dos procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa, dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos controlados, da coleta de dados e do tratamento estatístico mediante o programa VARBRUL.

No sexto capítulo, apresentam-se os resultados provenientes da análise dos dados coletados para esta pesquisa, testam-se os grupos de fatores para comprovar ou refutar hipóteses levantadas que tentam explicar a frequência de uso das perífrases gerundivas em português contemporâneo e retomam-se os pressupostos teóricos que guiaram esta pesquisa.

Nas conclusões, apresentam-se, de forma bastante resumida, os resultados alcançados por esta pesquisa, as limitações e são propostos outros trabalhos que possam contribuir para a compreensão do fenômeno em estudo.

1. A EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO: VARIAÇÃO E MUDANÇA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

APRESENTAÇÃO

A expressão de tempo futuro em Língua Portuguesa é, reconhecidamente, um fenômeno em variação, cuja codificação pode ser expressa pelo futuro do presente simples, pelo presente do indicativo, pelo futuro perifrástico (perífrase com o verbo *ir* ou com o verbo *haver*) e pelas perífrases gerundivas², que se destacam por serem consideradas como formas emergentes na língua, algumas delas, pejorativamente chamadas de *gerundismo*.

Neste capítulo, (a) discutiremos a codificação de tempo futuro em português desde o Latim, (b) verificaremos como se deu a prescrição na gramática normativa, (c) resenharemos alguns estudos variacionistas que trataram do tema em estudo e, por fim, (d) trataremos de sua variação por meio de perífrases gerundivas, objeto de estudo desta dissertação.

1.1. No princípio era o *verbo*: do latim ao português

A língua falada na planície do Lácio, conforme Almeida (1980), flexionava os tempos verbais em voz ativa e passiva. O tempo futuro³ era dividido em dois tempos: o futuro imperfeito e o futuro perfeito ou anterior. Vejamos, a seguir, exemplos da conjugação do tempo futuro em latim e a correspondência em Português.

O FUTURO IMPERFEITO NA VOZ ATIVA

Latim

corresponde em Português

² Essas perífrases serão apresentadas no capítulo II, quando trataremos de gerundismo, no capítulo V, quando exporemos a metodologia desta dissertação e no capítulo de análise.

³ O gramático acrescenta que não existem em latim: 1) futuro do pretérito (condicional), que se substitui por formas do subjuntivo; *amaria* (futuro do pretérito simples) corresponde ao presente ou ao imperfeito do subjuntivo latino; *teria amado* (futuro do pretérito composto) corresponde ao mais-que-perfeito do subjuntivo latino; 2) futuro do subjuntivo, que se substitui pelo futuro do presente: quando eu souber (futuro do subjuntivo) é a frase que em latim fica “quando eu saberei”; quando eu tiver terminado (futuro composto do subjuntivo) em latim equivale a “quando eu terei terminado”. (ALMEIDA, (1980, p. 207)

<i>amabo</i>	<i>amarei</i>
<i>amabis</i>	<i>amarás</i>
<i>amabit</i>	<i>amará</i>
<i>amabimus</i>	<i>amaremos</i>
<i>amabitis</i>	<i>amareis</i>
<i>amabunt</i>	<i>amarão</i>

FUTURO IMPERFEITO DE VOZ PASSIVA

Latim	<i>corresponde em Português</i>
<i>amabor</i>	<i>serei amado</i>
<i>amaberis ou amabere</i>	<i>serás amado</i>
<i>amabitur</i>	<i>será amado</i>
<i>amabimur</i>	<i>seremos amados</i>
<i>amabimini</i>	<i>sereis amados</i>
<i>amabuntur</i>	<i>serão amados</i>

O FUTURO PERFEITO OU ANTERIOR DE VOZ ATIVA

Latim	<i>corresponde em Português</i>
<i>amavero</i>	<i>tereí amado</i>
<i>amaveris</i>	<i>terás amado</i>
<i>amaverit</i>	<i>terá amado</i>
<i>amaverimus</i>	<i>teremos amado</i>
<i>amaveritis</i>	<i>tereis amado</i>

amaverint

terão amado

FUTURO PERFEITO DE VOZ PASSIVA

Latim

corresponde em Português

amatus, -a, -um ero

terei sido amado

amatus, -a, -um eris

terás sido amado

amatus, -a, -um erit

terá sido amado

amati, -ae, -a erimus

teremos sido amados

amati, -ae, -a eritis

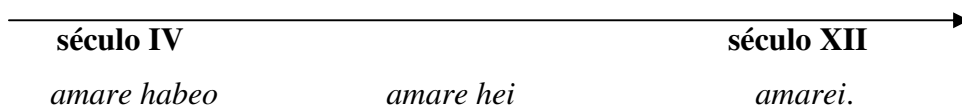
tereis sido amados

amati, -ae, -a erunt

terão sido amados

Da observação do quadro de conjugação acima, conclui-se que, com exceção ao *futuro perfeito de voz passiva*, o tempo futuro em latim era codificado por uma forma simples em ambas as vozes. Ao se acrescentar ao tema *ama-* a desinência modo-temporal *-b-* e a de número-pessoal *-o*, ter-se-á *amabo*, que traduzimos para o português por ‘amarei’. Mas essa tradução corresponde apenas ao plano do conteúdo, uma vez que a forma *amabo*, caso tivesse evoluído para o português teria resultado em *amavo*, com a mudança do *b* intervocálico para *v*, que é a regra normal de evolução do latim ao português, conforme se verifica em *amava*, proveniente de *amabam*; em *fava* de *faba(m)*, em *cavalo* de *caballu(m)*.

A forma portuguesa *amarei* não se originou de uma forma simples como *amabo*, mas da combinação do infinitivo *amare* com o presente do indicativo do verbo *habere*. Segundo Câmara Jr (1985), a forma composta pelo verbo *habere*, flexionado no presente + verbo principal no infinitivo, empregada inicialmente com um valor modal *deôntico* (*amare habeo* = *devo amar, hei de amar*), passou a expressar um valor futuro puro a partir do século IV. Embora em latim a ordem das palavras não fosse fixa, o linguista afirma que por volta do século XII, a forma aglutina-se ao verbo principal, conforme diagrama abaixo:



A perífrase com o auxiliar *habere* foi produtiva na formação do futuro sintético nas línguas românicas *eu amarei* (português), *j'aimerrai* (francês), *yo amaré* (espanhol), *io amarè* (italiano). Oliveira (2006) afirma que a perífrase *haber + infinitivo* é documentada até hoje em português e francês, tendo sido até o século XIX a variante mais concorrente com o *futuro simples*, empregada com o um matiz semântico de prospecção, mantendo-se ainda hoje esse traço em novas perífrases, como, por exemplo, as com o verbo *ir* (no português – *vou amar*, e no espanhol – *voy a amar*) e *aller* (no francês – *je vais aimer*) seguidos de infinitivo.

1.2. O verbo tomou forma: a gramática

A grande maioria das gramáticas de Língua Portuguesa limitam-se a apresentar o futuro do presente (simples ou composto) como formas de expressão dessa categoria. Alguns gramáticos, contudo, quando versam sobre o emprego dos tempos e modos, admitem que o presente possa exprimir tempo futuro próximo, devendo vir acompanhado de um advérbio de tempo para evitar ambiguidades. As gramáticas históricas da Língua Portuguesa tratam o futuro sob duas perspectivas: *o futuro imperfeito* – equivalente ao futuro simples nas gramáticas tradicionais – e *o futuro perfeito* (também chamado de futuro anterior ou passado) – equivalente ao futuro composto.

O tempo futuro é definido por Barboza (1830) como

(...) toda existência quer começada, quer continuada, quer acabada dos seres, que se lhe hão de seguir; e bem assim, por ordem a todos os tempos, a existência meramente possível das couzas, que nunca existirão, nem hão de existir, mas que poderão existir, dada certa hypothese. (BARBORZA, 1830, p. 204),

que o subdivide em *futuro perfeito* (futuro do presente simples do indicativo) e *futuro imperfeito* (futuro do presente composto). A noção de *tempo imperfeito*, conforme Barboza, diz respeito aos tempos que exprimem durações não-acabadas, que são continuações dentro dos espaços, “*que correm ou até à epocha da palavra, ou no tempo desta, ou depois della*”(p. 104) e à noção de *tempo perfeito* corresponde uma existência acabada, porque são tempos momentâneos: “*o que cessa de existir, cessa em um instante do período ou actual, ou anterior ou posterior; e estes instantes não se toçã, como os períodos, para se poderem trocar*” (p. 104). É uma definição baseada em noções aspectuais de duração no espaço e no tempo, importantes para a discussão que se fará para

a definição de *gerundismo* no capítulo II. O *futuro perfeito*, portanto, é definido como um futuro acabado e concluído em relação a outro tempo futuro : *Amanhã, ao nascer do sol, antes de tu chegares*, terei partido (BARBOZA,1980, p. 222, itálicos do autor); o *futuro imperfeito* é definido como exprimindo uma existência posterior ao momento de fala (*Serei*), começada e por concluir (*Haverei de ser*), ou continuada (*Estarei sendo*), podendo ser também uma existência indeterminada e não-acabada (*Eu serei presente; Eu haverei ou terei de ser presente; Eu estarei presente amanhã à tua partida*)⁴.

Pereira (1923) define tempo futuro, levando em conta o sentido etimológico da palavra *futurus* – aquilo que há de ser –, sendo empregado para exprimir uma ação em um tempo que há de vir. O gramático adverte-nos que o futuro é divisível em duas formas: a) *uma simples ou futuro imperfeito* – assim chamada por exprimir uma mera futuridade e anunciar uma ação realizável –, constituída historicamente da perífrase *amare + habeo* do latim; b) *outra composta ou futuro perfeito* – também conhecido por futuro anterior ou passado por exprimir um fato anterior a um outro fato mais afastado (terei ou haverei amado). Pereira afirma ter o futuro simples duas aplicações secundárias: a) para o imperativo – em prescrições e mandamentos (*Não furtarás*); b) para exprimir uma dúvida ou afirmação atenuada (*Não sei se a guerra acabará este anno*)⁵.

Dias (1970) também trata o tempo futuro como divisível em *perfeito e imperfeito*. O *imperfeito*, segundo o autor, serve para exprimir uma ação futura em relação ao tempo presente ou para representar uma ação como possível; o *perfeito* serve para exprimir uma ação futura consumada em relação à outra ação futura (*Quando elle chegar, já terei jantado*)⁶.

As gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa apresentam apenas *o futuro do presente (simples e composto) e o futuro do pretérito (simples e composto)* como formas de expressão de tempo futuro. Alguns gramáticos, como Cunha (1986), admitem que o futuro simples é empregado com certa raridade e que, na conversação, costuma-se substituí-lo por locuções constituídas por: a) presente do indicativo do verbo *haver* + preposição *de* + infinitivo do verbo principal (*Desço ao quintal... Que rosas hei de colher?!*), para exprimir

⁴ Os exemplos são de Barboza, 1980, p. 222.

⁵ Os exemplos são de Pereira, 1923, p. 502.

⁶ O exemplo é de Dias, 1970, p. 194.

intenção de realizar um ato futuro; b) presente do indicativo do verbo *ter* + preposição *de* + infinitivo do verbo principal (*Não sou mais extenso porque tenho de atender a todo o instante ao doentinho que exige agora a nossa atenção*), para indicar ação futura de caráter obrigatório, independente da vontade do sujeito; c) presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal (*Parece-me que vai sair o Santíssimo, disse alguém no ônibus*), para indicar uma ação futura imediata⁷. Cunha admite, também, que o presente possa ser usado para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para evitar ambiguidades, deve ser acompanhado por adjunto adverbial.

Bechara (2003) limita-se a afirmar que o uso do presente pelo futuro do indicativo serve para indicar, com ênfase, uma decisão. O gramático admite que as locuções têm aplicações variadas na língua e que muitas vezes o auxiliar empresta um matiz semântico ao verbo principal, dando origem aos aspectos do verbo⁸. Bechara (2003, p. 230-232) passa a descrever as aplicações dos verbos auxiliares em Língua Portuguesa, na formação de locuções verbais, mas em nenhum momento afirma estarem essas formas em competição na codificação de tempo futuro.

1.3. O verbo entre nós: estudos variacionistas

Muitas são as pesquisas que trataram da variação da expressão de tempo futuro no português contemporâneo brasileiro, com o objetivo de descrever as formas em variação, dentre as quais destacamos: Gibbon (2000), Tafner (2004) e Oliveira (2006)

Gibbon (2000) usou dados do projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), que envolve quatro universidades do sul do país – UFSC, UFPR, UFRGS e PUCRS) – e que tem como objetivo investigar e descrever fenômenos de variação e mudança nas comunidades do sul do Brasil. A autora selecionou dados de fala de 36 informantes nativos de Florianópolis, distribuídos de forma homogênea em relação às variáveis: sexo, idade (15 a 24, 25 a 49 e + de 50 anos) e escolaridade (primário, ginásial e colegial). A autora selecionou as formas variantes do presente do indicativo (ex.: *estudo amanhã*), a forma perifrástica (ex.: *vou estudar amanhã*) e futuro simples (ex.: *estudarei*

⁷ Os exemplos são de Cunha, 1986, p. 439-440.

⁸ No caso da perífrase gerundivas, objeto desta pesquisa, não apenas noções aspectuais são acrescentadas à expressão de futuro, mas também diferentes modalidades: *epistêmicas* (as rádio vão *ta sempre tocando* músicas – exemplo retirado do *corpus* coletado pelo pesquisador) ou *deônticas* (*tem que ta trabalhando* numa coisa útil – exemplo retirado do *corpus* coletado pelo pesquisador).

amanhã) por considerar as mais frequentes na expressão de tempo futuro. Para compor a variável, a autora levou em conta o fato de as variantes serem empregadas em um mesmo contexto de futuridade, a ponto de a variação permitir a substituição entre as formas variantes, sem comprometer o significado, em um mesmo contexto (*A seleção vai ter em março, de repente, faço carreira* – exemplo de Gibbon)⁹. Na amostra selecionada para a pesquisa – 919 ocorrências – apenas 1% das ocorrências foi de futuro simples, a perífrase (ir + infinitivo) foi a forma mais usada. Dentre os grupos de fatores controlados pela autora, foram relevantes, estatisticamente, os seguintes:

(a) número de sílabas do verbo principal (a autora considerou o número de sílabas do verbo no infinitivo para verificar se verbos com mais de uma sílaba favorece o uso da perífrase. A autora chegou a conclusão que “não é porque o verbo tem mais de uma sílaba que a perífrase fica inibida, mas porque IR, que tem uma sílaba, inibe categoricamente a perífrase”(GIBBON, 2000, p. 105.));

(b) tipo de verbo auxiliar (o verbo *ir* foi o que mais favoreceu a forma perifrástica, seguido de verbos como *ter que, dever e precisar*, e do verbo *querer*, respectivamente; o verbo *poder* foi o que mais inibiu a perífrase, entre os fatores desse grupo);

(c) tempo/modo da oração vinculada ao dado (a perífrase tende a aparecer vinculada aos tempos do modo *indicativo* e é fortemente inibida pelo *subjuntivo*);

(d) paralelismo formal (*a presença de uma forma perifrástica* favoreceu o uso do futuro perifrástico);

(e) tipo semântico do verbo principal (os fatores *verbos de estado e outro tipo de verbo* – não categorizados como de movimento nem de estado- favoreceram o uso da perífrase);

(f) ponto de referência (o fator *futuro cotemporal* favoreceu o uso da perífrase);

(g) pessoa do discurso (o fator *interlocutor* - 1ª e 2ª pessoas do singular e plural - favoreceu a perífrase por denotar mais certeza e intencionalidade que o *não- interlocutor* - 3ª pessoa do singular e plural) e

⁹ Por permitir a substituição, estamos querendo dizer que o falante poderia selecionar quaisquer formas para expressar o tempo futuro: vai ter (terá, há de ter, tem) faço (farei, hei de fazer, vou fazer).

(i) idade (o fator *faixa-etária mais jovem* – amalgamação de duas faixas etárias: 14 – 24 anos e 25 – 49 anos – favoreceu o uso da perífrase).

Tafner (2004) pesquisou as expressões de tempo futuro a partir de dados de sessões plenárias da Assembléia Legislativa dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, manifestadas pelas formas estar (morfema de futuro do presente) + verbo principal (gerúndio); ir (presente) + estar + verbo principal (gerúndio); estar (presente) + verbo principal (gerúndio); em contraste com as outras formas possíveis de se codificar o tempo futuro: futuro do presente do indicativo; ir (presente) + verbo principal (infinitivo); ir (morfema de futuro do presente) + verbo principal (infinitivo); presente do indicativo. Dentre os grupos de fatores testados pela autora, foram estatisticamente relevantes:

(a) traço aspectual do verbo (*achievement* e *estado* favorecem futuro simples; *achievement* favorece a perífrase; *accomplishments* e *atividades* favorecem as construções gerundivas);

(b) traço semântico inerente ao verbo principal (futuro simples foi favorecido por verbos cuja idéia de movimento é deslocamento no espaço; a perífrase por verbos cuja idéia de movimento é restrita ou inexistente; presente e as perífrases gerundivas não foram influenciados por esse grupo de fatores);

(c) fonte do dado (o futuro simples é mais empregado estatisticamente em *Porto Alegre*; os dados mostraram uma tendência de uso das construções gerundivas em *Curitiba*; em *São Paulo* o contexto ainda é de ampla variação entre as formas pesquisadas);

(d) modalidade (o fator *possibilidade epistêmica*- casos em que havia a idéia de possibilidade de ocorrência de um evento - mostrou favorecer a ocorrência de futuro simples; a perífrase foi levemente favorecida pelo fator *extremo epistêmico* – aqueles casos em que o falante expressa certeza da realização de um evento no futuro – as perífrases gerundivas não foram influenciadas por esse grupo de fatores);

(e) pessoa do discurso (as construções gerundivas foram favorecidas pela 1ª pessoa, as demais variantes apresentaram comportamento irregular em relação a esse grupo de fatores);

(f) estimativa temporal (a *estimativa temporal curta* para ocorrência da situação favoreceu o uso das perífrases gerundivas e do futuro simples; o futuro perifrástico foi favorecido por *estimativa temporal média e indeterminada*; o presente mostrou-se favorecido por *estimativa temporal curta*) e

(g) assunto (as locuções gerundivas são mais frequentes em *ocasiões especiais* como despedidas e homenagens, o futuro simples é mais empregado quando o assunto não tem ligações com *temas sociais*).

Ao terminar a pesquisa, a autora postula que, além de aspecto, as construções com gerúndio estariam desempenhando outras funções como tempo e modalidade, figurando como variantes capazes de expressar tempo futuro na Língua Portuguesa.

A tese de Oliveira (2006) trata da expressão do futuro verbal na norma culta – utilizada por pessoas com nível superior (curso universitário) completo – falada e escrita de Salvador e do Rio de Janeiro, dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista, com base em dados empíricos, recolhidos nas décadas de 1970 e de 1990. Embora não se atenha, em sua pesquisa, às formas de futuro combinadas com o gerúndio, a autora reconhece a necessidade de um estudo desse tipo e aponta que essas construções, *ir + estar + gerúndio*, entraram em uso muito recentemente no português do Brasil e estão caracterizando o discurso formal, principalmente nas áreas de Administração e de Vendas (sobretudo no *Telemarketing*), dirigido ao cliente. A autora encontrou exemplos de *gerundismo* do tipo “Só um instante, senhora, que *eu vou estar imprimindo* a fatura da senhora” (OLIVEIRA, p. 197) e fez questão de citá-los para incentivar outras pesquisas. Oliveira fez rodadas diferentes para inquéritos do tipo DID (diálogos entre informante e documentador) e EF (elocuções formais – aulas, palestras e conferências) e foram relevantes os seguintes grupos de fatores:

A autora, comparando os resultados relativos aos dados de fala mais formal (EFs) com os de fala menos formal (DIDs), todos da década de 70 do século XX e todos de falantes com nível superior completo, chegou às seguintes conclusões, levando-se em conta os grupos de fatores selecionados por um e/ou outro estilo de fala:

a) quanto ao ‘Paradigma verbal’, em ambos os estilos/registros de fala, a perífrase é mais usada com verbos regulares, que seguem o padrão geral. A variável estilística mostra, entretanto, que a concorrência entre forma simples e

forma analítica é mais acentuada na fala mais formal e bem mais tênue na fala menos formal;

b) quanto ao ‘Papel temático do sujeito’, o sujeito agente é o que mais seleciona a forma perifrástica, seguido do sujeito experienciador em ambos os tipos de texto, ficando o sujeito paciente mais favorecedor ao uso do futuro simples. A estratificação é, pois, a mesma, sendo o estilo menos formal apenas revelador de índices de frequência um pouco mais altos do que os respectivos encontrados no estilo mais formal;

c) quanto ao ‘Paralelismo sintático-discursivo’, em ambos os estilos/registros de fala, a perífrase funciona como “gatilho” para as ocorrências posteriores. A variável estilística mostra também que, na fala menos formal, a perífrase tem índices maiores de uso quando aparece como ocorrência única e que o futuro simples é menos usado após uma ocorrência de perífrase na fala mais formal;

d) quanto à ‘Contingência do futuro’, em ambos os estilos/registros de fala, a perífrase é mais usada ao se referir a um futuro assumido¹⁰. A variável estilística mostra, porém, que, na fala menos formal, a perífrase já invade também o contexto de futuro contingente, anulando, quase, em termos percentuais, a diferença entre os dois tipos de futuro;

e) quanto à ‘Projeção de futuridade’, também os resultados são semelhantes. Tanto em EFs como em DIDs, a perífrase é promovida quando o futuro é próximo ou indefinido e é menos usada quando o futuro é distante. Mais uma vez, o estilo/registro menos formal apenas diminui a distância percentual entre os fatores, diminuindo a concorrência entre as variantes;

f) quanto ao ‘Sexo/gênero do informante’, a diferença de estilo/registro mostra uma melhor estratificação do fenômeno na fala mais formal, sendo praticamente neutralizadas as falas feminina e masculina nos DIDs;

g) quanto à ‘Faixa etária do informante’, o estilo/registro mais formal deixa transparecer um processo de mudança em progresso (no tempo aparente) e o registro menos formal revela um padrão curvilíneo de variação estável. Este foi o único grupo de fatores que distinguiu as EFs dos DIDs. Devido à diferença quantitativa de dados entre esses dois tipos de texto, porém, seria necessário um estudo mais detalhado para melhor compreender esse resultado divergente;

h) finalmente, quanto à ‘Procedência geográfica do informante’, os dados revelam que, em ambos os estilos/registros, Salvador favorece o uso do futuro simples. A cidade do Rio de Janeiro é insensível ao estilo/registro de fala, ao passo que a cidade de Salvador apresenta um peso relativo maior para a perífrase no estilo/registro mais formal, o que pode ser decorrência também da má distribuição dos dados¹¹. (OLIVEIRA, 2006, p. 133-134)

A autora também comparou esses resultados com os obtidos com os dados da década de 90 do século XX e chegou aos seguintes resultados:

¹⁰ Entende-se por futuro assumido (ou -contingente), segundo a autora, aquele que é tido como mais certo ou bastante provável.

¹¹ Embora tenha sido selecionada a mesma quantidade de inquérito nas duas cidades, Salvador e Rio de Janeiro, há uma diferença na quantidade de dados, tanto em EFs (153 dados em Salvador e 287 no Rio de Janeiro) e quanto em DIDs (23 dados em Salvador e 166 no Rio).

a) quanto à ‘Extensão fonológica do verbo’, em ambas as décadas, a perífrase se implementa em verbos com maior número de sílabas. Na década de 90, as formas monossilábicas parecem constituir o principal contexto de resistência do futuro simples;

b) quanto ao ‘Papel temático do sujeito’, na década de 70, a perífrase é mais usada com sujeito agente, sendo mais inibida com sujeito paciente e ficando o sujeito experienciador em posição intermediária. Já na década de 90, há um espraiamento do futuro perifrástico: ele aumenta em uso tanto nos sujeitos agente e experienciador, chegando mesmo a ser categórico no sujeito paciente, o que permite concluir por uma escala sujeito agente > sujeito experienciador > sujeito paciente;

c) quanto ao ‘Paralelismo sintático-discursivo’, é interessante notar que, na década de 90, o futuro simples não mais ocorre numa cadeia que tem como “gatilho” a forma perifrástica, mas o inverso é verdadeiro, chegando mesmo a perífrase a ser usada em 84% dos dados em que o “gatilho” é a forma sintética. Em se tratando de ocorrência isolada ou a primeira de uma sequência, a perífrase também é majoritária e cresce em uso no intervalo de tempo considerado, o que revela que não há mais condicionamento desse grupo de fatores;

d) quanto à ‘Projeção de futuridade’, na década de 70, o futuro próximo (projetado para até um ano a partir do momento da enunciação) é o que mais favorece o uso da perífrase. Na década de 90, a regra passa a ser categórica para esse tipo de futuro, complementando-se, portanto, nesse contexto. E mesmo o futuro distante, que, nos anos 70, inibia a regra (peso.33), seleciona a perífrase em 83% dos dados nos anos 90, época em que até o futuro indefinido (não pontuado cronologicamente) apresenta uso da forma perifrástica em quase 100% dos dados;

e) quanto ao ‘Sexo/gênero do informante’, em ambas as décadas, homens e mulheres têm comportamentos paralelos. Nos anos 90, observa-se que os homens mais velhos são mais conservadores do que as mulheres da mesma faixa de idade, o que permite concluir que as mulheres lideram o processo de mudança no sentido do uso da perífrase;

f) quanto à ‘Faixa etária do informante’, configura-se, apenas para a década de 90, uma mudança em progresso (considerado o tempo aparente), porém quase concluída, pois, embora os mais jovens liderem o processo, os percentuais de cada faixa de idade são altos e são muito pequenas as diferenças entre eles;

g) quanto à ‘Procedência geográfica do informante’, de uma década para a outra, observa-se menor progressão da variante inovadora na cidade do Rio de Janeiro (o futuro perifrástico ganha de longe do futuro simples já na década de 70) e uma forte progressão na cidade de Salvador, mais “conservadora” nos anos 70. Essa tendência parece indicar uma redução das diferenças horizontais, pelo menos no que tange a mudanças morfossintáticas. (OLIVEIRA, 2006, p. 151-152).

Baseada nos dados de sua pesquisa, em que confrontou dados da década de 70 e de 90 do século XX, a autora concluiu que há uma predominância na escrita de futuro simples e, na fala, de futuro perifrástico, muito embora haja uma tendência de a perífrase se estender para a modalidade escrita, sendo o futuro simples cada vez menos usado na fala

informal e formal. Oliveira afirma ainda que quase não restrições linguísticas nem sociolinguísticas ao uso da forma inovadora (perífrase) e que o presente, codificando futuro, é uma variante à margem da concorrência entre o futuro simples e o perifrástico. Suas conclusões podem ser melhor compreendidas nas seguintes afirmações:

a) considerando o tempo real de longa duração, a hipótese de uma inversão parcial (futuro simples para a escrita e futuro perifrástico com ir + infinitivo para a fala) se mantém sincronicamente, embora os estudos de tendência para a fala e para a escrita apontem para uma mudança em progresso (futuro simples > futuro perifrástico), mais controlada na escrita e mais avançada na fala;

b) considerando o tempo real de curta duração, como o futuro perifrástico tende a se implementar cada vez mais na fala, haja vista o decréscimo que sofreu, num intervalo de mais ou menos vinte anos, na faixa mais avançada de idade e o seu espraiamento por contextos que antes favoreciam a forma sintética, considerada apenas essa modalidade, configura-se um quadro de mudança em progresso quase concluída. (OLIVEIRA, 2006, p. 195).

Contudo, a língua, por ser dinâmica e heterogênea, está em constante variação e o tempo futuro ainda intriga estudiosos da linguagem e nos instiga a nos lançarmos por fenômenos outros, supostamente emergentes, como é o caso das perífrases gerundivas.

1.4. A nova concepção do verbo: gerundismo

O futuro possui, conforme Fiorin (1996), um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, já que seu valor de verdade não pode ser determinado no momento da enunciação, pois expressa asserções que dependem da avaliação que o enunciador faz da necessidade, possibilidade ou impossibilidade de um determinado estado de coisas. Tal peculiaridade, segundo Gibbon (2000), permite afirmar que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal e faz do tempo futuro o mais polêmico dos tempos verbais. A polêmica torna-se maior quando se trata da expressão de tempo futuro em perífrases verbais com gerúndio. Essa forma verbal, a exemplo do que ocorre com o infinitivo, alia-se a outros verbos para expressar tempo futuro, formando perífrases, algumas delas com até três verbos: (i) verbo flexionado no futuro do presente + verbo principal no gerúndio; (ii) verbo auxiliar no presente + verbo principal no gerúndio; (iii) verbo auxiliar ou modal + infinitivo + gerúndio.¹² Embora seja uma forma amplamente usada em português brasileiro, o gerúndio parece não gozar do mesmo prestígio que as outras formas nominais do verbo e seu uso na língua moderna, em perífrases que

¹² No capítulo seguinte, apresentaremos essas variantes.

expressam tempo futuro, tem sofrido preconceitos. Mas o preconceito não se restringe ao uso do gerúndio em perífrases verbais expressando tempo futuro. Conforme Menon (2004), há puristas que condenam seu uso sob o pretexto de que o gerúndio empobrece o texto e de que seu emprego não ocorre no português europeu. Said Ali (2006)¹³ afirma que a opinião de que o gerúndio não ocorre no português europeu não pode ser confirmada e que o uso do gerúndio não pode ser levado à conta de “linguagem suspeita ou de modernice desmascarada”. O linguista levanta exemplos¹⁴ retirados de Camilo Castelo Branco, Frei Luís de Sousa e Camões para comprovar que o gerúndio é usado tanto em português europeu quanto em português brasileiro. Menon (2004), a exemplo de Said Ali, cita exemplos de textos antigos e modernos do português europeu, em que o gerúndio é uma forma recorrente, inclusive em perífrases verbais.

Conforme Tafner (2004), o caráter de estigma não se restringe apenas à construção *verbo auxiliar + estar + gerúndio*, comumente chamada de *gerundismo*, mas se entende também às construções *estarei + gerúndio*. Como se trata de um registro novo no português – pelo menos, não é de nosso conhecimento que o *gerundismo* tenha sido tratado em gramáticas da Língua Portuguesa (BECHARA, 2003; CUNHA, 1986; CUNHA, CINTRA, 2001; LUFT, 1976; ROCHA LIMA, 2001), - o fenômeno quase sempre tem sido visto de forma preconceituosa, recebendo juízo de valor baseado em questões de gosto e estilo¹⁵.

Para Possenti (2003), as formas “*ir + estar + gerúndio*” estão em perfeito acordo com a sintaxe do português, são absolutamente gramaticais. O autor afirma não ser a mesma coisa dizer “vou mandar” e “vou estar mandando”, enquanto a primeira locução marca apenas o futuro, a segunda marca futuro e duração.

¹³ Texto inicialmente publicado na Revista de Língua Portuguesa, Nº 4, março de 1920.

¹⁴ Said Ali (2006, p. 60 -66) não nos dá a referência completa dessas obras, mas transcrevemos aqui alguns exemplos selecionados pelo linguista: 1) *Vista de jardim. Escada ao fundo SUBINDO para um ângulo visível da casa* (CASTELO BRANCO, Camilo. *Boêmia do Espírito*. Porto, 1903, p. 53); 2) *Acudiam cartas do nosso arcebispo a miúde, escritas com muito calor, e PEDINDO a Sua Santidade declarasse a preeminência conhecida da Igreja de Braga sobre todas as de Espanha, AFIRMANDO constantemente que doutra maneira se não nos autos do Santo Concílio que cada hora se esperava se comesasse* (SOUSA, Frei Luís de. *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Mártires*, 2º tomo, edição rolandiana, p. 221.); 3) *Não faltam ali os raios, os trêmulo cometas IMITANDO* (CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Canto 2, 90).

¹⁵ Na verdade, não parece haver dúvida de que o gerundismo seja um fenômeno novo português, logo não há motivação para ser tratado nas gramáticas normativas da língua.

Perini (1995), ao analisar a frase “Manuel *vai estar contando* piadas”, afirma ser uma frase bem formada porque (a) o auxiliar no infinitivo (*estar*) é precedido de uma forma de *ir* e o gerúndio é precedido do auxiliar *estar* e (b) o infinitivo vem antes do verbo no gerúndio. Perini acrescenta que qualquer desobediência a essas regras dá como resultado uma frase mal formada ou, então, uma frase em que os dois verbos não formam um predicado complexo.

Em artigo intitulado “O gerúndio é só o pretexto”, assinado por Pereira Jr. (2005), são discutidas questões como nível de formalidade e grau de compromisso, com base em opiniões de professores como Maria Helena de Moura Neves e Evanildo Bechara. Segundo Neves, quando se diz ‘vou passar seu recado’, a referência é para a ação em si. Não se atém à sua duração. Com isso, amarra-se um compromisso, pois se garante que ele se cumprirá. Ao se usar o *gerundismo*, a ênfase passa a ser outra, afirma a professora, que não diz qual seria essa ênfase. Para Bechara, o que está em jogo pode ser a própria certeza do diálogo, o presente, “escrevo”, dá-nos certeza, “escreverei”, o futuro, pode ocorrer ou não, já na construção “vou estar escrevendo”, acrescenta-se a idéia de promessa, de não-compromisso com a noção de futuro. Para o gramático, *gerundismo* marca a oposição entre promessa e esperança. Em conformidade com Bechara, podemos acrescentar que as outras formas de futuro expressam esperança para o interlocutor de que a ação se realizará - embora sejam apenas intenções por parte do locutor, essas construções selam algum tipo de compromisso, mesmo não marcando a certeza de sua realização -, enquanto que o *gerundismo* marca promessa por parte do locutor sem necessariamente marcar esperança de que essa ação se realizará, o locutor não se compromete com o interlocutor, marca, de antemão, a possibilidade de a ação não ser realizada, retirando de si a responsabilidade direta por sua realização.

Ao analisar uma frase em que aparece a sequência *ir + estar + gerúndio*, Sousa (1998) afirma que a frase expressa, simultaneamente, a dimensão aspectual através de *estar + gerúndio* e a dimensão temporal prospectiva, através do verbo *ir* na condição de auxiliar.

Nesse tipo de perífrase, Sousa diz que há a combinação das dimensões temporais e aspectuais, mas foi encontrado baixo número de ocorrências¹⁶.

Entre os textos que circulam na internet, em jornais e em revistas, o *gerundismo* tem sido tratado, de maneira preconceituosa, como vício de linguagem, praga, doença, mania, modismo, registro não-padrão, propagando-se a idéia de que essa construção é oriunda de traduções mal feitas do inglês, usadas por atendentes de *telemarketing*. Segundo Freire (2007a)¹⁷, em artigo intitulado *Manifesto Antigerundista*¹⁸, tudo começou quando alguém precisou traduzir uma frase do tipo “We'll be sending it tomorrow” por “Nós vamos estar mandando isso amanhã”.

Segundo Menon (2004), essa afirmação não se sustenta porque: a) os brasileiros teriam de ser bilíngues português-ínglês e dominarem tal língua a ponto de permitir que a estrutura de uma língua interferisse na outra; b) a afirmação baseia-se na idéia de que basta o falante ouvir uma forma para passar a produzi-la *incontinenti*; c) a afirmação não leva em conta o fenômeno de variação/mudança que envolve as formas de futuro em português brasileiro, principalmente na linguagem oral, em que o futuro simples está sendo substituído pela forma perifrástica (ir + infinitivo). Para a autora, a diferença entre as construções (i) *Amanhã, a essa hora, estaremos tomando sol na praia*, (ii) *Amanhã, a essa hora, estaremos mergulhando no mar* e as construções (iii) *Amanhã, a essa hora, vamos estar tomando sol na praia*, (iv) *Amanhã, a essa hora, vamos estar mergulhando no mar* (os exemplos são de Menon) é o uso da forma para a expressão do futuro, pois o gerúndio presente nessas construções é o mesmo. A autora acrescenta que embora se possa atribuir uma interpretação progressiva a (i) e (iii), uma vez que *tomar sol* pode implicar períodos de tempo mais ou menos longos, o mesmo não se pode atribuir a (ii) e (iv), já que *mergulhar* é um ato único, mesmo que se repitam os mergulhos. Dessa forma, Menon desconstrói a idéia de que o gerúndio implica sempre uma noção progressiva, já que nos exemplos (ii) e (iv) a interpretação é iterativa, ou semelfactivo, se for apenas um único mergulho para explorar a superfície submarina.

¹⁶ A dissertação de Sousa trata de aspecto em perífrases verbais, não houve levantamento quantitativo das ocorrências.

¹⁷ Disponível em: <<<http://www.scrittaonline.com.br/imprimir.php?id=1>>> acesso em 03 de maio de 2007.

¹⁸ Ver anexo I.

Essa interpretação pontual do gerúndio, segundo Menon, ocorre em outros tempos verbais, como no presente do indicativo, nas construções *estar + gerúndio*. A diferença entre (a) *tomo remédios* e (b) *estou tomando remédios* (os exemplos são da autora) é uma interpretação pontual para (b), já que podemos interpretar (a) como uma necessidade constante de se tomar remédios, como nos casos em que se tem uma doença crônica. Pode-se acrescentar que em (a) a noção aspectual veiculada é *imperfectiva*, o que não exclui as nuances *iterativas*, já em (b) a noção é de aspecto *perfectivo* com nuances *iterativas*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, procuramos apresentar como o tempo futuro era codificado em Latim, sua posterior codificação em Língua Portuguesa, e o processo de variação que o envolve. Nessa tarefa, apresentamos também a variação por meio de perífrases gerundivas, objeto desta dissertação, que entraram em competição com as outras formas da língua para expressar tempo futuro.

O uso de perífrases gerundivas em português contemporâneo tem sofrido preconceito e tem sido chamado indiscriminadamente *gerundismo*, assunto que carece de uma discussão mais detalhada para caracterização desse fenômeno, apreciação de hipóteses sobre seu surgimento e de uma discussão sobre o preconceito linguístico, temas de nosso próximo capítulo.

2. GERUNDISMO: VARIAÇÃO E PRECONCEITO LINGUÍSTICO

APRESENTAÇÃO

O uso das perífrases gerundivas na codificação de tempo tem sido objeto de discussão na mídia, disseminando-se a idéia equivocada de que este emprego constitui o que se passou a chamar de *gerundismo*. Sendo legítimo e prescrito nas gramáticas o uso do gerúndio em Língua Portuguesa, mesmo na formação de perífrases, faz-se necessário verificar as restrições, se houver, às perífrases emergentes e caracterizar o fenômeno chamado *gerundismo*.

Neste capítulo, proporemos uma definição de *gerundismo* baseada em critérios que o inclui como uma variante na codificação de tempo futuro em português brasileiro contemporâneo, apresentaremos os resultados de uma consulta feita a alunos da pós graduação em linguística da Universidade Federal do Ceará para sondar como eles percebem o fenômeno, discutiremos hipóteses que tentam compreender e ou justificar seu surgimento e trataremos de preconceito linguístico.

2.1. Por uma definição de *gerundismo*¹⁹

É preciso esclarecer que nem todas as construções em que o gerúndio se alia a outro verbo para expressar tempo, seja passado, presente ou futuro, podem ser consideradas *gerundismo*. Se tratássemos todas as construções gerundivas como *gerundismo*, teríamos de considerá-las como variantes de uma mesma variável, o que definitivamente não é. O gerúndio pode aliar-se a outro verbo para expressar diferentes tempos e modos em português brasileiro e acrescenta a essas construções nuances aspectuais diferentes. Em *Eu estava correndo das 8 às 10 da manhã de ontem*, temos uma

¹⁹ A definição que propomos aqui dá conta do *gerundismo* como variante da expressão de tempo futuro que permita a comutação com outras formas de codificação de tempo futuro (futuro simples, perifrástico etc), contudo há casos considerados como *gerundismo* em situações como: *pretendo neste próximo semestre começar uma faculdade PRA TA MELHORANDO meu currículo PRA TA CRESCENDO mais* (corpus Torres)

situação anterior ao momento de fala, uma expressão de tempo passado, que tem como verbo principal uma forma no gerúndio, que expressa uma situação durativa e acabada no passado; em *Estou estudando o gerúndio*, temos uma situação concomitante ao momento de fala, que expressa duratividade e situação não-acabada no presente; em *Amanhã estou viajando para Curitiba*, temos uma situação posterior ao momento de fala, uma expressão de tempo futuro, igualmente durativa, mas não-começada. Essas construções são antigas na língua, não sofrem estigmas e são variantes de variáveis diferentes, expressam passado, presente e futuro, respectivamente.

Em se tratando das construções gerundivas com três verbos, é preciso estabelecer critérios que procurem demonstrar diferenças entre uma e outra construção, visto que sobre o emprego dessas construções têm sido alardeados mitos e radicado o preconceito linguístico e são justamente essas construções as chamadas indiscriminadamente de *gerundismo*.

2.1.1. Definição de critérios para a variante *gerundismo*²⁰

Considerando que a expressão de tempo futuro em Língua Portuguesa é codificado por (a) uma forma sintética – futuro simples (*Cantarei*); (b) a perífrase com o verbo haver (*Hei de cantar*); (c) a perífrase com o verbo ir (Eu *vou cantar*); (d) o presente (Amanhã, eu *canto*) e por meio de perífrases com gerúndio, que é o foco desta dissertação, a construção denominada *gerundismo*, como uma variante da regra variável estudada nesta dissertação, deve satisfazer aos seguintes critérios:

a) **Tempo** – a construção denominada *gerundismo* deve ser uma variante da codificação de futuro do presente do indicativo, ficando descartadas as variantes de futuro do pretérito (*eu iria estar viajando* na semana que vem) e futuro do subjuntivo (*quando eu puder estar viajando*, eu aviso).

b) **Aspecto** – a construção denominada *gerundismo* deve expressar a noção de aspecto *durativo*²¹.

²⁰ Por tratarmos desta variante neste capítulo, apresentamos aqui os critérios para sua definição e para sua inserção na regra variável estudada nesta pesquisa. As demais variantes serão apresentadas no capítulo V.

²¹ Trataremos de aspecto no capítulo III, seção 2.2.

c) **Referência** – a construção denominada *gerundismo* deve ocorrer à direita do momento de fala, configurando, conforme estamos propondo para esta pesquisa, o *futuro médio*²².

d) **Substituição** – o paradigma em que a construção denominada *gerundismo* ocorrer deve permitir a comutação por outras formas que expressem tempo futuro, ou seja, o contexto de tempo futuro deve permanecer o mesmo a ponto de permitir a substituição de uma forma por outra, sem comprometer o significado referencial em um mesmo enunciado. Vejamos o exemplo:

(1) *Eu acho que daqui um tempo VAI TA CHEGANDO não nos interiores no sertão mas também na cidade na cidade grande. (corpus Torres).*

... *vai chegar...*

... *chegará...*

... *chega...*

Os critérios acima são suficientes para inserir o *gerundismo* em contexto de variação de tempo futuro, visto que especifica que o contexto deve ser o mesmo esperado para todas as outras variantes controladas nesta pesquisa. Contudo, esses critérios são insuficientes para responder à questão título desta seção, posto que estaríamos denominando sob o rótulo de *gerundismo* todas as construções gerundivas que expressassem tempo futuro, afirmação que não se sustenta a um exame mais minucioso dessas construções.

Para levarmos essa discussão adiante, vamos discutir, pormenorizadamente, o status das construções gerundivas, considerando-se a *forma, a natureza temporal, o aspecto e a modalidade*.

2.1.2. A forma

As construções gerundivas, na codificação de tempo futuro, podem ser encontradas em português brasileiro contemporâneo nas seguintes formas:

²² Conforme discutiremos no capítulo v, as perífrases gerundivas apresentam comportamento diferenciado, que nos permite organizá-las em três subvariáveis: futuro iminente (eventos que envolvem o momento de fala e se estendem para o futuro, cuja ênfase durativa está no início), futuro médio (eventos situados à direita do momento de fala, em que não se especifica o início e o término de sua duração) e futuro resultativo (situados à direita do momento de fala, com ênfase no término do evento).

(I) ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*O grande P. C. vai estar conversando com a gente!*);

(II) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*eu posso estar marcando a consulta outro dia*);

(III) ir (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Vamos continuar tentando para que o senhor possa receber a encomenda em sua casa*);

(IV) modal (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Se você não se prevenir, você pode acabar se contaminando*);

(V) estar (futuro do presente) + gerúndio (*estaremos marcando a nova data das provas*);

(VI) estar (presente) + gerúndio (*estou pedindo o relatório na semana que vem*).

As construções acima são diferentes quanto à forma. As construções (V) e (VI) não podem ser consideradas *gerundismo*, visto que, conforme Menon (2004), construções como (V) são antigas na língua, portanto não são emergentes, como se espera ser o fenômeno em discussão; a construção (VI) é uma forma de presente com função de tempo futuro e seu uso não causa estranhamento, visto que essa possibilidade de codificação (o presente pelo futuro) é gramaticalmente prevista. Cunha (1986), por exemplo, embora não trate dessa construção e dessa função especificamente, afirma que *estar + gerúndio* indica ação durativa e *ir + gerúndio* indica ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas, o que nos permite dizer que a forma, indubitavelmente, uma forma de presente, está em perfeito acordo com a gramática normativa quando expressa tempo futuro. Sustenta essa argumentação o fato de as duas construções não serem citadas no *Manifesto Antigerundista*, o que nos leva afirmar que elas não são percebidas como construções novas e nem sofrem estigma, como as construções com três verbos.

Essa discussão leva-nos a fazer uma primeira afirmação: *o gerundismo é típico das construções gerundivas com três verbos*.

2.1.3. Aspecto e Modalidade

As construções com três verbos são aparentemente semelhantes quanto à forma, visto que os verbos que aparecem na primeira e segunda posições podem expressar funções outras, como nuances modais diferentes. Isso se deve ao seguinte: (i) o verbo que preenche a primeira posição pode ser um mero auxiliar (ir) ou um verbo modal (*poder, dever, querer, entre outros*); (ii) o verbo que preenche a segunda posição pode ser *estar* (importante para a caracterização de *gerundismo*) ou outro verbo no infinitivo que pode emprestar à construção nuances aspectuais diferentes (*telicidade, duratividade, pontualidade, iteratividade, entre outras*)²³. Considerem-se os seguintes exemplos:

(2) *Eu vou acabar jantando mais cedo hoje!* (telicidade)

(3) *Eu vou continuar estudando o gerúndio.* (duratividade)

(4) *Eu vou acabar chegando exatamente às 10 horas, mais cedo que pensava.* (pontualidade)

(5) *Eu vou ficar trocando as flores dos vasos a cada meia hora.* (iteratividade)

Essas duas observações são bastante pertinentes para a discussão que ora empreendemos e para o andamento desta pesquisa. Levando-se em consideração a observação (i), essas construções mesmo sendo iguais quanto ao número de verbos (uma perífrase com três verbos) e embora mantenham o mesmo significado referencial, o que nos permite mantê-las como variantes de uma mesma variável, elas de modo algum são iguais em todos os sentidos e suas diferenças precisam ser elucidadas, uma vez que se mudando o verbo modal, teremos modalidades diferentes:

a) *epistêmica (no sentido de possibilidade)*:

(6) *João deve estar entregando o relatório amanhã.*

b) *deôntica (no sentido de obrigação)*:

(7) *Você deve estar pagando a fatura ainda hoje.*

²³ Há de se levar em consideração que, embora o verbo no infinitivo empreste a perífrase diferentes nuances aspectuais, os advérbios também desempenham essa função, daí a diferença aspectual entre os exemplos 02 e 04.

Contudo, essas diferenças não são suficientes para se dizer com exatidão o que configura de fato o *gerundismo*, olhando-se apenas o *tipo de verbo da primeira posição: auxiliar ou modal*. Quanto à observação (ii), as diferenças entre uma construção e outra podem ser mais perceptíveis a ponto de não tratarmos todas as construções como *gerundismo*. O verbo que aparece na segunda posição, sendo um verbo de aspecto *imperfectivo*, mesmo que acrescido de nuances aspectuais diferentes (*telicidade*, por exemplo), pode ser mais adequado²⁴ a uma construção durativa, como são as construções com gerúndio, a que se costuma chamar *de bom uso do gerúndio*. Vejamos os exemplos:

(8) *Se eu jogar, vou **acabar ganhando**.*

(9) *Se eu jogar, vou **continuar ganhando**.*

A diferença entre essas duas construções se estabelece pela forma e pelas nuances aspectuais expressas. Os exemplos (8) e (9) codificam o tempo futuro diferentemente, como um futuro *resultativo* e como um futuro já *começado*, respectivamente. O verbo *acabar* não expressa uma duração, aponta para um determinado fim o evento expresso pelo gerúndio *ganhando*, emprestando à perífrase um caráter de *aspecto resultativo* e, nesse caso, a perífrase, vista em sua inteireza, pode ser dividida em fases, tem um início, um meio e um fim, o que nos parece ser suficiente para considerar a construção (8) como adequada, em que a nuance aspectual do verbo no infinitivo não é incompatível com a duratividade expressa no gerúndio. Essa construção seria menos propensa a estigmas, por exemplo.

Quanto ao verbo *continuar*, expressa uma ação durativa, também dividida em fases, mas não se pode identificar seu início e seu fim, é uma ação durativa por excelência, dificilmente a construção (9) seria estigmatizada e caracterizada como *gerundismo*.

Em se tratando dos casos em que a segunda posição é o verbo *estar*, um verbo de estado permanente, *estar* funciona como auxiliar enfatiza a noção aspectual do outro verbo da perífrase. Esse traço é importante para a caracterização de *gerundismo*, visto que são

²⁴ Estamos propondo, com o termo *adequado*, que, se um verbo no infinitivo pode ser visto como constituído de uma duração interna, como dividido em fases (início, meio e fim), seu uso em perífrases gerundivas é apropriado, dado o caráter durativo dessas construções.

justamente as construções gerundivas com *estar* as mais estigmatizadas, mencionadas no Manifesto Antigerundista.

Considerem-se as seguintes construções:

(10) *Eu vou ficar chutando a bola.*

(11) *Eu vou estar chutando a bola.*

Essas construções têm o mesmo verbo no gerúndio, o verbo *chutar*, considerado um verbo tipicamente de aspecto pontual, contudo não há dúvidas quanto à duratividade expressa nas construções acima. Na construção (10), o verbo *ficar*, embora seja um verbo de estado (manutenção do estado), empresta à perífrase um caráter iterativo, o que nos permite inferir que o falante do enunciado (10) chutará a bola por tempo indeterminado. O mesmo não se pode afirmar da construção (11), em que *estar* enfatiza a noção aspectual *pontualidade*, causando estranheza o fato de a perífrase com um verbo pontual no gerúndio expressar duratividade, já que, neste caso, o aspecto iterativo está descartado. O mesmo fato ocorre nos exemplos seguintes:

(12a) *Eu vou estar enviando os convites.*

(12b) *Eu vou ficar enviando os convites.*

(13a) *Eu vou estar transferindo cem reais para sua conta.*

(13b) *Eu vou ficar transferindo cem reais para sua conta.*

Enviar é um processo único, sem distinção de fases, contudo quando aparece em construções como (12b), identifica-se iteratividade, repetições do processo, compatível com a duratividade expressa pelo gerúndio. Da mesma forma, *transferir* (dinheiro) é um processo único, cuja repetição do processo só pode ser evidenciada pela perífrase em (13b), podendo-se entender que o falante desse enunciado fará transferências (indefinidamente, até que se esgote o saldo). Essa interpretação seria forçada, caso a atribuíssemos ao significado de (13a), a não ser que acrescentássemos expressões como *várias vezes*, *por dez vezes*, *indefinidamente*, etc. É preciso notar que teríamos, necessariamente, de adicionar advérbios ou expressões adverbiais que dêem idéia de

repetição, porque se adicionássemos expressões que forneçam a idéia de duração, continuaria a interpretação de um evento único, conforme exemplo seguinte:

(12c) *Eu vou **estar transferindo** cem reais* (por trinta minutos, por meia hora, a tarde inteira, etc).

(13c) *Eu vou **estar enviando** os convites* (por trinta minutos, por meia hora, a tarde inteira, etc).

O que soaria estranho em (12c) e em (13c) seria o fato de o falante desses enunciados precisar de muito tempo para realizar uma ação que pode ser feita em poucos minutos, mas uma interpretação iterativa seria, ainda, muito forçada. *Ficar*, por si próprio, expressa a noção de aspecto iterativo; *estar* necessita de expressões adverbiais adicionais para expressar essa mesma noção.

Essa discussão leva-nos a fazer uma segunda afirmação: *das construções com três verbos, só poderão ser consideradas gerundismo aquelas em que o verbo da segunda posição é o verbo **estar**, funcionando como auxiliar.*

Se o futuro possui, conforme Fiorin (1996), um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, conforme discutimos no capítulo anterior, no caso das construções gerundivas, essa avaliação tem de ficar muito mais evidente, caso se queira estabelecer uma verdade mais provável, como no exemplo seguinte:

(14) ***Amanhã, com certeza, vai estar chovendo.***

No caso do exemplo acima, esse estado de coisas só será uma fato verdadeiro se levarmos em consideração o contexto em que o enunciado foi produzido (período de chuvas, baseado nas previsões meteorológicas, no conhecimento do clima do local etc). Então o exemplo (14) não pode ser confundido com *gerundismo*, ele expressa tempo futuro e uma modalidade mais provável, aceita pelos falantes, que não depende da forma verbal usada para expressar tempo futuro, mas da expressão “com certeza” e não poderia ser confundido com uma promessa ou com um estado de coisas possível. Há também de se considerar a natureza temporal do exemplo (14), de que trataremos a seguir, que também contribui para o exemplo ser excluído dos casos de *gerundismo*. Isso nos leva a fazer uma terceira afirmação: *o gerundismo expressa um estado de coisas possível, uma modalidade*

não-factual. São enunciados que não expressam certeza, mas promessa ou possibilidade de um determinado fato ocorrer.

2.1.4. A natureza temporal

Associada ao aspecto e à modalidade está a **natureza temporal** das construções gerundivas. Observem-se os seguintes exemplos:

(15) *Quando você chegar, eu já vou estar dormindo.*

(16) *Amanhã, João vai estar viajando.*

(17) *Amanhã, João vai confirmar que, na semana que vem, ele vai estar viajando.*

Nenhuma das construções poderia ser tratada como *gerundismo*, visto que o aspecto expresso pelas perífrases com gerúndio mantém a natureza durativa do gerúndio nos três exemplos. No caso do exemplo (15), há uma ação durativa futura concomitante à outra.

(15) [Quando você chegar] [eu já vou estar dormindo]

O mesmo é válido para o exemplo (16), no qual o advérbio *amanhã* engloba toda a ação expressa pela construção com gerúndio:

(16) [Amanhã, (João vai estar viajando)]

No exemplo (17), é a oração *na semana que vem* que engloba a construção com gerúndio:

(17) [Na semana que vem (ele vai estar viajando)]

Em todos os exemplos, há uma condição que permite a expressão de duratividade. Se substituíssemos a perífrase por uma forma simples, essa noção aspectual não mais poderia ser expressa pela forma verbal substituta, mas por advérbios. No caso do exemplo (15), dificilmente se poderia expressar duratividade por uma forma simples, mesmo com o auxílio de advérbios:

(15.1) *Quando você chegar, eu já dormirei (há horas) (?)*

(15.2) *Quando você chegar, eu já durmo (há muito tempo) (?)*

(15.3) *Quando você chegar, eu já estarei dormindo.*

No caso dos exemplos (16) e (17), seriam necessários advérbios para marcar a duratividade, caso substituíssemos a perífrase por uma forma simples:

(16.1) *Amanhã, João viajará (o dia inteiro).*

(17.1) *Na semana que vem, João viajará (a semana inteira).*

Essa discussão leva-nos a fazer uma quarta afirmação: *o gerundismo, como variante da codificação de tempo futuro, deve ocorrer posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência ou a qualquer outra expressão de futuridade, mas nunca pode ser coterporal ao momento de referência, como nos exemplos acima, que não configuram gerundismo.*

Com base na discussão que ora empreendemos, para esta pesquisa, propomos a seguinte definição para *gerundismo*:

(i) *O gerundismo é tipicamente uma construção gerundiva com três verbos;*

(ii) *Das construções com três verbos, só poderão ser consideradas gerundismo aquelas em que o verbo da segunda posição é o verbo **estar**, funcionando como auxiliar;*

(iii) *O gerundismo expressa um estado de coisas possível, uma modalidade não-factual. É um enunciado que não expressa certeza, mas promessa ou possibilidade de um determinado fato ocorrer;*

(iv) *O gerundismo, como variante da codificação de tempo futuro, ocorre posteriormente ao momento de fala e ao momento de referência ou a qualquer outra expressão de futuridade, mas nunca é coterporal ao momento de referência.*

Ao se propor uma escala das construções gerundivas, assumimos que mais de um critério tem de ser levado em consideração. Assim ficariam distribuídas essas construções da mais representativa do *gerundismo* à menos representativa a ponto de não ser considerada *gerundismo*, conforme definição proposta nesta seção:

(I) *ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (O grande P. C. **vai estar conversando** com a gente!);*

(II) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*eu posso estar marcando outro dia*);

(III) ir (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Vamos continuar tentando para que o senhor possa estar recebendo a encomenda em sua casa*);

(IV) modal (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Se você não se prevenir, você pode acabar se contaminado*);

(V) estar (futuro do presente) + gerúndio (*estaremos marcando a nova data das provas*);

(VI) estar (presente) + gerúndio (*estou pedindo o relatório na semana que vem*).

2.2. O gerundismo em foco: uma consulta a estudantes de pós-graduação em Linguística da UFC

Nesta seção, apresentaremos os resultados de uma consulta feita a alunos da pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará. Procedeu-se à consulta da seguinte forma: (1) foram escolhidos 10 exemplos de ocorrência de perífrases com gerúndio expressando tempo futuro, colhidos em uma comunidade de um site de relacionamentos da internet que procura registrar as ocorrências de *gerundismo*; (2) com base nessas ocorrências, foram aplicados dois questionários: o primeiro perguntava quais formas poderiam ser caracterizadas como *gerundismo* e quais critérios (em uma série) serviram para essa caracterização (ver anexo III); o segundo perguntava a que os informantes atribuíam o uso frequente das perífrases gerundivas e quais profissionais as usavam com frequência (ver anexo IV). Só levaremos em consideração as respostas de informantes que responderam aos dois questionários, que foram aplicados separadamente, o segundo aplicado depois de recebermos a resposta do primeiro, totalizando um número de 17 informantes.

Os exemplos escolhidos para a aplicação dos questionários foram os seguintes:

a) *Por motivos de mudança, na próxima semana, nossa empresa não (1) vai estar podendo responder a mensagens eletrônicas.*

b) *Nós estamos desmarcando as provas de amanhã porque o diretor (2) **vai estar viajando**. Ele chegando, (3) **estaremos marcando** a nova data das provas e comunicando a vocês. Qualquer dúvida vocês (4) **podem estar perguntando** pra gente na hora do recreio ou ligando depois das 14 horas.*

c) (5) **Vamos continuar tentando** para que o senhor possa receber a encomenda em sua casa.

d) (6) O grande P. C. **vai estar conversando** com a gente!

e) *Você foi sorteado!!! Parabéns!!! (7) Você **estará fazendo** um curso de inglês com 50% de desconto!!! O curso custa 300 reais, então você **estará pagando apenas 150 reais!!!***

f) *Para que (8) você **possa verdadeiramente estar contribuindo** para este projeto crescer, (9) **estou pedindo** o relatório na semana que vem.*

g) *Estou ligando para saber se você **pode estar vindo mais cedo** para a consulta, ou (10) eu **posso estar marcando** outro dia?*

Para compreender os resultados a seguir, é preciso levar em consideração que cada exemplo tem as mesmas chances de ser escolhido como forma representativa de *gerundismo*, podendo ser escolhido 17 vezes (número total de informantes questionados), o que nos permite calcular os percentuais em separado para cada exemplo, sendo 100% os que foram reconhecidos como *gerundismo* pelos 17 informantes questionados. Essa consideração é válida para quaisquer alternativas de ambos os questionários, já que o informante poderia escolher mais de uma alternativa.

Em relação ao primeiro questionário, o exemplo 04 foi escolhido como o mais representativo do fenômeno (15/17) com percentual de 88,23%; seguido dos exemplos 01 e 06 que configuraram com (14/17) e percentuais de 82,35% cada; em seguida, estão os exemplos 02, 08 e 10 com (13/17) e percentuais de 73,47 % cada; os exemplos 03 e 07 configuraram com (7/17) e percentuais de 41,17%; o exemplo 05 com (5/17) com percentual de 29,41% e, por último, o exemplo 09 com (03/17) e percentual de 17,64%.

Entre os critérios propostos para caracterizar o *gerundismo*, a *forma I* [verbo auxiliar ou modal (no presente) + estar + gerúndio] configurou-se como a mais representativa (15/17) e com percentual de 88,23%; e a *forma II* [verbo auxiliar (no futuro do presente) + gerúndio] (05/17) e com percentual de 29,41%; seguido de *desacordo com a norma gramatical* [esses exemplos não são previstos pela *gramática normativa*] (04/17) e percentual de 23,52%; o *aspecto do verbo* [verbo de sentido pontual expresso no gerúndio como *durativo*] recebeu 02/17 e percentual 11,76%; e a *influência da mídia* [a mídia classifica as perífrases com gerúndio como *gerundismo*] (01/17) e percentual de 5,88%.

No que diz respeito ao segundo questionário, os resultados foram os seguintes: *busca por um estilo mais elegante* com percentual de 70,58% e (12/ 17); *formalidade do discurso* com percentual de 41,76% e (7/17); *aproximação do falante com o ouvinte* com percentual de 23,52 % e (4/17); *distanciamento do falante com o ouvinte e inclusão do ouvinte na situação proposta/apresentada* com o mesmo percentual de 17,64% e quantidade de escolhas (3/17); *incerteza e descompromisso* aparecem com percentuais de 11,76% (2/17) e 5,88% (1/17) respectivamente.

Na lista de profissionais proposta para se saber quais deles usavam as formas em análise, os *operadores de telemarketing* apareceram no topo de escolhas com 100% (17/17), seguidos de *vendedores* com 82,35% (14/17), *secretárias* com 70,58 % (12/17), *receptionistas de hotel* com 47,05% (08/17), *políticos e funcionários públicos* com 41,17% (07/17) cada, *executivos(as)* 35,29% (06/17), *comissários(as)* com 29,41% (05/17), *guias turísticos* com 23,52% (04/17), *professores, empresários, estudantes do ensino médio, farmacêuticos e cobradores* aparecem com 17,64% (03/17) cada, *médicos e enfermeiros* com 11,76% (02/17), e, por último, *domésticas, pastores, tradutores, engenheiros* com 5,88 (01/17) cada.

Essa sondagem rápida serviu para verificarmos até que ponto algumas afirmações que circulam na imprensa sobre o fenômeno têm realmente respaldo quando postas em julgamento pelo falante. A decisão de aplicarmos o questionário apenas a alunos da pós-graduação deveu-se ao fato de se buscar um prognóstico mais específico de profissionais que estudam a linguagem humana e a veem como objeto de especulação e análise, desprovidos de preconceitos, apoiados em fundamentos linguísticos, assim espera-se, e não baseados em mitos e em hipóteses não testadas.

Contudo, sendo o *gerundismo* um fenômeno novo, ainda pouco estudado e discutido na academia, os resultados mostraram que muito há de se discutir sobre as perífrases verbais formadas com verbos no gerúndio. Ainda permanece a idéia equivocada de que *gerundismo* é qualquer perífrase verbal de que o gerúndio faz parte, afirmação que não se sustenta a uma análise mais cuidadosa, conforme discutido na seção anterior. O exemplo 04, escolhido na sondagem como exemplo prototípico de *gerundismo* pelos informantes, não se enquadraria por completo na definição que estamos propondo, visto que, embora seja construído com *poder + estar + gerúndio*, ele se enquadra no que foi discutido na subseção 2.1.4, no que diz respeito à **natureza temporal** das construções gerundivas:

[(vocês **podem estar perguntando**) na hora do recreio ou ligando depois das 14 horas]

Os exemplos 01 e 06 também são diferentes quanto à natureza temporal, visto que no exemplo 01, a construção gerundiva é cotemporal ao **momento de referência**, diferentemente do exemplo 06, que não é:

[Por motivos de mudança, na próxima semana, (nossa empresa não **(1) vai estar podendo responder** a mensagens eletrônicas)]

[O grande P. C. **vai estar conversando** com a gente!]

Dessa forma, o exemplo 06 é um caso típico de *gerundismo* porque é variante na codificação de tempo futuro, ocorre após o momento de fala, não cotemporal ao momento de referência, mas lhe é posterior, tem como verbo da segunda posição *estar* funcionado como mero auxiliar, sem expressar nuances aspectuais.

Da mesma forma, os exemplos 02, 08 e 10 também são casos considerados *gerundismo*, com uma diferença para os exemplos 08 e 10, que têm um verbo modal na primeira posição, e, por isso, veicula nuances modais diferentes (modalidade *epistêmica*), mas não se mostra relevante para a definição do fenômeno. Contudo, os exemplos não são cotemporais ao momento de referência.

[O diretor **vai estar viajando**].

[*Para que (8) você possa verdadeiramente estar contribuindo para este projeto crescer*].

[*Eu posso estar marcando outro dia?*].

Os exemplos 03, 07 e 09 não entram no paradigma de *gerundismo*, visto que são sobre as perífrases com três verbos que recaem estigmas e essas formas nem mesmo não citadas no Manifesto Antigerundista, e segundo Menon, são formas antigas na língua. Conseqüentemente, o exemplo 09 foi o menos cotado (ou melhor, menos reconhecido) como *gerundismo* nesta pesquisa.

O exemplo 05 também não pode ser considerado *gerundismo* na perspectiva com a qual estamos trabalhando nesta dissertação, visto que, neste caso, estamos considerando as nuances aspectuais do verbo da segunda posição e do verbo no gerúndio. ***Vamos continuar tentando*** é uma ação que pressupõe a incorporação do momento de fala, uma progressão, dividida em fases, tem início, meio e fim, mas não se pode determinar seu início e seu fim, apenas se estabelece sua duratividade, a que chamamos de uma ação durativa por excelência. Essa construção também foi a menos reconhecida como *gerundismo*, ficando logo atrás da construção 09.

Analisando os critérios usados pelos informantes para caracterizar as construções acima como *gerundismo*, prevaleceu a forma [verbo auxiliar ou modal (no presente) + estar + gerúndio], o que está de acordo com a nossa primeira afirmação de que o *gerundismo* configura uma construção prototipicamente com três verbos, embora a forma [verbo auxiliar (no futuro do presente) + gerúndio] tenha sido mencionada como *gerundismo*. Atribuímos a isso, o peso significativo do verbo no gerúndio, verbo principal nessas construções, o que leva o informante a considerar *gerundismo* qualquer construção com gerúndio, idéia por nós refutada. Contudo é preciso mencionar que, enquanto a forma com três verbos foi escolhida por 15 dos 17 informantes, a forma com dois verbos foi escolhida por 5 dos 17 informantes.

Em seguida, como critério de classificação está em *desacordo com a norma gramatical* [esses exemplos não são previstos pela *gramática normativa*], o que demonstra a força que a gramática normativa exerce sobre os julgamentos dos fenômenos linguísticos. Embora o grupo consultado tenha sido um grupo seletivo, especialista no estudo da

linguagem, esse critério apareceu como critério subsequente ao critério *forma*, sendo preferido ao critério *aspecto do verbo* [verbo de sentido pontual expresso no gerúndio como *durativo*], de suma importância para essa caracterização. O único critério não-linguístico, a *influência da mídia* [a mídia classifica as perífrases com gerúndio como *gerundismo*], não foi significativo, estatisticamente, para a caracterização de *gerundismo*, o que vem ratificar a idéia de que a mídia divulga, na maioria das vezes, mitos, idéias e hipóteses, nem sempre fundamentadas em estudos específicos, mas apenas baseadas em intuições de quem as escreve.

O objetivo do questionário II era sondar algumas intuições dos informantes sobre o que justificaria as frequências das construções gerundivas na fala e quais profissionais usavam essas formas. Essa sondagem foi importante por alguns motivos básicos: (i) é atribuída aos operadores de *telemarketing* a responsabilidade pelo surgimento, disseminação e manutenção do uso de *gerundismo*, estabelecendo-se quase uma ligação direta entre o uso dessas construções e esses profissionais; (ii) como esta pesquisa insere-se no campo da Sociolinguística Variacionista, urge controlarmos outras profissões para verificar se o fenômeno é mesmo característico desses profissionais, ou se aparece também no registro linguístico de outros profissionais; (iii) os critérios que justificariam a frequência dessas construções na fala expostos aos informantes no questionário II foram baseados em textos (Pereira Jr, 2007, Freire, 2007) que procuraram dar uma explicação para o fenômeno e intuições do pesquisador.

Foram considerados como critérios relevantes para explicar a grande frequência dessas formas, no português contemporâneo, principalmente na fala, a *busca por um estilo mais elegante e formalidade do discurso*. Esse resultado corrobora com a idéia divulgada de que o *gerundismo* se acomoda melhor a contextos burocratizados, conforme opinião da professora Camargo, discutida em Pereira Jr, 2007. Segundo a professora, “quem o usa, em geral, não tem referências suficientes para manter uma conversa formal e busca uma fórmula” (PEREIRA JR, 2007). Contudo, essa opinião não parece relevante quando comparada aos resultados da segunda questão do questionário II, que procurava sondar quais profissionais usavam essas formas, visto que, também, essas formas foram apontadas como pertencentes ao registro de executivos, enfermeiros(as), médicos(as), comissários(as), recepcionistas, professores(as), entre outros, profissionais que concluíram o curso superior, que dominam o padrão culto da língua.

Dentre os profissionais apontados como usuários dessas formas, apareceram no topo das escolhas, apontados por 100% dos informantes, os *operadores de telemarketing*, seguidos dos *vendedores* e *secretárias*. Esse resultado é de suma importância para esta pesquisa, visto que esta pesquisa procurou coletar dados de falantes de duas profissões bastante representativas do fenômeno e de informantes de uma terceira profissão, *professores*, o que descarta qualquer possibilidade de tendência.

2.3. A origem do *gerundismo*: uma hipótese

No capítulo I, verificamos a hipótese lançada sobre o aparecimento do *gerundismo* em Língua Portuguesa ser proveniente de traduções do inglês e ficou constatado que essa hipótese é falha sob muitos aspectos. A forma emergente, o *gerundismo*, é uma perífrase complexa, não esperada justamente porque contraria o *princípio do menor esforço* ou *princípio da economia linguística* em termos estruturais.

Segundo Labov (2001, p. 16-18), esse princípio é, em sua formulação, um princípio precisamente estrutural, segundo o qual, *nós falamos tão rapidamente e com o menor esforço possível, aproximando-nos sempre do limite em que nossos interlocutores podem nos pedir para repetir nossas sentenças*. As mudanças dos sons da língua são atribuídas a esse fator. Labov argumenta que se esse princípio for aceito tal qual foi formulado, temos de afirmar que a redução fonética de uma forma pára exatamente antes do ponto onde a informação poderia ser perdida, o que necessita de uma primeira reformulação: *nós falamos com o menor esforço possível para sermos entendidos por nossos ouvintes, mas com o esforço suficiente para assegurar que seremos entendidos*. Contudo, essa reformulação pressupõe que a mudança de sons destrói o significado, o que requer uma segunda reformulação: *nós falamos com menor esforço possível que é requerido para transmitir todo o significado que queremos expressar aos nossos ouvintes*.

Labov sugere que se pode concluir dessa discussão que o *princípio do menor esforço* pode falhar quando se focaliza o esforço para explicar a mudança; não raramente sendo identificado como um fator de comportamento tal como *preguiça*, *descuido* e *ignorância* por parte do falante e atribuído à rapidez com que o falante produz uma sentença. Contudo, o linguista argumenta que o baixo nível de esforço associado à preguiça deveria ser correlacionado com a fala mais compassada, enquanto o nível de esforço associado ao descuido poderia ser associado à rapidez. Portanto, para um falante

descuidado, o baixo nível de atenção ou esforço dado às normas de se falar poderia combinar com o efeito de mecanismo temporal ou com o tempo curto para reduzir a informação fonética produzida; enquanto para a preguiça do falante, o efeito temporal poderia operar em direção contrária. Para ele, ignorância não tem nenhuma relação direta com o tempo ou com o princípio do menor esforço, visto que se os falantes ignoram um uso padrão e o valor distintivo entre determinadas palavras, as mudanças na língua não poderiam ser designadas pelo princípio do menor esforço.

Como explicar, pois, a origem de uma forma emergente, reconhecidamente estigmatizada, que deve ser evitada a qualquer custo, havendo, inclusive, manifestações na mídia para coibir seu uso e disseminação entre os falantes? Como essa forma poderia entrar em competição com outras formas de codificação de futuro, contrariando o *princípio do menor esforço*? Com efeito, não se poderia falar em *preguiça*, *descuido* ou *ignorância* por parte dos falantes, visto que não há economia do ponto de vista estrutural, já que o falante utiliza muito mais material linguístico para marcar o tempo futuro, quando usa as perífrases gerundivas. Cabe questionar: o uso das perífrases gerundivas contraria, de fato, a *economia linguística*?

É sabido, conforme discutido no capítulo 1, que o futuro simples em Língua Portuguesa é derivado de uma formação, inicialmente perifrástica na língua-mãe, o Latim, a partir da aglutinação do verbo *habere*, inicialmente auxiliar, + o infinitivo de um outro verbo, resultando numa forma simples e sendo produtivo nas línguas neolatinas. Mas esse processo que pressupõe variação e mudança nas línguas não é um processo acabado no português contemporâneo, uma vez que grande maioria das pesquisas variacionistas (Gibbon, 2000; Santos, 2000; Oliveira, 2006), que se ocuparam de tempo futuro, mostra que há um predomínio estatístico de frequência de uso do futuro perifrástico sobre o futuro simples, de forma que o processo parece ser cíclico e não linear.

A expressão de tempo futuro obedeceu a um esquema:

forma simples > forma perifrástica > forma simples > forma perifrástica

amabo > amare habeo/habeo amare (em Latim)

—————→
amar hei/hei de amar > amarei > vou amar (em Português)

Partindo-se desse fato, podemos lançar uma hipótese para o aparecimento da perífrase com três verbos, expressando tempo futuro. A forma simples foi decomposta em uma forma perifrástica, por exemplo *amarei > vou amar*; e essas formas coexistem no português contemporâneo com outras formas de expressão de futuro, como aquelas formadas pelo futuro simples + gerúndio *estarei amando*. Se o futuro simples não é tão recorrente em dados de fala, sendo substituído tanto em contextos formais quanto informais pelo futuro perifrástico (conforme Oliveira, 2006), é possível que, em *estarei amando*, o falante substitua na primeira posição o verbo *estarei* (visto como auxiliar) por *vou estar*, forma mais usada e reconhecidamente preferida para expressar tempo futuro, resultando em uma perífrase *vou estar cantando*. Vejamos o diagrama abaixo:

hei de estar > estarei > vou estar
—————→
estarei amando > vou estar amando

Nesse caso, o falante mantém a codificação de tempo futuro com a perífrase *ir (presente) + infinitivo*, mas como sua necessidade não é a mera expressão de tempo futuro, mas também de aspecto e modalidade, por exemplo, o resultado é uma perífrase com gerúndio. Essa hipótese, também como as outras por nós refutadas, não foi testada cientificamente, mas está em acordo com o que se tem verificado no processo de codificação de tempo futuro na Língua Portuguesa.

Vamos retomar a discussão do *princípio do menor esforço*. Considerem-se os seguintes exemplos:

(18) *Eu ligarei para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(19) *Eu vou ligar para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(20) *Eu vou estar ligando para a senhora na segunda* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

Não há dúvidas de que o tempo dos exemplos é futuro, as formas usadas para codificar essa função são, inclusive, intercambiáveis, sem prejuízo para essa codificação.

Contudo, há diferenças modais entre as formas: em (18), embora ainda se possa identificar um valor modal ligado ao temporal (há uma intenção segura, mais provável de se realizar uma ação), temos um futuro mais enxuto que revela basicamente uma ação que será executada na segunda-feira; em (19), há intenção menos provável de se realizar a ação expressa pela perífrase, marcando-se também o tempo futuro; mas, em (20), a incerteza de essa ação ser executada fica mais evidente pelo uso da perífrase com gerúndio. A propósito, o que está entre parênteses pode ser interpretado pelo interlocutor levando-se em consideração a forma em (20). Se se quisesse dizer o que está entre parênteses, em (18) e (19), teríamos de escrever, de fato, todo conteúdo dos parênteses, o que não parece necessário quando se usa a perífrase gerundiva. Como falar de economia linguística nesse caso? Não há dúvidas de que na escolha de uma forma simples em vez de uma forma perifrástica, há uma economia do ponto de vista estrutural, o falante usaria muito mais itens linguísticos para marcar o tempo futuro, nesse caso. Mas não se poderia falar nem mesmo de economia estrutural no caso do exemplo (20). Ao contrário, propõe-se que a perífrase gerundiva acumula outras funções e seu uso na língua evita que se acrescentem mais itens linguísticos para expressar modalidade (incerteza/dúvida/possibilidade, etc) e aspecto (*duratividade, telicidade, pontualidade, iteratividade*), por exemplo, constituindo-se uma alternativa para o falante expressar mais com menos itens linguísticos.

2.4. O gerundismo e o preconceito linguístico

A sociedade contemporânea, sem dúvida, está extremamente ligada a inovações de todos os tipos. A última década do século passado e a primeira década do presente século estão marcadas por inovações tecnológicas e por uma distribuição parcialmente democrática das novas tecnologias. A internet proporcionou ao homem moderno o acesso quase irrestrito a informações de todos os tipos. Visitam-se grandes museus, lêem-se grandes obras, fazem-se compras, conversa-se, sem sair do lugar. O telefone móvel, popularizado no final da década passada, também viabilizou a comunicação. Esses são apenas alguns exemplos de como as novas tecnologias têm mudado nossas vidas e têm nos preparado para “o novo”. Estamos sempre em alerta, com a sensação de “*o que vem por aí?*” e quase sempre esse novo é bem acolhido. Mas o que é novo, até mesmo na tecnologia, vem ocupar um lugar que não era seu e por isso entra em competição com o elemento que realizava determinada função, considerado agora obsoleto e ameaçado pelo “novo e desconhecido”. Assim aconteceu com a máquina de escrever, substituída pelo

computador; com o telefone fixo, constantemente ameaçado pela praticidade do telefone móvel. Nas palavras de Bagno (2000), o “novo” assusta, subverte as certezas, compromete as estruturas vigentes. Assim, dizemos que não há lugar para o “novo”. O que é novo chega sorrateiro, mostra sua diferença, faz um jogo de marketing e, quando menos se espera, ocupa um espaço que não estava especificamente reservado para ele, e, só depois, conseguimos valorizar suas qualidades a ponto de afirmarmos “agora vivemos melhor e com mais conforto, graças à/ao...”

Contudo, essa receptividade para o novo não ocorre em todos os níveis da experiência humana. No que diz respeito à linguagem, o que é novo é quase sempre tachado como inferior, impróprio, ruim, modismo, entre outros. Labov (2001), por exemplo, observa que, geralmente, as pessoas aprovam as novas danças, novas músicas e novos aparelhos eletrônicos, mas não se ouve elas dizerem “é maravilhosa a forma como os jovens falam hoje, é melhor que o modo como falávamos quando éramos crianças” (LABOV, 2001, p. 6).²⁵ Essa atitude é responsável por um mal ainda maior: o preconceito linguístico. É preciso debater como essa prática, a do preconceito linguístico, tem sido valorizada, mesmo diante das constantes investidas de linguistas para desmitificar essas posturas. A sociedade moderna tem se mostrado muito propensa a garantir os direitos das minorias ou de grupos segregados. Não raramente, têm sido criadas leis de amparo e de proteção a grupos como os homossexuais, afrodescendentes, portadores do vírus HIV, na tentativa de garantir a essas pessoas o respeito, a dignidade, o acesso aos serviços públicos. Manifestações públicas de solidariedade a esses grupos estão cada vez mais comuns e os resultados têm sido comemorados. São sempre ações bem intencionadas, responsáveis por tirar do abandono, do desprezo, da incompreensão e da segregação pessoas que experimentam a dor do sofrimento pelo simples fato de serem diferentes, de pertencerem a outro grupo. Paradoxalmente, a noção de diferença parece estar em voga na atualidade. O que vemos é uma verdadeira busca por implementação da identidade ou de um modo de vida particular, a cultura *punk*²⁶ é um exemplo disso.

²⁵ Traduzido livremente de: “It’s wonderful the way young people talk today. It’s so much better than the way we talked when I was a kid.”

²⁶ O termo cultura punk aplica-se aos “estilos de produção cultural que possuem certas características comuns àquelas ditas punk, como por exemplo, o princípio de autonomia do faça-você-mesmo, o interesse pela aparência agressiva, a simplicidade, o sarcasmo niilista e a subversão da cultura. Entre os elementos culturais punks estão: o estilo musical, a moda, o design, as artes plásticas, o cinema, a poesia, o comportamento

Essas atitudes são benéficas e, geralmente, encontram apoio nos meios de comunicação e na sociedade em geral, unidos que estamos na luta contra o preconceito e desigualdade social. Isso é política, é democracia, é respeito ao ser humano, é garantia de direitos e devem ser fomentadas atitudes que promovam cada vez mais essas manifestações e essas discussões no seio da sociedade.

Infelizmente, na contramão dessas atitudes tão nobres e benevolentes, está a ratificação do preconceito linguístico. É lamentável que, num Estado democrático em que a garantia de direitos é uma atitude imperativa, a prática do preconceito linguístico encontre respaldo e aprovação nos veículos de comunicação disponíveis. Numa postura de educação às avessas, a contribuição que, em grande parte, a mídia tem dado para a discussão das questões relacionadas à língua é para ratificar o preconceito linguístico. Em linguagem, tornou-se uma prática comum a supervalorização dos compêndios gramaticais, incutindo-se a idéia de que o domínio eficiente de uma língua pressupõe a aplicação, mesmo que forçosa, das regras da gramática normativa. Criou-se, assim, uma grande confusão entre língua e gramática normativa, a ponto de se promover a segregação de indivíduos pura e simplesmente pelo fato de eles desobedecerem a algumas *leis do mandamento gramatical*.

Fundamentado nessa confusão, o preconceito, não importa qual seja o seu nível, é responsável pela segregação dos falantes em dois grandes grupos: os que conhecem a língua e são bons usuários dela *versus* os que não conhecem a língua e são deturpadores dela. Ao primeiro grupo, pertence uma classe privilegiada, com dons inquestionáveis de dominar o idioma; ao segundo, a grande maioria da população brasileira, acusada de *assassinar* o idioma.

Essas duas diferenças, se levadas a sério, seriam motivos para mobilizar pessoas do primeiro e segundo grupo, na tentativa de se neutralizarem as diferenças em prol do bem comum e da garantia de respeito ao ser humano. Não raramente, pertencem ao grupo acusado de deturpar a língua pessoas da zona rural, com pouca ou nenhuma instrução formal, ou pessoas da zona urbana, também segregadas dos serviços públicos básicos, como educação, saúde e saneamento, representantes das periferias das grandes cidades. É o

(podendo incluir ou não princípios éticos e políticos definidos), expressões linguísticas, símbolos e outros códigos de comunicação”. (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_punk).

resultado de um país extremamente marcado pela má distribuição de renda e de serviços públicos, um país marcado por uma exploração colonizadora que dividiu a sociedade entre ricos e pobres, brancos, pretos e mestiços, colonizador e colonizado e, em pleno século XXI, ainda encontra formas de segregar cidadãos por meio do preconceito linguístico. O grupo representante da *boa língua* é formado por aqueles que, geralmente, concentram a maior parte da renda do país e se declaram brancos, segundo o IBGE, têm acesso à educação privada, por ser de qualidade superior, e ocupam os primeiros bancos na universidade. Esse grupo é tido como guardião da língua, formado por pessoas dotadas de espírito superior e quando cometem *algum erro de português* é porque caíram em deslize, um lapso ou coisa parecida, o que evidencia que todo tipo de preconceito linguístico volta-se para o indivíduo, principalmente se ele pertencer a uma classe menos privilegiada. Não raramente, assistimos à banalização e à ridicularização dos falares nordestinos em novelas e filmes brasileiros; quase sempre, os registros nordestinos são explorados para fazer rir, com exageros de pronúncia de um falar que não é encontrado em lugar nenhum do Nordeste, mas que carrega o estigma de ser representativo da região menos desenvolvida do país, na qual a distribuição de renda e a democratização da educação ainda não atingiram o mesmo nível que as regiões Sul e Sudeste. Ser nordestino e falar como nordestino, nesse aspecto, é expressar todas essas mazelas sociais que um país como o nosso ainda não foi capaz de sanar e essas diferenças linguísticas são usadas para estigmatizar, para marginalizar e marcar a *superioridade* social de um registro em relação a outro. Contudo as diferenças linguísticas não estão atreladas apenas às diferenças regionais. Elas pesam muito mais quando observada a estratificação social de nossa gente, no que diz respeito à cor, por exemplo.

Segundo o IBGE²⁷, em 2000, 5,8 milhões de brasileiros de 25 anos ou mais de idade tinham o curso superior concluído e a proporção de brancos com este nível de ensino é 5 vezes maior que a de pretos, pardos e indígenas; no grupo dos mestres e doutores (mais de 300 mil), 86,4% são brancos; 9,2%, pardos; 1,9%, amarelos; 1,8%, pretos e, apenas 0,2%, indígenas; quanto às pessoas com idade igual ou superior a 20 anos e que ainda frequentam o nível superior (3% da população total), 7,2% são amarelos; 4,2%, brancos; 1,4%, pardos; 1,1% indígenas e 1,0%, pretos. Os dados referentes à cor das pessoas com nível superior concluído, por área de formação, mostram que, em Ciências Sociais,

²⁷ Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Administração e Direito, área com o maior número de pessoas (2,3 milhões) e que apresenta a maior oferta de vagas, predominam as pessoas de cor branca (84,4%), seguidas das pardas (11,1%), amarelas (2,1%), pretas (1,9%) e indígenas (0,1%).

Por outro lado, os dados mostram que quase 84% da população de 5 anos ou mais de idade são alfabetizadas e os outros 16% equivalem a cerca de 24 milhões de pessoas não-alfabetizadas; entre o total de alfabetizados com 5 anos ou mais de idade (129,3 milhões), mais da metade é formada por pessoas que se declararam brancas (56,8%), seguidas pelas pardas (35,9%), pretas (5,8%), amarelas (0,5%) e indígenas (0,4%); em relação à população não-alfabetizada (24 milhões), 51,5% são pardos; 37,2%, brancos; 9,5%, pretos; 0,8%, indígenas e 0,2%, amarelos. Levando-se em consideração a análise de informações de cada grupo de cor, isoladamente, os resultados também são relevantes. Por exemplo, na população total de indígenas (652 mil pessoas), 30,2% não são alfabetizados, o maior percentual. A seguir, vêm os pretos, cuja população é de 9,8 milhões e o percentual de não-alfabetizados é 23,2%. Em relação aos pardos, com população de 58,7 milhões, o percentual é de 21,1%; entre os 82,4 milhões de brancos, 10,9% e dos 720 mil amarelos, 6,6% não são alfabetizados.

Essa é a primeira realidade, realmente palpável, digna de manifestação de afeto, de solidariedade e respeito. É este o resultado de uma má distribuição de renda e de serviços essenciais ao povo brasileiro e de uma desvalorização da educação a ponto de não erradicar o analfabetismo e de manter um sistema educacional que ainda não atingiu a totalidade dos brasileiros.

A segunda realidade é decorrente da confusão que se estabeleceu entre gramática normativa e língua. A língua, nessa perspectiva, é reduzida a um número de regras que foram se perpetuando na gramática normativa, tidas como exemplo da *boa língua*, quase sempre exemplos dos escritores, dos grandes vultos da nobreza. É bom lembrar que a gramática normativa é posterior à língua, ela é um sistema de regras fixadas como exemplo, mas de forma nenhuma pode ser representativa da língua. Nas palavras de Bagno (2000), assim como a receita de um bolo não é um bolo, como o molde de um vestido não é um vestido, como o mapa-mundi não é o mundo, também a gramática normativa não é a língua, ela é uma descrição, ou melhor, é uma tentativa de descrever parte da língua, a chamada *norma culta*. A gramática normativa é “um conjunto de regras que devem ser

seguidas, para tanto apresenta um conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão”. (POSSENTI, 2002, p. 64).

Segundo Bagno, a gramática normativa deixou de ser uma tentativa de explicação dos fenômenos da linguagem humana para se transformar em mais um elemento de dominação de uma parcela da população sobre os demais. Nessa visão, em que a gramática normativa é tida como a Língua,

(...) a “Língua” foi elevada a essa categoria abstrata, devendo, portando, ser “preservada” em sua “pureza”, “defendida” dos ataques dos “barbarismos”, “conservada” como um “patrimônio” que não pode sofrer “ruína” e “corrupção”. Nessa concepção nada científica, língua não é toda e qualquer manifestação oral e/ou escrita de qualquer ser humano, de qualquer falante nativo do idioma: “a Língua”, com artigo definido e inicial maiúscula, é somente aquele ideal de pureza e virtude, falado e escrito, é claro, pelos puros e “virtuosos” que estão no topo da pirâmide social e que, por isso, merecem exercer seu domínio sobre as demais camadas da população. A língua deixou de ser fato concreto para se transformar em valor abstrato. (BAGNO, 2000, p. 149)

Nessa mentalidade, a Gramática Tradicional passa a ser “o lugar das certezas, uma doutrina sólida e compacta, com uma única resposta correta para todas as dúvidas” (BAGNO, 2000, p. 150). O que não está tratado por essa gramática é considerado *erro* ou simplesmente não é português e essa idéia é divulgada pelos programas de rádio e televisão, em jornais e em revistas que se julgam na autoridade de fazer juízos do *certo* ou *errado*, ou seja, para eles, “erro é tudo aquilo que foge à variedade que foi eleita como exemplo de boa linguagem” (POSSENTI, 2002, p. 78). Essa boa linguagem é quase sempre idealizada e sempre buscada num passado mais ou menos distante, sendo, portanto, em boa parte arcaizante.

Sob a égide desse discurso, lemos em jornais e na internet colunas inteiras que ganham lugar de destaque pelo tom de deboche e de desprezo de seus autores para com outros registros da Língua Portuguesa, em nome de um ufanismo demagogo, oportunista e falso de defesa da Língua Portuguesa e de um amor ao idioma. Essas colunas estão, geralmente, recheadas de preconceitos, quase sempre um preconceito que se volta para o usuário de determinado registro linguístico, que tenta culpar o brasileiro por deturpar a Língua Portuguesa, ainda com um sentimento subserviente, colonizado e com os olhos voltados para o padrão europeu, sob o pretexto de que o que não é falado em Portugal simplesmente não é português (conforme Bagno, 2000).

Dentre essas posturas de defesa do que não corre perigo, como é o caso da Língua Portuguesa falada no Brasil, merece destaque, por ser uma questão de interesse desta dissertação, caso do uso do gerúndio em perífrases verbais para expressar tempo futuro. Em artigo publicado inicialmente no Jornal da Tarde / O Estado de São Paulo, na edição de 16/02/2001, o jornalista Ricardo Freire saiu em defesa da Língua Portuguesa em um artigo intitulado *Manifesto Antigerundista*. Nesse artigo, o jornalista reconhece o fenômeno linguístico como “uma praga terrível da comunicação moderna”, “vício maldito” e “infelicidade linguística”.

O que o jornalista não levou em consideração, ao redigir o manifesto, foi o fato de a Língua Portuguesa ser uma língua viva, e como tal, está submetida a processos de variação e mudança, fenômenos tão importantes para todas as línguas, responsáveis inclusive pelo surgimento de novas línguas, como a que ele intenciona defender. Se essa verdade fosse negada, teríamos de afirmar que espanhóis, italianos e franceses falam o Latim. Contudo, uma afirmação que merece ressalvas, visto que não falamos o Latim, mas falamos uma língua, que a princípio era o Latim, um latim que por se distanciar do Latim padrão ou clássico, por sofrer os mesmos processos de variação e mudança a que todas as línguas estão submetidas, diferenciou-se a ponto de ser considerada uma nova língua. Esses processos aconteceram em todas as regiões dominadas pelo império romano e foram responsáveis pelo surgimento das línguas neolatinas.

O jornalista também desconsiderou que a codificação de tempo futuro em Língua Portuguesa é um fenômeno reconhecidamente em variação, que pode ser codificado por várias formas, dentre elas estão as perífrases com gerúndio: (I) ir (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*O grande P. C. vai estar conversando com a gente!*); (II) modal (presente) + estar (infinitivo) + gerúndio (*eu posso estar marcando outro dia*); (III) ir (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Vamos continuar tentando para que o senhor possa estar recebendo a encomenda em sua casa*); (IV) modal (presente) + qualquer infinitivo + gerúndio (*Se você não se prevenir, você pode acabar se contaminando*); (V) estar (futuro do presente) + gerúndio (*estaremos marcando a nova data das provas*); (VI) estar (presente) + gerúndio (*estou pedindo o relatório na semana que vem*).

Se um fenômeno está em variação, uma variante não pode ser considerada melhor que outra, o que pode ser verificado é o prestígio social entre uma variante e outra. Trata-se

de questões de *adequabilidade e aceitabilidade* e não de conceitos como certo e errado. De acordo Bagno (2000), só se poderia considerar erro de português um enunciado que não fosse representativo de nenhuma variedade do português, mas um fenômeno considerado “uma praga maldita” por ser observado em vários setores da sociedade não poderia ser considerado *erro* sob esse aspecto. No mínimo, diríamos que é um fenômeno que precisa ser estudado, ter mapeados seus contextos de usos e suas funções. Sendo um fenômeno em variação, o trabalho do jornalista, por *melhor que tenha sido a intenção*, torna-se inócuo, visto que é impossível barrar um fenômeno que é próprio da língua. Por mais que as gramáticas normativas de Língua Portuguesa insistam em afirmar que expressamos o futuro em Língua Portuguesa pelo futuro do presente simples, as recentes pesquisas (Gibbon, 2000; Santos, 2000; Oliveira, 2006) que trataram da variação de tempo futuro mostraram que, em português brasileiro, principalmente na fala, há uma preferência de uso, observada estatisticamente, pela forma perifrástica. Se fossem eficientes as tentativas de barrar fenômenos em variação, o fato de as lições de gramática normativa serem tão valorizadas pela mídia e continuarem a ser repetidas, por sinal sem grandes mudanças, seria suficiente para manter o sono do jornalista: o que ele denomina indiscriminadamente de *gerundismo* não teria a menor chance. Mas, felizmente, em língua as coisas não funcionam assim. A Língua Portuguesa falada no Brasil é minha, do jornalista, do operador de *telemarketing*, do vendedor, do professor, é de todos e não é de ninguém por mais paradoxal que essa afirmação possa parecer. É de cada um no sentido de que cada um é falante nativo e legítimo representante dessa língua, mas não é no sentido de que sozinho não se pode barrar ou começar um fenômeno linguístico. Enquanto esta pesquisa transcorria, assistimos a outra *ação protecionista* em favor da Língua Portuguesa. O governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda (DEM), numa atitude pouco convencional quando se trata questões ligadas à língua, através do Decreto Nº 28.314, de 28 de setembro de 2007, publicado no Diário Oficial do Distrito Federal, demitiu o gerúndio:

O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, no uso das atribuições que lhe confere o artigo 100, incisos VII e XXVI, da Lei Orgânica do Distrito Federal, DECRETA:

Art. 1º - Fica demitido o Gerúndio de todos os órgãos do Governo do Distrito Federal.

Art. 2º - Fica proibido a partir desta data o uso do gerúndio para desculpa de INEFICIÊNCIA.

Art. 3º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de setembro de 2007.

119º da República e 48º de Brasília

JOSÉ ROBERTO ARRUDA²⁸

Segundo Santos (2008), pelos esclarecimentos que se seguiram à publicação do Decreto, dados pelo próprio governador e seus assessores, o problema era com o *gerundismo* e não com o gerúndio, por causa do abuso da forma usada pelos funcionários públicos para “enrolar”. Para a autora, se a atitude do governador tornou sua administração mais eficiente, ainda é cedo para se saber, mas em nada tem a ver com a demissão do gerúndio. A autora, que fez sua pesquisa em Brasília, afirma:

A justificativa dessa demissão baseada na explicação de que o gerúndio não combina com governo eficiente, pois um governo assim está sempre com a coisa feita e nunca fazendo, reforça o mito de que funcionários públicos não trabalham porque são acomodados e de que estão protegidos pela estabilidade e tenta camuflar, por meio desse alibi, a má gestão e a corrupção, as verdadeiras causas do péssimo serviço prestado à população. (SANTOS, 2008, p. 86)

Não é a primeira vez que se tenta barrar, por meio de legislação, um fenômeno linguístico. Não faz muito tempo, o deputado federal Aldo Rebelo saiu em “defesa da língua”, com tão comentado e já célebre Projeto de Lei nº1676, de 1999, que “[D]ispõe sobre a promoção, a proteção, a defesa e o uso da Língua Portuguesa e dá outras providências.”²⁹

Essas atitudes bem demonstram como nossos políticos e a mídia brasileira desconhecem, ou pelo menos ignoram, a linguística moderna, uma ciência que

desde o fim do século XVIII, vem-se construindo um saber científico sobre as línguas humanas. Essa ciência – a linguística – já está solidamente estabelecida nas universidades do mundo todo e vem acumulando um saldo apreciável de observação e análises que corroem até o cerne tanto a reverência quase religiosa às velhas gramáticas, quanto o discurso mítico do senso comum. (FARACO, 2001, p. 37-38)

²⁸ DIÁRIO OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL, Ano XLI, Nº188. Disponível em: << http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2007/09_Setembro/DODF%20188%2028-09-2007/Seção01-%20188.pdf>>.

²⁹ Disponível em << <http://www.camara.gov.br/aldorebelo/bonifacio/linguaport/novprojeto.htm>>> acesso em 17/10/2008.

Essas posturas protecionistas bem demonstram o anti-cientificismo com que esses defensores tratam fenômenos da língua, como afirma Bagno (2001, p.60):

A falta de informação científica é evidente em todas as afirmações do purismo linguístico que, há vários séculos, vêm jurando de pé junto que a Língua Portuguesa está sendo assassinada, que dentro de poucos anos ela não vai existir mais, que os estrangeirismos vão destruir a estrutura do português, que o desprezo dos falantes pela sua própria língua vai condená-la ao desaparecimento etc., etc.

A Língua Portuguesa, embora se tenha preconizado seu trágico fim, não está em crise, mas ocorre justamente o contrário, o português é cada vez mais falado e difundido mundo afora, segundo Bagno(2001).

Voltando ao caso do governador, cuja atitude foi abusiva e autoritária, não nos parece razoável que demitir uma forma linguística seja a atitude esperada para se melhorar os serviços públicos. Geralmente, nas empresas, quando um funcionário não cumpre com eficiência as tarefas a ele atribuídas, a postura esperada é que este funcionário seja demitido e não impedido de falar uma ou outra forma verbal, de pedir desculpas ou de justificar-se. Mas o governador optou pela segunda alternativa.

A nossa sociedade, mesmo sendo marcada pelos números que o censo 2000 mostrou e de que tratamos há pouco, é uma sociedade profícua ao preconceito linguístico. Marcada que é pelas diferenças sociais, estabelecer a diferença entre os que sabem e os que não sabem o português tem se mostrado uma postura não só aceita pelos meios de comunicação bem como considerada louvável. Essa postura tem aberto espaço para o preconceito e intolerância linguísticos na mídia, palavras que à primeira vista parecem ser sinônimas, mas que segundo Leite (2008) merecem ser definidas em separado. Para a autora, “preconceito é a idéia, a opinião ou o sentimento que pode conduzir à intolerância”, que por sua vez pode ser definida como “atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações” (LEITE, 2008, p. 20). A intolerância constitui “um comportamento, uma reação explícita a uma idéia ou opinião contra a qual se pode objetar” (p. 20).

Sendo a intolerância uma atitude de ódio, de agressividade quase irracional para com indivíduos e grupos de pessoas, com a maneira de ser, com o estilo de vida, com as crenças, com as convicções, com o modo de falar, ela pode se manifestar de vários modos, como com expressões do tipo “eu odeio a fala do carioca”, “eu não suporto o sotaque nordestino”, “eu não consigo falar com mineiro”, “eu odeio *gerundismo*”, entre outras.

Essas atitudes são muito frequentes e precisam ser repensadas numa sociedade democrática.

Para Leite (2008), a intolerância gera discursos sobre a verdade (ou verdades) bem como sobre a compatibilidade/incompatibilidade teórica ou prática de duas verdades que se contrapõem. O preconceito e a intolerância têm em comum a não aceitação da diferença, que se manifesta por comportamento de aversão ao outro.

O preconceito não surge exclusivamente de uma dicotomia. Pode ser uma rejeição, um “não-querer”, um “não-gostar” sem razão, amorfo, e pode até mesmo não se manifestar; a intolerância, por sua vez, nasce necessariamente de julgamentos, de contrários, e se manifesta discursivamente. É resultado da crítica e do julgamento de idéias, valores, opiniões e práticas (LEITE, 2000, p. 22).

Para Fiorin (2002), os preconceitos aparecem quando se considera uma especificidade como toda a realidade ou como um elemento superior a todos os outros. Neste caso, tudo o que diferente é visto como inexistente, inferior, feio ou errado. O autor afirma ainda que a raiz do preconceito está na consideração das diferenças como patologia, erro, vício etc. e defende, ainda, que, no caso do uso da língua, os conceitos de bonito e feio, usados para tachar os diferentes modos de falar, nada têm a ver com a língua, mas com um modo de perceber as diferenças no seio de uma formação social. Bagno (2003) chama atenção para a dimensão que a sociedade dá ao “erro” linguístico, visto que se o “erro” já se tornou uma regra na língua falada pelos cidadãos mais letrados, embora contrarie as regras da gramática normativa, não é motivo para espantos. Por outro lado, se o erro vem de alguém da classe sem prestígio social, assume proporções gigantescas. Para ele, “existem erros mais errados que outros” (p.28), aqueles cometidos por falantes da variedade linguística desprestigiada. Se for um falante da classe social de prestígio diz-se que foi um lapso. A escala de erros tidos como graves é inversamente proporcional à posição do falante na escala de prestígio social: quanto mais baixo ele estiver na pirâmide social mais erros graves é passivo de cometer. A elite letrada tem seus “erros” perdoados porque no fundo quem dela faz parte “erra” por descuido, mas “sabe” falar a língua.

Dessa forma, o preconceito linguístico não tem sustentação nem respaldo científico, como esclarece Neves (2006, p. 156):

(...) a proposta e a manutenção de uma dicotomia com **certo** x **errado**, no exame do uso linguístico, não são condenáveis simplesmente pelo que elas poderiam representar de antidemocrático e preconceituoso, mas, especialmente,

pelo que elas representam de anticientífico e antinatural, já que certo e errado são categorias que nem emanam da própria língua nem, no geral, se sustentam por uma autoridade social legítima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, discutimos o status das perífrases gerundivas, comumente chamadas de *gerundismo*, uma das variantes em estudo nesta dissertação, que também entraram em competição com as outras formas da língua para expressar tempo futuro, para a qual propomos uma definição e lançamos uma hipótese sobre seu surgimento. Como se trata de um fenômeno novo, essas formas têm sofrido preconceito, surgindo a necessidade de uma discussão sobre o preconceito linguístico em linguagem.

Como na expressão de tempo futuro por meio de perífrases gerundivas também entram diferentes noções aspectuais e diferentes modalidades, faz necessário uma discussão que trate das correlações dessas categorias com a codificação de tempo futuro, assunto do nosso próximo capítulo.

3. TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, trataremos de duas concepções de *tempo*, visto que essa palavra carrega duas significações básicas: o *tempo físico*, tratado cronologicamente como aquele pelo qual a humanidade organiza sua história, e o *tempo* como categoria linguística, codificado por morfemas, advérbios, adjuntos e orações adverbiais de tempo.

Para a explicação dessas duas significações de tempo, apoiar-nos-emos no sistema de pontos de referência de Reichenbach (1947): momento do evento, momento de fala e momento de referência³⁰, importantes para determinação da correlação tempo físico-tempo verbal. Também lançaremos mão das categorias aspecto e modalidade, importantes para a definição de tempo.

3.1. Tempo

O registro da história da humanidade possivelmente seria inviável caso as línguas não dispusessem de mecanismos para registrar e medir com exatidão o tempo em que os fatos aconteceram, acontecem e acontecerão. Na verdade, esse fato parece ser tão importante que as línguas humanas dispõem de certa abundância de instrumentos linguísticos (como advérbios, flexões verbais, etc) e uma série de unidades de medida de tempo (ano, mês, dia, hora, minutos, segundos), de forma que sempre há como determinar o tempo cronológico (doravante Tempo) com a exatidão desejável quer pelos instrumentos de medição de tempo, quer pelos meios flexionais e lexicais de que dispõe a língua. Nas línguas em que não há flexão temporal nos verbos, essa marcação é possível por meio de vocábulos, expressões, dados provenientes do contexto, etc. Essa necessidade de marcação decorre de necessidades comunicativas para se evidenciar com precisão exata a marcação do tempo. Comparemos os exemplos as seguir:

³⁰ Traçamos comentários sobre esse sistema de pontos de referência, quando tratamos de *gerundismo*.

(21) Amanhã, pela manhã, exatamente às dez horas, enviarei um e-mail a minha orientadora.

(22) De minha casa, precisamente de meu quarto, de meu computador pessoal, enviarei um e-mail a minha orientadora.

A acumulação de expressões adverbiais de tempo, no enunciado (21), não nos causa estranheza, embora fique evidente que a ausência de todos eles não inviabilizaria a comunicação expressa pelo verbo no futuro. Já no enunciado (22), o acúmulo de advérbios de lugar torna o enunciado cansativo, embora seja bem formado e aceito do ponto de vista da gramática da língua, o enunciado é, no mínimo, estranho.

Conforme Enç (1996), advérbios e expressões que fixam de alguma forma o tempo não pertencem à categoria sintática de tempo, aceitando-se, por exemplo, que *perfectividade* e *progressividade* são aspecto e não tempo, embora também expressem, de alguma forma, uma interpretação temporal, o que o leva a afirmar que a propriedade semântica dessas expressões, mesmo levando a uma interpretação temporal, não é suficiente para identificá-las como um tempo. Em chinês, segundo Enç, é possível se produzir uma sentença que expressa um conteúdo temporal específico sem que haja nessa sentença uma expressão temporal.

A marcação de tempo em uma língua pressupõe a relação entre o Tempo e os tempos verbais que o expressam a partir de uma divisão do Tempo em passado, presente e futuro. Algumas línguas como o inglês e o alemão dispõem de palavras diferentes (*time*, *zeit*) para Tempo e para os tempos verbais (*tense*, *tempus*). Segundo Fleischman (1982), o tempo verbal é uma das muitas estratégias de se registrar o Tempo nas línguas, ou mais especificamente, na gramática.

3.1.1. O tempo verbal

Quando tratamos de línguas naturais, é comum imaginar-se que eventos, estados e ações se deslocam no tempo da esquerda (passado) para a direita (futuro), seguindo alguns pontos de orientação. Os tempos verbais são representados com referência ao ponto temporal do ato de fala (momento de fala), ou seja, os enunciados referem-se a situações anteriores, simultâneas ou posteriores ao tempo de fala. A partir de Reichenbach (1947), os

MF MR ME

(26) *vou continuar apostando na loteria*

—————→
MF/MR/ME³¹ *vou continuar apostando*

O momento de fala, na perspectiva de Reichenbach, é o elemento central como referência para se localizar os três tempos verbais básicos: presente, passado e futuro, também chamados de tempos verbais absolutos, que lhe são concomitante, anterior ou posterior. Fleischman (1982) define o momento de fala como aquele ponto em o falante produz a sentença em questão, é o presente do falante, o aqui-e-agora, que serve como centro dêitico ou ponto zero para o conteúdo proposicional da sentença e pode ou não coincidir com o momento de referência (MR). O momento de referência é uma espécie de cenário temporal em relação ao qual uma situação pode ser localizada. O momento do evento é aquele ponto cuja localização, na linha do tempo, pode ser especificada em relação ao MR e ao MF. Para os tempos absolutos, conforme Fleischman, o MR coincide com o MF; para os tempos relativos, o MR funciona como um suplente para o MF, estabelecendo por ele mesmo a base para a sequência de eventos.

Segundo Comrie (1990), *tempo absoluto* é um termo tradicional, um pouco enganoso, para se referir aos tempos que tomam o momento presente como centro dêitico. É enganoso porque é impossível uma referência de tempo absoluto, uma vez que uma situação de tempo é relativa a outras que são estabelecidas como ponto de referência de tempo e o momento presente é apenas um entre uma infinidade de pontos que podem ser escolhidos como referência de tempo, embora desempenhe o papel principal na definição de tempos nas línguas humanas. Assim, Comrie define os tempos absolutos como aqueles em que uma situação é localizada antes, depois ou no momento presente (momento de fala).

Já os *tempos relativos* são definidos por Comrie como aqueles em que o ponto de referência para a localização de uma situação é algum ponto dado pelo contexto e não necessariamente pelo momento presente. Assim, Comrie define tempos relativos como

³¹ A seta acima de ME significa que o evento, embora seja claramente de tempo futuro, inclui o MF.

aqueles em que uma situação é localizada antes, depois ou simultânea a ponto de referência dado pelo contexto. Consideremos o exemplo a seguir:

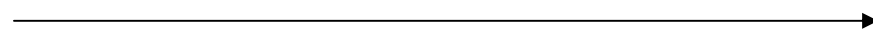
(27) *Que espécie de tecnologia você imagina no futuro?*

Resposta: Os carros voando.

A forma nominal *voando* codifica claramente o tempo futuro, mas esse tempo é relativo, pois só pode ser identificado como tal se considerarmos a pergunta *que espécie de tecnologia você imagina no futuro?* que implica uma construção no futuro.

Os tempos verbais *relativo-absolutos* são definidos como aqueles em que uma situação descrita por uma forma verbal pode ser localizada antes ou depois de um momento de referência. São assim chamados porque seus significados combinam localização de tempo absoluto de um ponto de referência com localização de tempo relativo de uma situação. Os tempos absoluto-relativos são determinados por ter um ponto de referência antes ou depois ao momento de fala e a situação sendo localizada antes ou depois desse ponto. Um ponto de referência que coincide com o momento de fala simplesmente dá uma referência de tempo absoluta, não uma referência de tempo absoluto-relativa. Em tempos verbais como o mais-que-perfeito, essa noção fica muito clara, visto que primeiro se identifica uma situação no passado, o pretérito perfeito, e depois outra situação de passado em relação a esse passado, o mais-que-perfeito. Em termos de tempo futuro, como é o caso desta pesquisa, não temos uma situação de “mais-que-futuro”, mas é possível expressar uma situação de tempo futuro acabada em relação a outra, conforme exemplos a seguir:

(28) *Quando você voltar, já terei concluído a pesquisa.*

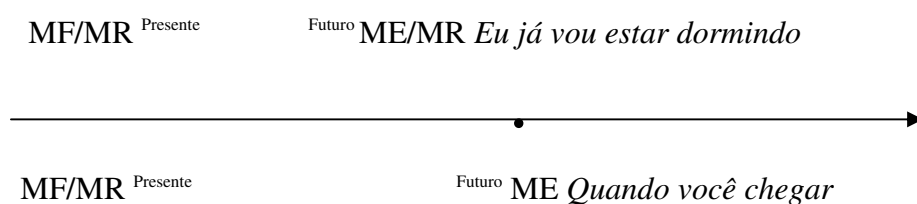


MFMR₁ ME₂MR₂ *quando você voltar* ME₁ *terei concluído*

São possíveis também situações de dupla referência, em que parte da situação descrita no futuro tem como referência o momento de fala e a outra parte tem como referência outra situação no futuro. Retomemos o exemplo (15):

(15) *Quando você chegar, eu já vou estar dormindo.*

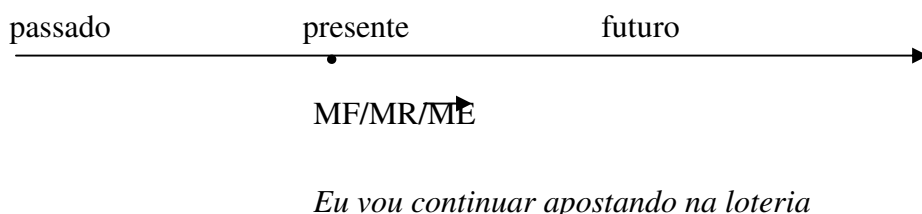
Quando você chegar tem como referência o momento de fala, pode ser localizado a partir dele, é uma situação de tempo futuro; *eu já vou estar dormindo* toma o momento de fala como referência, mas também toma a outra situação de futuro como referência, dizemos assim que tem dupla referência, porque parte do significado dessa situação pode ser encontrado no momento de fala e outra parte num ponto de referência localizado na situação depois dele. Uma peculiaridade dessa construção é que ela não pode ser localizada como totalmente posterior a outra situação de futuro que lhe serve de referência, visto que a situação *eu já vou estar dormindo* inicia-se antes, realiza-se durante e depois da situação *quando você chegar*.



O tempo futuro pode ser definido como descrevendo uma situação localizada à direita do momento de fala no diagrama do tempo. Em se tratando da codificação de tempo futuro por perífrases gerundivas, essa situação pode ou não incorporar o momento de fala, o que nos permite tratar de distanciamento temporal do tempo futuro em relação ao presente. Retomemos o exemplo (26):

(26) *Eu vou continuar apostando na loteria*

A situação descrita, no exemplo acima, é uma situação de tempo futuro que incorpora o momento de fala ou, pelo menos, pressupõe que o falante desse enunciado jogava antes, joga e continuará jogando, é uma situação de tempo futuro que pode ser representada da seguinte forma:



3.2. Aspecto

Segundo Comrie (1981), o termo aspecto é menos familiar que os termos *modo* e *tempo* e, como a noção de tempo não necessariamente exclui marcas aspectuais, não raramente a terminologia tradicional tem usado termos como *perfectivo* para se referir a tempo passado simples, por exemplo.

Embora tempo e aspecto estejam ligados ao Tempo, eles tratam de Tempo em diferentes formas, segundo Comrie, visto que tempo é uma categoria dêitica que localiza situações no Tempo geralmente com referência ao tempo presente, embora também possa tomar outras situações como referência. Aspecto não diz respeito à relação do tempo de uma situação com um ponto de referência de tempo, mas trata da constituição temporal interna de uma situação, podendo-se exprimir a diferença entre tempo interno de uma situação (aspecto) e tempo externo de uma situação (tempo). Uma língua pode combinar as categorias tempo e aspecto como ocorre em português em situações como no exemplo (29), em que o significado de aspecto imperfectivo e referência de tempo passado se sobrepõem:

(29) *Paulo estava jogando bola.*

Comrie afirma que aspecto, como qualquer outra categoria gramatical, pode ser expresso por flexões morfológicas da língua e por meio de perífrases. Aspecto, na concepção de Comrie, diz respeito ao modo como uma situação ou um evento podem ser vistos: como um todo sem distinção de fases (aspecto perfectivo) ou em sua constituição interna (aspecto imperfectivo). O linguista diferencia aspecto *perfectivo* de aspecto *imperfectivo* justamente pelo fato de um *perfectivo* tomar a situação de fora, em sua inteireza, sem levar em consideração a constituição temporal interna da situação, enquanto o *imperfectivo* toma a situação de dentro e como tal ocupa-se da estrutura interna da situação, distinguindo seu início e seu fim e só é apropriado se a situação é prolongada o tempo todo do início ao fim.

Segundo Comrie, costuma-se afirmar que aspecto *perfectivo* descreve uma situação de curta duração; e aspecto *imperfectivo*, uma situação de longa duração. Contudo, segundo o autor, aspecto *perfectivo* não pode ser definido como descrevendo uma situação de duração limitada em oposição a uma ilimitada, ambos os tipos aspectuais podem ser usados para fazer referência a uma extensão temporal de uma situação, ou seja, formas perfectivas podem ser usadas para codificar situações que se prolongam no tempo,

ou que incluem fases internas, desde que essa situação seja tomada como um todo. Coan (2003) assegura que as combinações de formas perfectivas, por exemplo, com advérbios de tempo indeterminado (*sempre, nunca*) expressam a duração de uma situação que pode ser confundida com aspecto imperfectivo³², sendo, portanto, inadequado dizer que formas perfectivas exclusivamente indicam situações de curta duração, pontuais ou momentâneas, descrevem situação delimitada, sendo também inadequado dizer o oposto para formas imperfectivas.

A questão que se impõe é se de fato há ou não uma situação estritamente pontual que não possa ser vista como prolongada no tempo ou consistindo de muitas fases. Essas noções aspectuais serviram de suporte para a caracterização de *gerundismo* e é pertinente retomar essa discussão aqui. Vejamos os exemplos:

(30a) *Ronaldo baterá pênalti(s) (a tarde inteira)*

(30b) *Ronaldo estará batendo pênalti(s) (a tarde inteira)*

(30c) *Ronaldo vai estar batendo pênalti(s) (a tarde inteira)*

Temos situações que são vistas em sua inteireza, bater pênalti é vista como uma situação única, sem distinção de partes, contudo as nuances aspectuais são diferentes nos três casos: Em (29a), a flexão do termo *pênalti* no plural e a ausência de um determinante são suficientes para expressar iteratividade, ou seja, Ronaldo baterá vários pênaltis durante uma determinada extensão de tempo, no caso, o período de uma tarde, mas cada repetição do evento é vista como um todo único sem distinção de fases; nos outros dois exemplos, não é mais o termo *pênaltis* que expressa repetição da ação de *bater pênaltis*, mas as perífrases *estará batendo* e *vai estar batendo*, contudo enquanto em (30a) a idéia de duração não está vinculada à forma, nos exemplos (30b) e (30c) essa idéia é claramente identificada nas perífrases.

³² Coan baseia-se em Mateus et al. (1983) que consideram o advérbio, em português, como um dos processos de expressão da categoria aspecto: “Se admitirmos a idéia de que existe uma forma inicial que pode ser alterada quando conjugada com outras categorias no enunciado, então teremos de falar em *aspecto básico e aspecto decorrente do contexto*. Isso porque, se é possível que uma forma perfectiva carregue traços como pontualidade ou iteratividade, também deve ser possível que carregue o traço continuidade. Propomos, portanto, que há um significado básico que pode ser mantido no contexto e um significado adicional decorrente da combinação da forma verbal com outras formas gramaticais.” (COAN, 2003, p. 96).

Duratividade, segundo Comrie, refere-se a uma situação que se prolonga no tempo ou, pelo menos, é concebida como prolongada durante um certo período de tempo em oposição a pontualidade, que se realiza momentaneamente, o que permitiria afirmar que, por definição, em situações pontuais não poderia ser identificada constituição temporal interna de uma situação; portanto, *imperfectividade* e *pontualidade* seriam incompatíveis. Se essa afirmação for considerada verdadeira, pondera Comrie, verbos estritamente pontuais, como *cough* (tossir), não poderiam ser empregados como durativo; contudo, uma interpretação *imperfectiva* seria impossível em uma sentença do tipo *he was coughing* (ele estava tossindo) para se referir a uma única tosse, mas seria perfeitamente apropriada para descrever uma série de tosses, ou até mesmo se fossem duas tosses, claramente uma situação durativa. Dessa forma, Comrie sugere os termos *semelfactivo*, para se referir a uma situação pontual que se realiza uma única vez, e o termo *iterativo*, para aquelas em há repetições da situação, não sendo excluídas deste último nuanças durativas.

É pertinente também considerarmos, já que tratamos de aspecto em perífrases verbais, as contribuições de Vendler (1967), visto que sua tipologia quadripartida considera a situação das formas verbais como expressões sintaticamente complexas, em que adjuntos, advérbios e complementos também são importantes para determinar a que categoria um verbo pertence, já que podem alterar seu significado. Vendler, para propor sua tipologia, leva em consideração que, embora os verbos de uma língua indiquem tempo, o que nos leva a propor que o conceito de tempo é relevante para uso dos verbos de uma língua, isso, segundo ele, não está limitado à distinção óbvia entre presente, passado e futuro, mas também ao fato de uma forma de um verbo também pressupor e envolver a noção de tempo. Assim, sua discussão leva em conta a constituição temporal interna dos verbos, seus sentidos e a sua ocorrência com outros argumentos. A tipologia de Vendler é constituída dos seguintes tipos de verbos: *atividades*, *accomplishments*, *achievements* e *estados*³³.

Os verbos de *atividade* (como correr, puxar uma carroça...) são denominados por Vendler como aqueles que não têm um tempo definido; embora ocorram dentro de um

³³ Decidimos não traduzir os termos *accomplishments* e *achievements*, visto que a tradução poderia desvirtuar o conceito dos termos tal qual como são compreendidos na língua original.

espaço de tempo, não têm um ponto final, um clímax a ser atingido para que a ação descrita por esses verbos seja verdadeira. Se é verdadeiro que alguém *está correndo* ou *puxando uma carroça agora*, se esse alguém parar no momento seguinte, será verdadeiro afirmar que ele correu e que ele puxou a carroça³⁴. Para atividades, Vendler propõe o seguinte esquema de definição: “*A estava correndo em um tempo t* significa que o instante de tempo *t* é uma extensão de tempo em que *A* estava correndo”³⁵ (VENDLER, 1967, p. 106, itálicos do autor). *Atividades* admitem locuções adverbiais ou advérbios que denotem duração como *por uma hora*, *durante uma hora*, cabendo a pergunta “por quanto tempo?”, segundo Vendler, para se identificar esse tipo de situação.

Os *accomplishments* (correr uma milha, desenhar um círculo, escrever uma carta.) são aqueles que pressupõem um tempo homogêneo, ocorrem em um tempo certo, prosseguem para um término que é logicamente necessário para que a ação descrita pelo verbo seja verdadeira. Para os *accomplishments*, é válido o seguinte: “*A estava desenhando um círculo em um tempo t* significa que *t* é a extensão de tempo em que *A* desenhou o círculo”³⁶ (VENDLER, 1967, p. 106, itálicos do autor). *Accomplishments* admitem locuções adverbiais como *em uma hora*, que servem para expressar o tempo completo em que a situação ocorreu, sendo impossível distinguir suas fases, visto que é o tempo necessário para que a situação se realize.

Os *achievements* (alcançar o topo de uma colina, ganhar uma corrida, encontrar um tesouro) são aqueles verbos que ocorrem em um momento único, eles sugerem o começo ou fim de uma situação, não podem ocorrer numa extensão temporal. Só se pode afirmar que alguém alcançou o topo de uma colina, se, de fato, esse alguém o alcançou e, se ele parar a escalada no meio do trajeto, não será verdadeiro que ele alcançou o topo da colina. Da mesma forma, ganhar uma corrida só verdadeiro se esse alguém cruza a linha de chegada (também um *achievement*) e essa afirmação não será verdadeiras nos instantes de tempo anterior a isso³⁷. Para os *achievements*, Vendler estabelece que: “*A ganhou uma corrida entre t₁ e t₂* significa que o instante de tempo em que *A* ganhou a corrida está entre

³⁴ Esse raciocínio é desenvolvido por Vendler (1967, p. 100).

³⁵ Tradução livre de “*A was running at time* means that time instant *t* is on a time stretch throughout which *A* was running”.

³⁶ Tradução livre de “*A was drawing a circle at t* means that *t* is on the stretch in which *A* drew that circle”.

³⁷ O raciocínio foi desenvolvido por Venler (1967, p. 106)

t_1 e t_2 ”³⁸ (VENDLER, 1967, p. 106, itálicos do autor). Para verificar se uma situação é um *achievements* Vendler propõe perguntas como “*em que hora?, em que momento?*” que evidencia justamente o momento pontual em que a situação se realiza.

Os *estados* (amar alguém, gostar de alguém etc) são verbos que descrevem situações que são verdadeiras em todos os instantes de tempo de um período de tempo, são situações que duram entre instantes de tempo que vão entre t_1 e t_2 , sem ter seu valor de verdade comprometido e sem possibilidade de distinção de fases. Para os estados, a definição esquemática proposta por Vendler é: “*A amou alguém de t_1 a t_2 significa que em algum instante entre t_1 e t_2 A amou essa pessoa*”³⁹ (VENDLER, 1967, p. 106, itálicos do autor).

As definições esquemáticas propostas por Vendler mostram que *atividades* requerem períodos de tempo que não são únicos ou definidos; *accomplishments*, por outro lado, implicam a noção de períodos de tempo exclusivos e definidos; *achievements* envolvem instantes de tempo exclusivos (únicos) e definidos e *estados* envolvem instantes de tempo de interpretação indefinida e não-exclusiva.

3.2.1. A tipologia de Vendler e as perífrases gerundivas

Cabe perguntar a pertinência da discussão que empreendemos aqui sobre a tipologia verbal proposta por Vendler para esta pesquisa. Estão inclusas, nesta pesquisa, variantes complexas do ponto de vista estrutural, visto que são perífrases formadas por dois ou três verbos, e semântico, já que a combinação de diferentes verbos no infinitivo com diferentes verbos no gerúndio acrescenta à perífrase nuances aspectuais a ponto de diferenciarmos essas variantes, tendo sido um critério pertinente para a definição de *gerundismo*, conforme discutido no capítulo II.

Nesta subseção, verificaremos novamente o comportamento dos verbos nas perífrases gerundivas, visto que essas perífrases apresentam diferentes verbos no infinitivo e no gerúndio. O verbo *estar*, dentro da tipologia proposta por Vendler, pode ser categorizado como um verbo que descreve situações de *estado*, e seu uso em perífrases

³⁸ Tradução livre de “*A won a race between t_1 and t_2 means that the time instant at which A won that race is between t_1 and t_2 ”.*

³⁹ Tradução livre de “*A loved somebody from t_1 and t_2 means that at any instant between t_1 and t_2 A loved that person”.*

gerundivas permitiu classificarmos diferentemente essas construções (aquelas que podem ser consideradas *gerundismo* e aquelas que não podem), considerando também os outros verbos, os complementos e adjuntos adverbiais presentes na oração em que ele está empregado, já que ele funciona como mero auxiliar sem expressar nuances aspectuais, quando se trata de *gerundismo*. Vejamos:

(31) *O grande P. C. vai estar conversando com a gente!*

Esse é um exemplo que pode ser categorizado como *atividade*. *Conversar* é uma situação que é válida em todos os intervalos de tempo em que ocorre, embora se possa prever um tempo completo que em essa situação vai acontecer (no caso do exemplo, por ser futuro), mas se alguém está conversando e pára em seguida, conversou em todos os intervalos de tempo que antecederam o fim da conversa; mesmo que o assunto que mediou a conversa não tenha sido finalizado, a situação é verdadeira. Nesse caso, a perífrase admite expressões como *por uma hora, durante uma hora*, que denotam certa duratividade, próprias dos verbos de *atividade*. Quanto à categorização desse exemplo como *gerundismo*, conforme discutido no capítulo anterior, não parece ser relevante o fato de a perífrase ser classificada como *atividade*, conforme Vendler, mas a discussão dessa tipologia vem colaborar com o fenômeno que estamos investigando, conforme exemplo seguinte:

(32) *Eu posso estar marcando a consulta outro dia.*

Esse exemplo parece ser mais complexo, dentro da tipologia proposta por Vendler. *Marcar* é tipicamente um *achievement*, precisa de um tempo único, sugere fim de uma situação, não pode ocorrer numa extensão temporal. Na perífrase em questão, *marcar* não pode co-ocorrer com expressões adverbiais durativas como *por uma hora, durante uma hora* (neste caso, teríamos iteratividade e um *accomplishment*), mas responde a questionamentos pontuais como *em que momento?, em que hora?*, que servem para evidenciar um *achievement*. Há que se considerar os verbos que antecedem o gerúndio: o auxiliar *estar* e o modal *poder* flexionado no presente. Vimos afirmando que *estar*, sendo um verbo de estado permanente, enfatiza a noção aspectual do outro verbo da perífrase, mas *poder* empresta à perífrase nuances modais diferentes (no caso do exemplo 32, modalidade deôntica, no sentido de *ser capaz de*, o que evidencia um *estado* que não é necessariamente permanente). Teríamos aqui um problema: essa perífrase poderia ser

considerada um *achievement*? Não parece haver dúvida que *marcar*, mesmo no gerúndio, mantém seu caráter de *achievement*. A incompatibilidade reside nos verbos *poder* e *estar* que são categorizados como estados (Eu estou professor/Eu posso ensinar) na tipologia de Vendler, mas quando associados a um *achievement*, numa perífrase codificadora de tempo futuro, marcam prospecção futura. Essa característica confirma a definição de *gerundismo*, quando se pode identificar alguma incompatibilidade entre as perífrases.

(33) ***Vamos continuar tentando para que o senhor possa receber a encomenda em sua casa.***

Não parece haver dúvida quanto à classificação dessa perífrase como *atividade* na tipologia proposta por Vendler. *Tentar* é um verbo que descreve uma *atividade* (*tentar durante uma hora – se eu parar de tentar, tentei: a situação continua verdadeira*), mas quando associado a *continuar*, essa duratividade interna dos verbos de *atividade* que permitem que a situação descrita por eles seja válida em qualquer instante de tempo entre t_1 e t_2 , fica mais evidente: quem continua tentando, mesmo que pare de tentar, tentou. Classificamos essa perífrase como durativa por excelência e a excluimos dos casos de *gerundismo*.

(34) ***Se você não se prevenir, você pode acabar se contaminando.***

Nessa situação, embora se possa identificar uma progressividade, ela aponta para um determinado fim, um momento único em que o ato de se contaminar vai acontecer, podendo ser categorizada como *achievement*. Esse exemplo diferencia-se do exemplo 2 porque o verbo *acabar* no infinitivo sugere esse ponto final em que a situação descrita se completará, portanto não é incompatível com o *achievement* *contaminar-se* no gerúndio. O verbo *poder*, nesse caso, expressa o sentido de *ser possível* (mais certo e menos hipotético) também contribuindo para uma interpretação do ponto de vista do final da situação (o ato de se contaminar). Nesse caso, a harmonia na combinação entre os verbos também contribui para a discussão tratada no capítulo anterior, quando não consideramos esse exemplo como *gerundismo*.

(35) ***Estaremos marcando a nova data das provas.***

Nesse exemplo, a perífrase pode ser classificada como *achievement*, conforme as considerações que fizemos sobre o verbo *marcar*. Não há incompatibilidade entre o auxiliar *estar*, flexionado no futuro do presente do indicativo, e o verbo *marcar* no gerúndio. Embora o verbo *marcar* pressuponha um tempo único e preciso em que a situação por ele descrita se completará, o que, de certa forma implica pontualidade, não inviabiliza seu uso como progressivo, visto que os instantes de tempo entre t_1 e t_2 não são verdadeiros, ou seja, quem *está marcando*, de fato, não concluiu essa ação, *não marcou*, a ação precisa alcançar o instante t_2 para ser verdadeira, mas esse traço não exclui o traço progressividade.

(36) *Estou pedindo o relatório na semana que vem.*

Da mesma forma, essa perífrase comporta-se como *achievement*, visto que a situação descrita pela perífrase precisa alcançar um tempo final t_2 para se completar, *pedir um relatório* só é uma ação verdadeira quando se atinge esse tempo final, não sendo verdadeira em nenhum dos instantes de tempo o antecedem. O caráter progressivo da sentença não é incompatível com a categoria *achievement*, porque se a situação não atingiu o tempo t_2 , ela está em progresso.

Como resultado da discussão travada até aqui, a tipologia de Vendler é importante para se observar a organização interna das perífrases gerundivas, principalmente quando se trata de perífrases com três verbos. Essas construções, a depender do verbo que ocorre na segunda posição e do verbo que ocorre no infinitivo, expressam diferentes nuances do aspecto durativo, critério importante para a definição de *gerundismo* e da regra variável, apresentada no capítulo V, visto que o tempo futuro durativo é apresentado sob três perspectivas diferentes: a) com ênfase em seu início (exemplo 33); b) com ênfase apenas na duração, sem definições do início e término da duração (exemplos 31 e 32) e c) com ênfase em seu término (exemplo 34).

3.3. Modalidade

O tempo futuro não permite expressar modalidade factual, já que seu valor de verdade depende dos julgamentos que o falante faz sobre a (im)possibilidade de um determinado estados de coisas - EC, sendo pertinente a afirmação de Gibbon de que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal de futuro.

Segundo Fiorin (2000), a modalização tem o papel de exprimir a posição do enunciador em relação àquilo que diz, sendo dessa forma definida como predicado que determina outros predicados. Para Neves (2006), a modalidade é um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, afirma a autora, a modalidade pode ser considerada uma categoria obrigatória, já que o falante marca de algum modo seu enunciado em termos de verdade do fato expresso e acrescenta certo grau de certeza a essa marca, sendo coerente afirmar que não existem enunciados não-modalizados.

Partindo-se dessa afirmação, faz-se necessário discutir a relação entre modalidade, tempo e aspecto com o propósito de se constatar a relevância dessa categoria para a compreensão do comportamento das perífrases gerundivas.

3.3.1. Modalidade e sua relação com aspecto e tempo

Lyons (1977) reconhece que não há uma distinção nítida entre tempo verbal e aspecto por um lado e tempo verbal e modalidade por outro, essas noções estão interligadas no discurso para se referir ao tempo. Segundo Givón (1984), as categorias tempo, aspecto e modalidade (categorias TAM) representam três diferentes pontos de partida em nossa experiência de tempo. O tempo envolve primeiramente – embora não exclusivamente – nossa experiência /conceito de tempo como pontos em uma sequência e, portanto, as noções de anterioridade e posterioridade. Os vários tipos de aspecto envolvem nossa noção de delimitação do período de tempo, isto é, várias configurações de começo, meio e fim. Finalmente, a modalidade diz respeito, entre outras coisas, às nossas noções de realidade, “no sentido de ter existência factual em algum tempo (verdadeiro), não ter existência real em nenhum tempo (falso), ou ter uma existência potencial em algum tempo possível (possível)” (GIVÓN, 1984, p. 272)⁴⁰.

Segundo Givón, entre todos os subsistemas gramaticais, tempo, aspecto e modalidade são as categorias mais complexas e frustrantes para os linguistas, já que são categorias obrigatórias sem as quais nenhuma sentença pode ser produzida. Enquanto componentes obrigatórios, as categorias TAM constituem um mecanismo de conectividade

⁴⁰ Trecho livremente traduzido de: “in the sense of having factual existence at *some* real time (true), having existence at *no* real time (false), ou having *potencial* existence in some *yet-to-be time* (possible)”.

– ou coerência – de sentenças no contexto mais amplo do discurso. Dessa forma, as categorias TAM estão envolvidas em construções complexas e em funções complexas no discurso.

De acordo com Givón, dentre as várias categorias que abrangem o complexo TAM, estão grupos de traços semânticos e discursivo-pragmáticos. Como traços semântico-lexicais, eles estão intimamente envolvidos no significado dos verbos; como traços semântico-proposicionais, eles codificam várias facetas do estado, evento ou ação; como traços discursivo-pragmáticos, eles desempenham um papel crucial na sequenciação de proposições em figura/fundo, na indicação de modalidades no que diz respeito ao contrato entre falante-ouvinte (verdade/certeza/probabilidade). Esses traços são pertinentes para o fenômeno em análise, visto que sobre o uso de perífrases com gerúndios recaem certas nuances modais como certeza/incerteza, possibilidade/impossibilidade de uma situação.

Para Givón (1984), os tipos de modalidades que são mais comuns nas línguas humanas:

a) **pressuposição**: uma sentença é verdadeira por uma espécie de acordo prévio.

b) **asserção *realis***: que se desdobra em duas: (i) afirmativa: uma sentença é fortemente aceita como verdadeira; (ii) negativa: uma sentença é fortemente aceita como falsa.

c) **asserção *irrealis***: uma sentença é fracamente aceita como uma verdade possível.

Para Coan et al. (2006), essa atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional da sua declaração constitui o seu julgamento *epistêmico* (de verdade, possibilidade, certeza, crença, evidência), *deôntico ou avaliativo* (de desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, permissão, manipulação). O tempo futuro é claramente *irrealis*, nos termos de Givón, já que trata de estados ou eventos hipotéticos, possíveis, incertos que ainda não ocorreram, mas é possível, no caso das perífrases gerundivas, que o falante opte por expressar uma avaliação *epistêmica* ou *deôntica* de um estado de coisas *irrealis*, visto que, na composição dessas perífrases, entram diferentes tipos de verbos,

auxiliares e modais, que podem elucidar diferentes avaliações do falante sobre o conteúdo proposicional de uma situação descrita no futuro. Nos exemplos seguintes, temos eventos *irrealis* com avaliações diferentes: *epistêmica* em (37); *deôntica* em (38).

(37) *Acho que muita gente pode ta ali contribuindo ta ali ajudando e assim descobrir os potenciais que a cidade tem. (corpus Torres).*

(38) *Se o país tiver regredindo eles VÃO TER QUE TA BRIGANDO. (corpus Torres).*

A *modalidade epistêmica* foi caracterizada por Hengeveld (1989) em termos de comprometimento do falante com relação à verdade do conteúdo da predicação que ele apresenta para ser considerado. “Ao modalizar subjetivamente uma predicação, o falante revela-se como a origem da informação e também como aquele que apresenta um julgamento sobre a informação contida nessa predicação” (HENGEVELD, 1989 *apud* HATTNER et ali., 2000).

Segundo Palmer (1986), uma das formas de o falante indicar o seu (des)comprometimento com a verdade de uma proposição é a indicação das evidências por meio das quais ele fez seu julgamento. A avaliação epistêmica é feita a partir do conjunto de conhecimentos que o falante possui. Ocorre, porém, que esse conjunto de informações (evidências) pode não ser explicitado pelo falante, segundo as suas intenções. Para o autor, todo julgamento modal está baseado em uma evidência. Vejamos o exemplo seguinte, no qual o falante exprime seu julgamento através da expressão “eu acho que”, que exprime sua crença, sua avaliação do estado de coisas que irá acontecer:

(39) *Eu acho que o preconceito no caso já vai ta acabando aos poucos. (corpus Torres).*

O falante pode também optar por não indicar o tipo de evidência de que dispõe, se o conhecimento subjacente à sua avaliação for do domínio comum ou, principalmente, se ele quiser fazer parecer que é um conhecimento compartilhado. Dessa forma a qualificação epistêmica incide não sobre uma proposição, mas sobre um estado de coisas - EC que é considerado *certo* ou *possível*, segundo uma avaliação apresentada como independente da crença do falante. Observe-se o seguinte exemplo:

(40) *As rádio vão ta sempre tocando músicas variadas. (corpus Torres).*

Nesse exemplo, a avaliação do evento futuro feita pelo falante é apresentada como um estado de coisas certo, que independe da crença do falante, daí que não é feita nenhuma avaliação por termos adicionais como “eu acho que”, “eu penso que”.

Por outro lado, a modalidade *deôntica*, segundo Neves, está relacionada com obrigações e permissões e está condicionada por traços lexicais específicos ligados ao falante, como o traço [+ controle] e implica que o ouvinte aceite o valor de verdade do enunciado para executá-lo. Essa modalidade, segundo a autora, diz respeito à maneira como um ato é social ou legalmente aceito. Vejamos o exemplo a seguir:

(41) *Com relação assim a trabalho que sei que eu posso continuar buscando construindo assim um espaço na área profissional e tudo. (corpus Torres)*

Esse exemplo constitui-se de uma avaliação *deôntica* por parte do falante com conteúdo proposicional expresso pela perífrase gerundiva, que se utiliza de termos específicos tais como “sei que eu posso” - que denotam traços de [+controle] – tornando-se responsável direto pelo teor verdade do estado de coisas, cujo valor de verdade não é posto em dúvida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, tratamos de duas significações de tempo: o Tempo, caracterizado como tempo físico, e sua relação o tempo, categoria verbal que pode ser expressa por morfemas flexionais e expressões adverbiais. Ao tratar de tempo verbal, empreendemos uma discussão sobre tempo absoluto, tempo relativo e tempo relativo-absoluto, na concepção de Comrie, importantes para a compreensão do comportamento linguístico das perífrases gerundivas. Discutiram-se, também, as noções de aspecto verbal, modalidade e referência, categorias que se mostraram importantes para a caracterização de *gerundismo*.

Até aqui, vimos tratando das discussões inerentes ao comportamento das perífrases gerundivas, sua inserção no português contemporâneo e das categorias que, de alguma forma, estão envolvidas na concepção de tempo. Mas, numa pesquisa de caráter variacionista como a que empreendemos, faz-se necessário um suporte teórico para sustentar e comprovar as hipóteses levantadas, para não correremos o risco de ficarem

nossas afirmações baseadas em abstrações e intuições, sem um concreto aparato teórico para guiar os próximos passos. No próximo capítulo, trataremos das teorias-base que guiaram esta pesquisa e do ajuste teórico de duas teorias a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico, sob a configuração teórica do Sociofuncionalismo.

4. REFERENCIAL TEÓRICO: INTEGRANDO TEORIAS

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, trataremos do referencial que orienta esta pesquisa que, sob a égide do Sociofuncionalismo, comporta duas teorias: a Teoria da Variação e Mudança e o Funcionalismo Givoniano. Primeiro, apresentaremos a Teoria da Variação e Mudança, suas propostas, seus pressupostos e a importância da relação entre língua e sociedade; em seguida, discutiremos o Funcionalismo Linguístico, cujos princípios servirão de suporte na análise interpretação dos dados desta pesquisa e, por último, explanaremos a configuração teórica do Sociofuncionalismo, proposta por Tavares (2003), em que nos basearemos.

Os objetivos desta pesquisa serão atingidos com a integração dos dois referenciais teóricos porque pretendemos (i) verificar momentos em que as perífrases verbais com gerúndio são variantes na expressão do futuro, (ii) buscar contextos que favorecem o uso dessas perífrases na expressão de tempo futuro, (iii) analisar dados do vernáculo, (iv) diagnosticar mudança em tempo aparente, (v) descrever as funções codificadas pelas perífrases verbais com gerúndio e (vi) analisar os dados com base nos princípios da Iconicidade e Marcação.

4.1. Teoria da Variação e Mudança

A partir das contribuições de Saussure, no início do século XX, que organizou os estudos linguísticos, dando-lhes sistematicidade, objeto e método de estudo próprios e elevando a Linguística à condição de ciência – advento do Estruturalismo Linguístico, os estudos da linguagem passaram a priorizar a *langue*, língua, estudada como um sistema homogêneo separadamente de seus fatores externos, embora fosse concebida, por Saussure, como fato social, uma vez que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social. A concepção de língua como um sistema subjacente que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis na fala reservou à Linguística a tarefa de descrever esse sistema formal, a língua, ficando, assim os estudos da relação

língua e sociedade em segundo plano – fatores externos, ou seja, condicionamentos sociais, influenciariam a *parole*, fala. Saussure (2000) afirma ainda que embora o estudo dos fenômenos linguísticos externos seja frutífero, não é verdadeiro afirmar que, sem o estudo desses fenômenos seria impossível conhecer o organismo interno da língua, institucionalizando, com essa afirmação, a distinção entre Linguística Interna e Linguística Externa. Segundo Alkmim (2001), essa dicotomia dividira os estudos linguísticos contemporâneos entre orientações formais e contextuais, estando essas últimas subdivididas em outros paradigmas de estudo, como a Sociolinguística, a Etnolinguística, a Psicolinguística, entre outras

Os linguistas do século XX procuram relacionar língua e sociedade, ou mais especificamente, língua, cultura e sociedade, relação que esteve diretamente ligada à determinação do objeto linguístico, conforme Alkmim (2001), admitindo, ou pelo menos, sugerindo, que os estudos linguísticos deveriam levar em conta o contexto em que a linguagem é produzida, ou seja, os sujeitos imersos numa determinada comunidade de fala, já que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002, p. 12).

Meillet (1906) afirma ser a linguagem um fato social e ao admitir-se que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, não há razões para lhe atribuir uma existência autônoma. A realidade de uma língua, segundo o linguista, é, ao mesmo tempo, linguística e social.

Bakhtin (1929), por sua vez, assegura que

a verdadeira substância de uma língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo fenômeno psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal realizada através da enunciação ou das enunciações (BAKHTIN, 1929, p. 129).

Cohen (1971, *apud* Alkmim, 2001) tem a concepção de que “os fenômenos linguísticos se realizam no contexto variável dos acontecimentos sociais.” Segundo Alkmim, uma vez que Cohen assume o postulado saussureano de separar os aspectos internos dos aspectos externos da língua, assume também a questão das relações entre língua e sociedade a partir da consideração de fatores externos e, agindo assim, estabelece alguns tópicos de grande importância para os estudos sociolinguísticos, como o estudo das

variedades da linguagem. Isso permitiu abordar temas como: a distinção entre variedades rurais, urbanas e de classes sociais.

Benveniste (1989), no que diz respeito ao binômio língua e sociedade, afirma que é dentro da língua e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente, ao que podemos interpretar que, se fosse a língua sistemática e homogênea, como na concepção saussureana, é pela utilização dessa língua em situações de interações sociais que os indivíduos constroem suas relações com os outros indivíduos e, dessa forma, também agem sobre o sistema linguístico de que fazem uso de acordo com suas necessidades.

Não cabe, contudo, segundo Benveniste, procurar uma correspondência entre a estrutura da língua e a estrutura da sociedade, porque, embora ambas sejam realidades inconscientes que representam a natureza, que são herdadas e que não podem ser destruídas pela vontade dos homens, língua e sociedade têm organizações estruturais diferentes. A língua agrega, assim, um grupo de indivíduos numa comunidade e é um instrumento apropriado para descrever, conceitualizar e interpretar tanto a natureza quanto a experiência. Para Alkmin, Benveniste articula a relação língua e sociedade no plano geral do humano e, particularmente, no plano das relações concretas e contingentes estabelecidas na vida social.

A partir da década de 1960, com as contribuições de Weinreich, Labov e Herzog (2006)⁴¹, surge a Teoria da Variação e Mudança, que procurou superar as lacunas deixadas pelo estruturalismo no que concerne às mudanças que ocorrem na língua, concebendo-a como dotada de heterogeneidade sistemática. Nesse ensaio que se tornou clássico, os autores propuseram uma teoria da mudança linguística que pudesse descrever a língua e seus fatores determinantes, sejam de ordem linguística ou social. Dessa forma, repeliram a noção de sistema homogêneo para conceber a língua como um sistema dinâmico, heterogêneo, sensível a mudanças provocadas por fatores linguísticos e extralinguísticos, que deve ser estudado a partir de dados reais de uma comunidade de fala.

Além de criticar os pressupostos estruturalistas no que diz respeito à mudança, os autores criticam, ainda, o modelo de Chomsky – Gramática Gerativa ou Gerativismo. A

⁴¹ A versão original em inglês foi publicada em 1968.

abordagem gerativista, ocupando-se de um falante-ouvinte ideal, inserido numa comunidade de fala totalmente homogênea, que conhece perfeitamente a língua e é perfeito representante dessa comunidade – reforçou a idéia de homogeneidade cultivada desde Saussure, uma vez que dando preferência metodológica por uma comunidade linguística idealizada, na qual os falantes têm um comportamento verbal idêntico e uniforme, também não incluiu o enfoque da variação. Segundo Camacho (2001), para o gerativismo a alternância entre duas formas foi descartada desde o início e postulada como regra facultativa ou opcional.

A Sociolinguística parte do pressuposto de que as línguas estão em constante processo de variação e mudança, de forma que todas as línguas do mundo são continuações históricas das línguas que as antecederam, como por exemplo, as línguas neolatinas em relação ao latim. Essas variações podem ser observadas num plano sincrônico e podem ser relacionadas a diversos fatores. Pessoas de origem geográfica, idade, sexo, escolaridade e profissão diferentes, por exemplo, num determinado período da história da língua, falam de modo diferente, e essa diferença pode ser sistematizada, ou seja, podem ser elucidados fatores de ordem linguística e extralinguística que influenciam a manifestação e manutenção de uma determinada variante em relação a uma outra.

Segundo Camacho, no enfoque da Sociolinguística Variacionista, o exame da linguagem em contexto social é tão importante para solução de problemas próprios da teoria da linguagem, que a relação entre língua e sociedade é encarada como indispensável e não como mero recurso interdisciplinar. Sendo a linguagem um fenômeno social, expressão mais característica do comportamento social, a Sociolinguística recorre ao contexto social para encontrar respostas para as questões que emergem da variação inerente ao sistema linguístico, já que é impossível separar a linguagem de suas funções sócio-interacionais. Segundo o autor, partindo do pressuposto de que dois falantes de uma mesma língua ou variedade dialetal dificilmente se expressam da mesma maneira, bem como um falante se expressa de maneira diferente em diferentes circunstâncias de comunicação, a Sociolinguística procura correlacionar as variações existentes na expressão verbal a diferenças de natureza social, concebendo os domínios linguístico e social como fenômenos estruturados. As variações que ocorrem na língua não são resultados aleatórios de um uso arbitrário e inconsequente do falante (ou falantes), mas refletem um uso sistemático e regular de uma propriedade comum a todos os sistemas linguísticos –

variação. Não se trata, na verdade, segundo o autor, de variação livre – idéia segundo a qual as formas variantes são meras flutuações submetidas ao livre arbítrio do falante, à seleção facultativa. Se assim ocorresse, seria verdadeiro afirmar que essas variantes não poderiam ser condicionadas por nenhum fator, afirmação que não se sustenta à observação dos fatos linguísticos que mostram uma forte vinculação entre o uso de uma variante e fatores sociais.

Segundo Camacho, é correto afirmar que toda mudança é resultado de algum processo de variação, em que coexistem variantes em competição, a inovadora e a substituída, embora o inverso não seja verdadeiro. O autor define variantes como maneiras de se codificar uma mesma função, “[é] justamente por duas variantes não exercerem função informativa no processo de comunicação, ou seja, não alteram o valor semântico da sentença que as contém que a linguística estruturalista não levou em consideração a análise do processo de variação”. (CAMACHO, 2001, p. 57).

Labov (1972) afirma que, embora Saussure tenha definido *langue* como parte social da linguagem, os linguistas que trabalham com a tradição saussuriana não fazem ligação com a vida social como um todo e insistem que as explicações dos fatos linguísticos devem ser tiradas de outros fatos linguísticos e não de fatos externos, do comportamento social dos falantes. Para Camacho (op. cit.), o estruturalismo concebe a linguagem como um instrumento de comunicação, identificando-a como uma espécie de código, similar ao sistema de sinais eletrônicos, coisa que a linguagem absolutamente não é. A diversidade é uma propriedade funcional e inerente ao sistema linguístico “a heterogeneidade não é apenas comum, é o resultado natural de fatores linguísticos básicos” (Labov, 1972, p. 203)⁴² e o papel da Sociolinguística é exatamente enfocá-la como objeto de estudo, em suas determinações linguísticas e não-linguísticas. O desenvolvimento de pesquisas sociolinguísticas depende de um curioso paradoxo: se cada falante de uma língua possui um conhecimento da estrutura dessa língua, se a *langue* é um sistema gramatical existente virtualmente no cérebro de cada um, podem ser obtidos dados para estudo a partir do testemunho de apenas um falante; por outro lado, dados da *parole*, fala, só podem ser obtidos do comportamento social dos indivíduos em situações de uso (de interação). Isso constitui o paradoxo saussuriano: o aspecto social (*langue*) pode ser estudado, observando-

⁴² Tradução livre de “heterogeneity is not only common, it is the natural result of basic linguistic factors”.

se um indivíduo qualquer, mas o aspecto individual (*parole*) só pode ser estudado observando-se a linguagem em seu contexto social.

Para Labov, o estudo dessa língua abstrata – conhecimento disponível para cada falante nativo – recebeu novos impulsos de Chomsky que reforçou a dicotomia saussuriana, opondo *competência* (conhecimento abstrato das regras da língua) à *performance* (seleção e execução dessas regras). Segundo o linguista, para Chomsky, a linguística é propriamente o estudo da competência, já que o objeto de estudo da linguística é uma comunidade abstrata, homogênea, na qual cada um fala igualmente. Além disso, Chomsky insiste que os dados da linguística a serem estudados não são os enunciados (produzidos) pelos indivíduos, mas suas intuições sobre a língua (os julgamentos sobre a gramaticalidade ou agramaticalidade das sentenças).

O autor descreve os problemas apontados pelos linguistas contrários a se lidar com a fala: a) a agramaticalidade da fala – crença de que um *corpus* proveniente da linguagem falada não forma boas evidências para estudo porque contém sentenças mal-formadas, que os falantes condenam e mudam quando dão atenção a elas; b) variação na fala e na comunidade de fala – é comum em linguagem se ter diferentes formas de se dizer a mesma coisa; c) dificuldades de audição e registro – gravações de falas observadas são pobres em qualidade; d) a raridade das formas sintáticas – dados baseados no que os falantes dizem, de fato, podem ser adequados para formas sintáticas e fonológicas mais comuns.

Esses problemas, Labov discute da seguinte forma: a) a agramaticalidade da fala cotidiana parece ser um mito, uma vez que em estudos empíricos realizados, a grande maioria dos enunciados, aproximadamente 75%, são sentenças bem-formadas; b) a existência de estruturas variadas e heterogêneas é um fato, mas é um mito afirmar que existe um grupo homogêneo que fala “a língua”, porque cada comunidade de fala é corrompida pelo contato com outras línguas, pelos efeitos da educação, pressão dos padrões da linguagem, por exemplo, e essa heterogeneidade não é apenas comum, mas resultado de fatores linguísticos básicos; c) há bons aparelhos que garantem excelentes resultados de gravação; d) o modo ideal de operação para o linguista é envolver-se numa conversação normal com um informante e estar apto para elucidar o uso de uma dada forma pelo falante, sem usá-la ele mesmo.

Refutando a noção de língua homogênea e incorporando a idéia de variação linguística refletida por fatores sociais (etnia, grupo social, faixa etária, escolaridade, etc.), a sociolinguística, no modelo laboviano, promoveu avanços nos estudos linguísticos, ao procurar explicar o processo de mudança linguística a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos, e que o uso de uma forma ou outra envolve forças externas (sociais), ou seja, dizer a mesma coisa em diferentes formas não é uma variação livre, “(...) as variantes são idênticas no que diz respeito à referência e ao valor de verdade, mas são opostas em seu significado social e/ou estilístico” (LABOV, 1972, p.271).⁴³

Weinreich, Labov e Herzog (1968) elucidaram alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística: a) a mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala; b) a associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão; c) nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implicam mudança, mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade; d) a generalização da mudança linguística não é uniforme nem instantânea, ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo; e) as gramáticas em que ocorrem as mudanças linguísticas são gramáticas da comunidade de fala; f) a mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo, não está confinada a etapas discretas dentro da família; g) fatores linguísticos e sociais estão inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística.

A Teoria da Variação e Mudança, concebendo o sistema linguístico como suscetível a mudanças decorrentes de fatores linguísticos e extralinguísticos, rejeita a homogeneidade da língua e insere os estudos linguísticos no contexto social, desfazendo a barreira entre *langue* e *parole*. Para se descrever a língua, não se pode desconsiderar seu caráter social, a relação entre a língua e a sociedade. A língua é concebida, assim, como um sistema heterogêneo que deve ser estudado a partir de dados reais extraídos da comunidade de fala.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística interessa-se pela função social e comunicativa da língua como fator de importância para a identificação de grupos e demarcação de diferenças sociais na comunidade e tem como objeto de estudo a estrutura e

⁴³ Tradução livre de “(...) the variants are identical in referential ou truth value, but opposed in their social and/or stylistic significance”.

mudança da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. A língua é vista pelos sociolinguistas como dotada de “heterogeneidade sistemática”. O domínio de estruturas heterogêneas não é questão de mera *performance*, mas parte da competência linguística dos indivíduos.

Na abordagem laboviana, a língua é concebida como um instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala, um sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados. A mudança linguística, segundo Labov, envolve um distúrbio da relação forma/significado, de forma que as pessoas afetadas por essa mudança não expressam esse significado da mesma forma que as outras não afetadas (pessoas mais velhas da mesma comunidade ou pessoas da mesma idade, mas de comunidades vizinhas).

Para Labov, se a língua muda ao longo da história da humanidade como um instrumento de comunicação e tem sido adaptada a essa necessidade, uma de suas propriedades mais importantes seria a estabilidade. Mas, continua o autor, a mudança linguística é um fato e a estabilidade linguística é uma ilusão.

Segundo Labov (1994), para melhor compreender o processo de mudança linguística em progresso, é preciso estudá-la em dois métodos de observação: mudança em tempo aparente e mudança em tempo real. A observação de uma mudança na língua não é um simples relato, ela requer observações de dois estados dessa língua e uma garantia de algumas continuidades entre esses dois estados: garantia de que são estados da mesma língua.

A mudança em tempo aparente é caracterizada quando os mais jovens utilizam uma forma ou uma categoria mais que os mais velhos. Nesse tipo de estudo, a distribuição das variáveis linguísticas é feita através de faixas etárias dos falantes. Contudo, se é descoberta uma relação entre a idade e a variável linguística (em estudo) ou uma correlação entre as duas, é preciso verificar se se trata de uma verdadeira mudança em progresso ou uma mudança em gradação etária – uma mudança regular de comportamento linguístico com a idade, que se repete a cada geração. Labov (1994) chama a atenção para o fato de que a distribuição das variáveis linguísticas através de faixas etárias pode não representar mudança na comunidade toda, mas um modelo característico de gradação etária que é repetido a cada geração. O autor afirma que muitas variáveis linguísticas

estabelecidas demonstram essa gradação etária, mas que adolescentes e adultos jovens usam variantes estigmatizadas mais livremente que falantes de meia-idade, especialmente quando não estão sendo observados.

Segundo Labov, há duas abordagens básicas para o problema de dados em tempo real: a primeira e mais eficiente é pesquisar na literatura da comunidade em questão e comparar os dados encontrados com os da pesquisa em foco; a segunda é mais difícil e elaborada, consiste em retornar à comunidade depois de um tempo e repetir o mesmo estudo.

Labov afirma que em geral as mudanças linguísticas podem ser distintas entre “mudanças de cima” e “mudanças de baixo” que dizem respeito ao nível de conhecimento dos indivíduos e sua posição na hierarquia socioeconômica. “Mudanças de cima” são introduzidas pela classe social dominante, normalmente elas representam empréstimos de outras comunidades de fala que têm alto prestígio na visão da classe dominante. “Mudanças de baixo” são mudanças sistemáticas que aparecem primeiro no vernáculo e representam a operação de fatores linguísticos internos, elas podem ser introduzidas por qualquer classe social, segundo o autor.

A sociolinguística variacionista também se preocupa em estudar os fenômenos da língua no contexto social, mediante tratamento estatístico dado às variantes analisadas. Se duas ou mais formas são empregadas em um mesmo contexto com o mesmo valor de verdade, estas formas estão em competição, são variantes linguísticas e a escolha de uma e de outra forma depende de fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ser verificados em programas estatísticos específicos, como o Varbrul – introduzido por Rousseau e Sankoff em 1978 (Pintzuk, 1988).

A Teoria da Variação e Mudança também chamada de Sociolinguística Variacionista, conforme Figueroa (1996 *apud* Coan 2003), pode ser caracterizada como o estudo:

(i) das características das variedades linguísticas, das características de suas funções e das características de seus falantes e de como esses três interagem e mudam numa comunidade (Fishman, 1971);

(ii) das relações linguísticas variáveis dos significados sócio-culturais (...) a ocorrência de interações sociais no dia-a-dia relativas a culturas particulares, sociedades, grupos sociais, comunidades de fala, línguas, dialetos, variedades, estilos (Pride, 1970).

Conforme Coan (2003), o alargamento da concepção de sistema para abrigar a variação e a mudança linguísticas traz consigo a noção de regra variável. Regras variáveis são concebidas como inerentes ao sistema, como padrões sistemáticos previsíveis que emergem a partir da língua em uso. Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável). Essas regras, conforme Tarallo (2005), devido à própria essência e natureza da fala não poderão ser categóricas, optativas ou obrigatórias, são regras variáveis, já que o favorecimento de uma variante em relação a outra decorre de circunstâncias (condicionamentos) linguísticas e não linguísticas, tratando-se, pois, de uma sistema linguístico de probabilidades.

4.2. O Funcionalismo Linguístico

Em se tratando de fenômenos sintático-discursivos, como é o caso do foco desta pesquisa, há necessidade de incorporação de hipóteses funcionalistas, já que, conforme Paredes (1993), a origem da variação pode ser atribuída a motivações fora da estrutura da língua, decorrentes de necessidades comunicativo-funcionais. Conforme Nichols (1984), o Funcionalismo em Linguística combina certos avanços teóricos da gramática formal com os interesses e avanços teóricos da Sociolinguística e Etnografia da Comunicação, objetivando aproximar o estudo da língua e o estudo da comunicação.

O Funcionalismo Linguístico concebe a linguagem como instrumento de comunicação e de interação social. Longe de ser um sistema autônomo (um sistema formal), a língua está sujeita às pressões do uso. A situação comunicativa, a interação dos sujeitos em situações reais de uso, determina, pressiona e explica a estrutura gramatical. Conforme Pezatti (2004), a linguagem, entendida como instrumento de interação social, revela sua instrumentalidade em termos comunicativos e o enfoque funcionalista pretende descrevê-la como requisito básico da interação verbal.

Conforme Nichols (1984, p. 97), “os funcionalistas sustentam que a situação comunicativa motiva, restringe, explica ou, pelo menos, determina a estrutura gramatical

(...).”⁴⁴ Segundo Neves (2006), partindo-se de uma concepção geral, desvinculada de modelos de propostas particulares, o Funcionalismo Linguístico é uma teoria que se liga, acima de qualquer coisa, aos fins a que servem as unidades linguísticas e ocupa-se, principalmente, dos meios linguísticos da expressão. Nessa acepção, o termo função – entendido não apenas como papel de unidade sintática, mas como a junção entre o estrutural (sistêmico) com o funcional – destaca-se como fio condutor de reflexão. Para Nichols função é um termo polissêmico, mas todos os seus sentidos⁴⁵ significam a dependência de algum elemento estrutural dado em relação a elementos de outra ordem ou domínio (estrutural ou não estrutural) e todos dizem respeito ao papel exercido por um dado elemento estrutural no todo mais amplo da linguagem e da comunicação. A essência do Funcionalismo, para a autora, é que a língua tem um fim comunicativo e “o que é comunicado não é somente o conteúdo, referência e predicação ou o lado intelectual ou cognitivo da linguagem, mas também a natureza e o propósito do evento de fala como um fenômeno cultural e cognitivo.” (NICHOLS, op. cit., p. 102, tradução nossa)⁴⁶

Dessa forma, conforme Neves, o funcionalismo rejeita uma preocupação com a competência para a organização gramatical de frases apenas, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, das estruturas linguísticas, cuja natureza é funcional.

Estruturas linguísticas são, pois, configurações de funções, e as diferentes funções são os diferentes modos de significação no enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação entre os usuários de uma língua. Nessa concepção, funcional é a comunicação, e funcional é a própria organização interna da linguagem. (NEVES, 2006, p. 18)

⁴⁴ Tradução livre de “Functionalists maintain that the communicative situation motivates, constrains, or otherwise determines grammatical structure (...)”.

⁴⁵ Nichols (1984) afirma que o termo função é raramente definido explicitamente, mas há cinco sentidos principais para o termo, embora não sejam exclusivos: 1) Função/interdependência: inter-relação de fenômenos gramaticais, covariação; relação entre variável dependente e variáveis independentes; 2) Função/propósito: uso intencional da linguagem, aquilo que os falantes pensam ou acreditam que estão fazendo com a linguagem: questionando, declarando, dando uma ordem, nomeando alguém; 3) Função/contexto: a linguagem como reflexo do ato de fala. É um termo mais geral para dois outros subtipos: a) função/evento – categorias que indicam os papéis de fala, status dos participantes no evento (falante/ouvinte), por exemplo, categorias de polidez e consideração refletem a relação social entre os participantes; b) função/texto – categorias que indicam a organização do discurso, a progressão da narração; 4) Função/relação: diz respeito a relação de um elemento estrutural com uma unidade de ordem superior, por exemplo, um mesmo elemento pode ter a categoria NP e a função/relação de sujeito, tópico e agente; 5) Função/significado: é um aglomerado de mais de um tipo de função, o significado é tomado para incluir os propósitos e contextos da pragmática.

⁴⁶ Tradução livre de “What is communicated is not only what is variously called *content*, *denotation*, *reference-and-predication*, or the *intellectual* or *cognitive* side of language, but also the nature and purpose of the speech event as a cultural and cognitive phenomenon”. (itálicos da autora)

Nichols afirma que as considerações funcionalistas podem ser divididas em três tipos: conservadora, moderada e extrema. As colocações mais conservadoras reconhecem a inadequação de análises estritamente formalistas ou estruturalistas, mas não propõem uma nova análise da estrutura; as moderadas apontam a inadequação de uma análise estruturalista ou formal, mas propõem uma análise funcionalista da estrutura e, por isso, substituem ou mudam as considerações formais e estruturais herdadas da estrutura; as extremas negam a realidade da estrutura pela estrutura e afirmam que regras são baseadas inteiramente na função, a estrutura é apenas a função codificada. Para Neves, a base dos estudos funcionalistas é considerar a linguagem como dinâmica, pela qual estrutura e função são vistas como instáveis. A partir daí, muitos exercícios teóricos e práticos vêm sendo feitos nas diversas propostas funcionalistas de análise linguística.

Para esta pesquisa, seguiremos as concepções de Talmy Givón que, segundo Neves, fixou-se no postulado da não-autonomia do signo linguístico, concebendo a estrutura da gramática como um organismo que unifica sintaxe, semântica e pragmática e os aspectos icônicos da gramática. Nichols afirma que Givón produziu um trabalho que buscou parâmetros explanatórios, substantivos e naturais para o fenômeno gramatical e apresentou três contribuições para a análise funcionalista: (i) análises funcionalistas que fornecem fortes munições antiformalistas, (ii) motivação funcional das estruturas gramaticais e (iii) análises de vários fenômenos gramaticais a partir da função para a forma. Para a autora, embora não seja produzida uma teoria completa em Givón (1979), é fornecida uma apologia para tal teoria em Givón (1984) e sua contribuição é uma articulação de observações funcionalistas sobre a relação estrutura-função.

Para Givón (1995), a língua não pode ser definida como um sistema autônomo porque a gramática só pode ser entendida como fazendo referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução. O autor tece críticas ao estruturalismo saussureano e ao modelo de Chomsky – a gramática gerativa ou gerativismo. Para Givón, a distinção entre *langue* e *parole*, preconizada por Saussure, pode ser vista como uma jogada puramente metodológica, uma espécie de idealização dos fatos linguísticos. Essa idealização foi retomada por Chomsky, ao afirmar que seu modelo teórico ocupava-se de um falante-ouvinte ideal, inserido numa comunidade de fala homogênea, que conhece perfeitamente

sua língua. Segundo Givón, não há nada mais hostil ao funcionalismo que essa “tal idealização” metodológica, “exceto em um ponto crucial – todas as pressões adaptativo-funcionais que formam a estrutura sincrônica da língua (idealizada) são manifestadas durante a performance.” (GIVÓN, 1995, p. 7)⁴⁷. Portanto, enquanto a linguagem é adquirida, a gramática emerge e muda, a forma ajusta-se às novas funções e significados. Rejeitar a relevância de dados da performance para estudar a competência é, em certo ponto, uma imitação do que é feito em outras ciências. Para o autor, “(...) variação e indeterminação são partes necessárias do mecanismo atual que forma e reforma a competência” (GIVÓN, 1995, p. 7)⁴⁸.

Outra crítica do autor a Saussure está relacionada à separação entre descrição sincrônica e diacrônica dos fatos linguísticos, o que pode ser visto como outro aspecto idealizado. O problema, segundo o linguista, não é ignorar as mudanças da língua em condições particulares, afinal os falantes são obrigados a fazer escolhas categoriais de formas sob a implacável pressão da comunicação. O problema é rejeitar a relevância de dados de mudança e variação para entender a estrutura sincrônica.

Givón (1995) afirma que os funcionalistas repetem um grupo de premissas, tais como: (a) a língua é uma atividade sócio-cultural; (b) a estrutura serve à função cognitiva e comunicativa; (c) a estrutura é não arbitrária, é motivada e icônica; (d) mudança e variação estão sempre presentes; (e) o significado é contextualmente dependente; (f) as categorias não são discretas; (g) a estrutura é maleável e não-rígida; (h) as gramáticas são emergentes; (i) as regras da gramática permitem algum vazamento⁴⁹. Para o autor, esses princípios são válidos até certo ponto e dentro de contextos bem definidos e na ausência de uma teoria coerente com a complexidade da interação, as premissas funcionalistas degeneram-se em gestos ideológicos, slogans reflexivos, artigos de fé. Esse posicionamento de Givón em relação as premissas funcionalistas reflete-se em afirmações como:

O refúgio da teoria e da metodologia em uma onda ideológica é um espetáculo comum nas ciências humanas e sociais. No exorcismo de dogmas

⁴⁷ Tradução livre de “Except for one crucial respect – all the functional-adaptative pressures that shape the synchronic – idealized – structure of language are exerted during actual performance”.

⁴⁸ Tradução livre de “(...) variation and indeterminacy are necessary parts of the crucial mechanism that shapes and reshapes competence”.

⁴⁹ Isto é, as regras, em vez de formais, são adaptativas, são resultados de pressões do uso, e as estruturas tendem a ser alteradas por causa da pressão exercida por motivações funcionais (entendidas como cognitivas, comunicativas e sociais).

idênticos de teoria-como-algoritmo e método-como-números-mastigados, uma fúria reflexiva de relativismo torna-se a fuga padrão incubada de enfadonhas exigências de erudição responsável. É uma inclinação a que devemos muito bem resistir. (GIVÓN, 1995, p. 9)⁵⁰

Segundo Givón, o compromisso com a afirmação de que a estrutura gramatical não é arbitrária é afirmado a partir dos seguintes princípios idealizados: (a) o princípio da correlação icônica – que pode ser desdobrado em duas afirmações: a’ – há uma relação icônica entre forma e significado e a’’ – a forma gramatical se relaciona com função semântica ou pragmática de forma não-arbitrária (icônica); (b) a falácia reducionista da arbitrariedade – “porque a estrutura não é 100% arbitrária, ela dever ser 100% icônica” (GIVON, 1995, p. 10).⁵¹ Para Givón, enquanto o surgimento e a conseqüente mudança de uma estrutura gramatical é sempre funcionalmente motivada, o produto resultante é raramente 100% icônico, ou seja, a estrutura gramatical não 100 % arbitrária nem 100% icônica, nos termos de Givón.

Givón (2001) define Iconicidade em termos escalares – os universais linguísticos não são necessariamente absolutos, mas uma questão de grau ou tendência e as explicações desses universais devem ser consistentes, adaptativas e funcionais.

Os princípios icônicos são três:

a) O princípio da quantidade - que prevê a correlação entre quantidade de informação e quantidade de codificação;

b) O princípio da proximidade - que correlaciona proximidade cognitiva de entidades com proximidade de unidades no plano da codificação e

c) O princípio da ordem sequencial - que orienta a ordenação linear semântica e pragmaticamente.

⁵⁰ Tradução livre de “The retreat from theory and metodological to ideological hand-waving is familiar spectacle in the humanities and social sciences. In exorcising the twin dogmas of theory-as-algorithm and method-as-number-crunching, a reflexive tantrum of relativism has become the standard escape hatch from the tiresome demands de responsible scholarship. It is a trend we should do well to resist”.

⁵¹ Tradução livre de “Because structure is not 100% arbitrary, it must be 100% iconic”.

Contudo, como a estrutura tende a ser alterada para dar conta das pressões do uso, Givón (1990) também apresenta o princípio da Marcação, partindo da concepção de que o que é marcado é estruturalmente mais complexo e o não-marcado é mais simples. O conceito de Marcação diz respeito, também, à frequência: há formas mais frequentes, não-marcadas, e há formas menos frequentes, mais adaptativas e marcadas. Givón apresenta três critérios para se avaliar a marcação:

(i) Complexidade estrutural - a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) do que a não-marcada.

(ii) Distribuição de frequência - a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a não-marcada.

(iii) Complexidade cognitiva - a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento do que a não- marcada.

De acordo com Givón (1995), no que diz respeito ao processamento automático ou cuidadoso (com mais atenção) da informação, informação predizível, frequente e recorrente é conseqüentemente processada mais automaticamente e em contextos relativamente livres; informação menos frequente e menos predizível é processada mais conscientemente, prestamos mais atenção na relevância do contexto.

Porém, a marcação não diz respeito apenas às categorias linguísticas, mas também aos contextos comunicativos nos quais elas são codificadas. Uma consequência da dependência da marcação do contexto é que explicações substantivas de marcação devem ter domínio específico, isto é: as correlações cognitivas, comunicativas, sócio-culturais ou biológicas de marcação podem variar de um domínio para outro.

Givón (1991, p. 106) formula também o princípio meta-icônico da marcação, ressaltando, porém, que tal formulação é idealizada: “categorias que são cognitivamente marcadas (i.e., complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente.”

Para compreender o fenômeno linguístico enquanto comunicação é necessário relacionar os mecanismos gramaticais e os contextos discursivos em que se manifestam. Agindo assim, estamos em pleno acordo com Givón de verificar a gramática no texto. Na

perspectiva funcionalista, conforme Du Bois (1984), a gramática é concebida como dinâmica e emergente, como um sistema adaptativo, parcialmente autônomo e parcialmente motivado por pressões externas.

4.3. Posicionamento teórico: o sociofuncionalismo

Qualquer modelo científico de pesquisa, que siga a qualquer teoria, tem uma infinidade de termos, conceitos e procedimentos metodológicos próprios, portanto, cabe definir, para esta pesquisa, um posicionamento teórico, já que se propõe uma junção de duas teorias, a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo, sob a configuração teórica do *Sociofuncionalismo*, proposto por Tavares (2003).

Segundo Tavares (2003),⁵² é possível fazer uma associação de pressupostos teóricos vindos de fontes diferentes, desde que seja resultado de uma “conversa” travada em meio às diferenças. Para a autora, as visões de variação e mudança dessas duas teorias não são excludentes e ela chama de *Sociofuncionalismo* a combinação resultante entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, “que toma a variação linguística do ponto de vista da função discursiva e a explica com base em princípios funcionalistas” (TAVARES, 2003, p. 98).

Contudo, continua a autora, não basta associar preceitos de fontes teóricas diferentes por parecerem “idênticos, semelhantes ou complementares” (op. cit., p. 98) sem verificar se há de fato semelhanças e sem se decidir como lidar com as diferenças quando elas surgirem, já que nem todos os pressupostos de uma das teorias podem ser encaixados (ou incorporados pela) em outra. É preciso decidir o que do Funcionalismo e do Variacionismo será abarcado pelo Sociofuncionalismo, e, ainda, quais aspectos de cada teoria devem ser abandonados e qual das teorias deve prevalecer na hora de tomar decisões sobre aspectos divergentes.

Tavares afirma que a análise entre compatibilidades e incompatibilidades entre propostas teóricas e metodológicas funcionalistas e variacionistas pressupõe a discussão do que vem a ser *Sociofuncionalismo*. A autora afirma que se é um “casamento” de teorias,

⁵² Tivemos acesso à tese de Tavares na versão em PDF, portanto as citações podem diferir, quanto ao número das páginas, de seu trabalho impresso. Essa intuição adveio depois de imprimirmos seu trabalho e verificar que metade de determinadas páginas ficaram em branco e o texto continuou na outra página, contudo não há dúvida quanto à autoria e à completude do texto.

disso decorrem as possibilidades: (a) ou a teoria variacionista é estendida a ponto de incorporar pressupostos funcionalistas ou (b) são os estudos funcionalistas que incorporam a teoria variacionista. Se assim for, cabe questionar, apoiados na discussão da autora, se “temos uma nova teoria sociolinguística ou uma nova teoria funcionalista, ou uma terceira teoria situada no entremeio” (TAVARES, 2003, p. 99) das duas teorias fonte.

Tavares propõe que a junção das duas teorias deve ocorrer na “conversa na diferença, pelo ajuste dinâmico, contextual e transitório entre conceitos e pressupostos teórico-metodológicos advindos de cada teoria ‘mãe’” (TAVARES, 2003, p. 101). Mas a autora afirma que, a cada reflexão e a cada estudo feito sob a égide de *Sociofuncionalismo*, o processo de associação de diretrizes teórico-metodológicas adquire feições diferentes, advindas de experiências de adaptação e negociação durante a “conversa” de teorias. Nessa preocupação, os autores traduzem conceitos de uma teoria para a outra, “procurando chegar à convergência entre diferentes modos de ver” (TAVARES, 2003, p. 102)

Para Tavares, o “casamento teórico” não incorpora conceitos de cada teoria envolvida como exatamente foram propostos, mas são re-interpretados pelos pesquisadores que fazem a junção de teorias. “Não se trata de soma ou combinação de pressupostos teórico-metodológicos de um modelo e de outro, mas do estabelecimento de pressupostos que resultam da conversa entre modelos” (TAVARES, 2003, p. 102). Esses pressupostos resultantes da “conversa” de teorias têm seus conceitos alterados, tornam-se voláteis, transitórios, re-interpretados e revistos constantemente, o que obriga o Sociofuncionalismo a constituir-se e reconstituir-se.

Tavares questiona (i) se os conceitos resultados desse casamento e desse ajuste de teorias são os mesmos entendidos individualmente, (ii) se há matizes que os diferenciam em cada proposta sociofuncionalista de outras anteriores; (iii) se todos os conceitos da Sociolinguística e do Sociofuncionalismo permitem adaptações ou há conceitos que não “casam”, e (iv) se há conceitos que não querem “conversar”, que fazer com esses conceitos divergentes. Esses questionamentos propostos pela autora exigem do pesquisador um posicionamento claro que descarte a neutralidade, haja vista que há pressupostos nas duas teorias que são divergentes, ou melhor, inconciliáveis.

Dentre os pressupostos convergentes, Tavares (op. cit.) cita: (a) a prioridade atribuída à língua em uso; (b) os fenômenos linguísticos investigados são analisados em

situações de comunicação real de sujeitos reais interagindo; (c) a concepção de que a língua está sempre mudando; (d) a mudança linguística é entendida como contínua e gradual; (e) a mudança é observável nos âmbitos linguístico e social; (f) a mudança pode ser observada a partir de dados sincrônicos e diacrônicos; (g) o princípio do iniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem na língua provocando variação e mudança são as mesmas de épocas passadas; (h) análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos na língua; (i) atenção dada à frequência; (j) a afirmação de que há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade em que ocorrem. Contudo, a autora afirma que pode haver uma semelhança apenas parcial entre itens destacados e diferenças podem emergir.

Dentre as diferenças apontadas por Tavares, destaca-se a concepção de gramática como um processo em andamento, sempre em constituição, resultado de pressões de cada ato de comunicação de seus falantes – pelo funcionalismo; e como um sistema de regras variáveis, para a sociolinguística variacionista. Assim, o Funcionalismo atribui um papel central à função, dado que se uma forma linguística é utilizada deve-se a uma razão funcional. A Sociolinguística atribui uma importância à estrutura variável, parte da competência dos falantes. Sob esse aspecto, as duas teorias são divergentes. As regras variáveis para a Sociolinguística “representam um modo de descrever formalmente a inter-relação sistemática entre condicionamentos internos e externos à língua” (p. 121). O funcionalismo, baseado na concepção de gramática emergente, está interessado nas relações que se estabelecem, em diferentes graus, entre “funções e formas e a alteração por que passam tais relações ao longo do tempo, não se ocupando em estipular regras abstratas subjacentes ao uso (p. 121). Para funcionalismo,

O alvo não é a descrição da estrutura variável da língua e das regras que a governam em uma dada fatia de tempo, mas sim a análise das tendências de uso manifestadas pelos falantes – tendências que se traduzem em forma de frequências reveladoras de maior ou menor rotinização. (TAVARES, 2003, p. 121)

Essa “conversa na diferença” entre os pressupostos das duas teorias requer que o quadro teórico resultante apresente aspectos comuns, semelhantes ou complementares a ponto de permitir a convergência de pressupostos das duas teorias, mas o foco de cada teoria é diferente, mais que isso, segundo Tavares, diferenças que são inconciliáveis, e o pesquisador deverá tomar decisões:

(i) ou a primazia da análise recai sobre a função ou sobre a estrutura; (ii) ou as motivações por trás da gramática podem ser funcionais ou não podem; (iii) ou a gramática é o conjunto de regularidades que emergem das pressões de uso cotidianas ou a gramática é o conjunto de regras (in)variáveis formais que governam o uso gramatical a cada período de tempo. (TAVARES, 2003, p. 132)

Para que o “casamento” de teorias possa acontecer, sob a égide de Sociofuncionalismo, poder-se-ia propor, segundo a autora, que tanto a função quanto a estrutura deveriam receber igual atenção, a ponto de serem consideradas motivações funcionais e estruturais pressionando a variação e mudança linguísticas. Dessa forma, seria descartada a possibilidade de uma linha de pesquisa com pressupostos resultantes das duas teorias, o que forçaria o abandono da orientação sociofuncionalista. Contudo, Tavares propõe que “a ocorrência do(s) casamento(s) sociofuncionalista(s) não seja abortada pela dificuldade ou impossibilidade de convergência entre aspectos centrais dos modelos fonte” (TAVARES, 2003, p. 133). O “casamento” pode acontecer se optarmos por uma “*uma base mais funcionalista*” ou por “*uma base mais variacionista*” (TAVARES, 2003, p. 133, itálicos da autora), e independente de qual dessas bases seja a adotada como central, a escolha deverá ser assumida apenas com base nas convergências resultantes da conversa na diferença entre o Funcionalismo e Variacionismo que forem coerentes com a opção feita.

A autora afirma ainda que dessa conversa entre o Funcionalismo e a Sociolinguística, podem surgir graus de convergência e, segundo ela, justifica-se a constituição do *Sociofuncionalismo* a consideração de um traço funcional, quer seja a seleção de uma função como variável dependente, quer a inclusão de motivações funcionais, princípios, hipóteses e até explicações de base funcional. Da mesma forma, deverá vir algo da Sociolinguística, sejam aspectos metodológicos, condicionamentos, princípios e explicações sociolinguísticas.

A abordagem sociofuncionalista será possível, dessa forma, sempre que o pesquisador estabelecer as convergências e as divergências entre as duas teorias e que pressupostos puderem ser ajustados, negociados a ponto de permitir o surgimento de matizes teóricos diferenciados dos modelos fonte. Isso exige do pesquisador um posicionamento claro, já que ele não é um mero mediador de conceitos a serem emparelhados.

Baseados em Tavares (2003), consideramos esta pesquisa como sociofuncionalista porque toma conceitos que são comuns à sociolinguística e ao funcionalismo, que não haveria problemas quanto ao emparelhamento, tais como: a) os dados para análise revelam situações reais de uso, são representativos de uma comunidade de fala da língua em estudo; b) especial atenção a frequência das formas linguísticas, importantes para se verificar processos de gramaticalização; c) leva em conta a relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que a usa.

Também toma conceitos que são reajustados ou convergidos no Sociofuncionalismo, tais como: a) o termo *mudança* abrange o surgimento de formas emergentes e a difusão delas no meio social, havendo diferenças entre falantes mais velhos e mais jovens (comum aos dois modelos), mas a análise do grau de difusão das formas emergentes se dá por meio das distribuições sociais das formas emergentes (via faixas-etárias) e podem também ser explicadas em termos funcionais (sociofuncionalismo); b) as variantes refletem pressões funcionais exercidas pelo uso, mas também sofrem motivações estruturais (sociofuncionalismo); c) não se estabelece zonas fronteiriças rígidas para se flagrar a mudança (sociofuncionalismo); d) submete-se os dados a tratamento estatístico, importantes para se detectar a frequência e os indícios de mudança e gramaticalização (sociofuncionalismo), conforme Tavares (2003, p.127 – 129).

O termo função assume uma posição de destaque para dar conta da organização das variantes em subvariáveis de tempo futuro, conforme veremos no capítulo V, visto ser o objetivo desta dissertação a descrição das perífrases gerundivas, codificando futuro durativo. Com base nessas considerações, acreditamos descartar a neutralidade e assumimos um posicionamento sociofuncionalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Para esta pesquisa, ao assumirmos um enfoque sociofuncionalista, ratificamos as ressalvas feitas por Tavares (2003) no que diz respeito às convergências e as divergências entre os dois modelos teóricos nos quais nos apoiamos: a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico. Esta pesquisa aproxima-se do Funcionalismo também porque, na expressão de tempo futuro, entram outros domínios funcionais que pretendemos investigar, tais como aspecto e modalidade, que têm motivações de ordem funcional, cognitiva, comunicativa e social e que requerem do sistema linguístico uma adaptação, implicando formas variantes inovadoras, como algumas perífrases com gerúndio. Agindo

assim, descartamos a neutralidade e assumimos a postura de uma pesquisa *sociofuncionalista*. Portanto, procuraremos salientar condicionamentos linguísticos e sociais para as variantes que pretendemos investigar e procuraremos interpretar os resultados de nossa pesquisa à luz de princípios funcionalistas, como os de Iconicidade e Marcação. Para isso, alguns procedimentos metodológicos são esperados, o que descarta qualquer neutralidade do pesquisador, mas permite um tratamento científico de suas intuições sobre o fenômeno em análise, assunto de que trataremos no próximo capítulo.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo, trataremos das decisões metodológicas que guiaram esta pesquisa e que foram responsáveis pelos resultados alcançados. Numa pesquisa que trata de fenômenos linguísticos, a delimitação do objeto de pesquisa não é uma postura simples. A necessidade de coleta de dados de um fenômeno que é característico de tempo futuro que exige do pesquisador certas habilidades para não inviabilizar a pesquisa, já que se optou pelo método das entrevistas sociolinguísticas.

Neste capítulo, trataremos da delimitação da regra variável, da escolha dos grupos de fatores a serem testados estatisticamente através do VARBRUL, do método de coleta de dados, da constituição do *corpus* e dos procedimentos de análise estatística.

5.1. A variável

As perífrases gerundivas apresentam comportamento peculiar em Língua Portuguesa, de modo que a definição da variável pressupõe subdivisões em diferentes subvariáveis. Como o objetivo dessa pesquisa é descrever um fenômeno em variação no português contemporâneo, essa empreitada não obteria o sucesso desejado, se não considerássemos o fato de as perífrases gerundivas apresentarem tal comportamento. Dessa forma, definimos a expressão de tempo futuro por meio de perífrases gerundivas como uma macrofunção ou macrovariável, que codifica o tempo futuro com a noção de aspecto *durativo*, e consideramos as microvariáveis ou subvariáveis a partir das diferentes nuances dessa noção aspectual (seu início, meio e fim), conforme demonstraremos a seguir, para assim melhor compreendermos o fenômeno em estudo.

5.1.1. A macrovariável ou macrofunção de tempo futuro

Para efeitos de análise, serão consideradas variantes da codificação de tempo as perífrases gerundivas que satisfizerem os seguintes critérios:

a) Tempo – interessamo-nos pela expressão de tempo futuro do presente do indicativo, ficando descartadas as variantes de futuro do pretérito e futuro do subjuntivo.

b) Aspecto – interessamo-nos pela expressão de tempo futuro por meio de perífrases verbais com gerúndio, em que a noção de aspecto durativo possa ser identificada. Considerem-se os exemplos a seguir:

(42) Com certeza muita gente mesmo muita gente confia na igreja e creio eu que CONTINUA MOLDANDO a sociedade sim. (*corpus* Torres)

(43) Mas que já existia já existia sempre existiu e VAI CONTINUAR EXISTINDO. (*corpus* Torres)

(44) Vai acontecer sim eu creio que VAI DIMINUINDO o gelo né da parte fria e vai aumentar o nível do mar. (*corpus* Torres)

(45) Eu acho que no futuro vai ser mais liberado isso porque afinal a igreja VAI TA LUTANDO de qualquer maneira né. (*corpus* Torres)

(46) Se a providência divina não vier antes a gente ACABA DANDO conta do resto e DESTRUINDO tudo. (*corpus* Torres)

(47) Eu acho que vai ficar pior sabe eu acho que as pessoas VÃO ACABAR FAZENDO. (*corpus* Torres)

As perífrases dos exemplos acima codificam, indubitavelmente, tempo futuro, visto que descrevem eventos que ocorrem à direita do momento de fala ou o incorporam, estendendo-se à direita dele (conforme exemplos 42 e 43), e expressam aspecto durativo. Contudo, elas não são intercambiáveis, ou melhor, não são substituíveis sem que se alterem as nuances de sentido, embora mantenham o significado referencial de tempo futuro.

5.1.2. As subvariáveis

Como lidamos com variantes eneárias, faz-se necessário simplificar a quantidade de variantes a serem controladas estatisticamente, para não correremos o risco de enviesarmos a compreensão do fenômeno em estudo. Dessa forma, cada uma das subvariáveis fica organizada em variantes binárias, conforme veremos a seguir.

I. Tempo futuro iminente

Essa subvariante se caracteriza pela ocorrência de *continuar* (no presente) juntamente com outro verbo no gerúndio ou pela ocorrência de um verbo auxiliar ou modal + *continuar* (infinitivo) + gerúndio, podendo ser assim sistematizada:

a) *presente + gerúndio – futuro iminente perifrástico simples*⁵³

(42) Com certeza muita gente mesmo muita gente confia na igreja e creio eu que CONTINUA MOLDANDO a sociedade sim. (*corpus* Torres)

MF/MR/ME → *continua moldando*

b) *verbo auxiliar ou modal (presente) + continuar + gerúndio – futuro iminente perifrástico estendido*

(43) Mas que já existia já existia sempre existiu e VAI CONTINUAR EXISTINDO. (*corpus* Torres)

MF/MR/ME → *vai continuar existindo*

II. Tempo futuro médio

Essa subvariante parece ser a mais complexa por comportar, no que diz respeito à forma, os casos de *gerundismo*, mas pode ser também simplificada em variantes binárias:

a) *presente + gerúndio – futuro médio perifrástico simples*

Compreende os casos de ocorrência dos verbos *estar e ir* como auxiliares flexionados no presente e qualquer outro verbo no gerúndio, conforme exemplo:

(44) Vai acontecer sim eu creio que VAI DIMINUINDO o gelo né da parte fria e vai aumentar o nível do mar (*corpus* Torres)

MF / MR ME *vai diminuindo* →

⁵³ O termo *simples* é empregado aqui em oposição a *estendido*.

b) *verbo auxiliar ou modal (presente) + infinitivo + gerúndio – futuro médio perifrástico estendido*

Compreende um número maior de ocorrências, casos em que o verbo da primeira posição pode ser um auxiliar ou modal, o da segunda posição qualquer verbo no infinitivo (desde que não configure *futuro iminente* ou *futuro resultativo*) e o da terceira um verbo no gerúndio. Vejamos o exemplo:

(45) Eu acho que no futuro vai ser mais liberado isso porque afinal a igreja VAI TA LUTANDO de qualquer maneira né (*corpus* Torres)

MF / MR ME *vai ta lutando* →

III. Tempo futuro resultativo

Essa subvariante apresenta o tempo futuro sob o ponto de vista do término do evento durativo, caracterizando-se pela ocorrência dos verbos *terminar* ou *acabar* (presente) + gerúndio ou pela ocorrência de um verbo auxiliar ou modal na primeira posição (presente), *terminar* ou *acabar* na segunda posição (infinitivo) e qualquer outro verbo no gerúndio, podendo ser sistematizada como segue:

a) *presente + gerúndio – futuro resultativo perifrástico simples*

(46) Se a providência divina não vier antes a gente ACABA DANDO conta do resto e DESTRUINDO tudo. (*corpus* Torres)

MF/MR ME *acaba dando* →

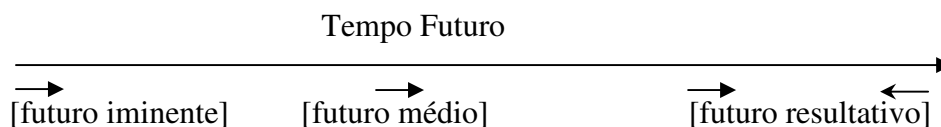
b) *verbo auxiliar ou modal (presente)+ infinitivo + gerúndio – futuro resultativo perifrástico estendido*

(47) Eu acho que vai ficar pior sabe eu acho que as pessoas VÃO ACABAR FAZENDO. (*corpus* Torres)

MF/MR ME *vão acabar fazendo* →

Estamos propondo que o tempo futuro, codificado por perífrases gerundivas, pode ser esquematizado da seguinte maneira: o *futuro iminente* incorpora o momento de fala e se

estende para além dele, apresentando-se sob o ponto de vista do início do evento durativo; o *futuro médio* apresenta-se à direita do momento de fala, sem definições de início e término da duração do evento, e o *futuro resultativo* apresenta-se à direita do momento de fala, mas sob o ponto de vista do término do evento durativo, conforme diagrama a seguir:



5.2. Os grupos de fatores

Os grupos de fatores a serem testados em nossa análise estão distribuídos da seguinte forma:

5.2.1. Linguísticos

I. Modalidade:⁵⁴

a) irrealis 1 (indicativo de certeza, há advérbios e locuções adverbiais de afirmação acopladas ao verbo);

b) irrealis 2 (sem indicações de certeza ou incerteza) ou

c) irrealis 3 (indicativo de dúvida, de incerteza ou quando a verdade ou falsidade da asserção é atribuída a outro)⁵⁵.

II. Marcas de tempo futuro (advérbios, locução adverbial, orações temporais, uma ocorrência de futuro – futuro simples, perifrástico etc.):

a) presença da marca ou

b) ausência da marca;

III. Tipo de verbo que aparece na primeira posição (auxiliar ou modal):⁵⁶

⁵⁴ Givón (1984) trata as asserções como realis (verdadeiras ou falsas) e irrealis (verdades possíveis). Para esta pesquisa sobre eventos futuros, cujos graus de certeza podem ser questionados, trataremos as asserções como modalidade *irrealis*, em natureza escalar da menos *irrealis* à mais *irrealis*.

⁵⁵ Como nos casos de fala reportada ou quando o falante faz uma afirmação em nome de uma terceira pessoa.

a) auxiliar ou

b) modal.

IV. Pessoa do discurso:

a) locutor ou

b) não-locutor.

4.2.2. Extralinguísticos

I. Sexo:

a) masculino ou

b) feminino.

II. Faixa-etária:

a) faixa I (20 - 30 anos) ou

b) faixa II (acima de 40 anos).

III. Profissão:

a) atendentes de *telemarketing*;

b) vendedores ou

c) professores.

4.3. A análise estatística

A metodologia variacionista, segundo Votre (1991), permite avaliar, em termos quantitativos, o efeito de fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam fenômenos de variação e mudança na língua.

⁵⁶ Esse grupo de fatores só será testado nas perífrases com três verbos, nos casos de (i) auxiliar ou modal + estar + gerúndio e (ii) auxiliar ou modal + infinitivo + gerúndio.

Os dados coletados serão analisados por meio dos programas do pacote computacional VARBRUL, introduzido por Rousseau e Sankoff em 1978 (Pintzuk, 1988) - modelo logístico de análise de dados que possibilita que o fenômeno da variação – correlação usos linguísticos/estrutura social – seja abordado estatisticamente. O programa fornece peso relativo aos fatores de cada uma das variáveis independentes em relação à variável dependente⁵⁷, mostrando a influência de cada um dos fatores sobre cada uma das variantes. Conforme Naro (1992, p. 24),

os pesos calculados (...) são interpretados como favoráveis à aplicação da regra, se forem superiores a 0,5; como inibidores, se forem inferiores a 0,5; e como neutros, se forem iguais a 0,5 (...) Entretanto, em princípio, os valores absolutos dos pesos relativos calculados não têm significância analítica; o que importa é a sua ordenação, sendo justamente por isso que se deve preferir o uso do termo RELATIVO.

Os números fornecidos pelas rodadas estatísticas serão interpretados à luz da Teoria Variacionista e do Funcionalismo Linguístico, sob a configuração do Sociofuncionalismo, já que apontam apenas tendências de uso das variantes mediante a influência de determinados fatores, mas precisam ser interpretados a partir das teorias linguísticas disponíveis para confirmar as hipóteses levantadas.

4.4. O *corpus*⁵⁸

A decisão de se constituir um *corpus* específico para esta pesquisa não foi, de forma nenhuma, fortuita, mas resultou de necessidades peculiares devido à natureza do fenômeno sob investigação.

Uma das variantes que compõe o envelope de variação⁵⁹ que pretendemos investigar, chamada de *gerundismo*, é apontada como proveniente do registro linguístico

⁵⁷ “Variantes linguísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 2005, p. 8) ou variável dependente. Por outro lado, variáveis independentes são os fatores ou grupos de fatores, de ordem linguística ou extralinguística, que agem sobre as variantes, favorecendo o uso de uma delas sobre as demais.

⁵⁸ Este *corpus* foi nomeado Torres para fazer referência a esta pesquisa, que motivou o levantamento dos dados, e a seu autor, responsável pela coleta.

⁵⁹ O envelope de variação é o conjunto das variantes que se quer analisar, “[a] essa descrição detalhada das variantes daremos o nome de envelope de variação. O envelope consiste, portanto, no elencamento das adversárias de um campo de batalha”. (TARALLO, 2005 p. 33).

de atendentes de *telemarketing*, considerada como uma variante supostamente emergente⁶⁰, que teria sido incorporada à fala do português contemporâneo graças ao desenvolvimento desse tipo de serviço que alcançou um crescimento considerável no final do século passado e na primeira década do presente século.

Temos, diante disso, a necessidade de controlar os grupos de fatores profissão e faixa-etária para verificar se essa hipótese se sustenta. E, como verificamos a variação em formas que codificam tempo futuro, faz-se necessário que os dados de fala sejam provenientes de situações em que o falante seja levado a usar o tempo futuro, ou seja, situações que o façam projetar seus planos, seus sonhos, suas previsões. Algum outro método de coleta de dados que não leve isso em consideração pode falhar, visto que o falante poderá usar outro tempo verbal e a quantidade de dados estaria comprometida. O processo de coleta de dados será discutido na seção 4.5.

Dessa forma, a necessidade de coleta de *corpus* específico parece ser coerente com o propósito desta pesquisa. Para esse fim, foram analisados dados de fala de sessenta informantes de Fortaleza – ou aqui radicados desde os cinco anos de idade, filhos de pais cearenses e que não tenham se ausentado da cidade por um período superior a dois anos – coletados, mediante entrevistas sociolinguísticas⁶¹, pelo pesquisador. No quadro abaixo, apresentamos a distribuição dos informantes⁶²:

Profissão	Atendentes de <i>Telemarketing</i>				Vendedores				Educadores			
	20 a 30 anos		acima de 40 anos		20 a 30 anos		acima de 40 anos		20 a 30 anos		acima de 40 anos	
Faixa Etária ⁶³	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Número de Informantes	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5

Quadro 01: quadro de distribuição dos informantes

⁶⁰ Segundo Torres (2008), a codificação de tempo futuro por perífrases gerundivas com até três verbos ocorre em dados de fala do Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT há, pelo menos, mais de uma década, período em que se deu a coleta desse *corpus*.

⁶¹ Conforme questionário-guia apresentado na seção 4.5.

⁶² Só encontramos um operador de *telemarketing* do sexo masculino e quatro do sexo feminino da segunda faixa-etária, o que nos obrigou a fazer alguns ajustes metodológicos que serão esclarecidos no capítulo VI, contudo foram feitas as entrevistas previstas para os vendedores e professores.

⁶³ Dada a grande dificuldade de se encontrar operadores de *telemarketing* com mais de quarenta anos e pelo fato de a primeira faixa-etária em nosso *corpus*, no que refere a esses profissionais não ultrapassarem os 25 anos, decidimos entrevistar informantes com mais de trinta e cinco anos, mas a dificuldade persistiu o que nos obrigou a fazer estatísticas diferenciadas, conforme veremos no capítulo VI.

Pode-se concluir da discussão acima que esta pesquisa considera de grande importância a influência das variáveis extralinguísticas para a compreensão e análise do fenômeno em estudo, visto que o controle dessas variantes nos permite descrever tendências de determinado uso linguístico, segundo a classificação do perfil sociolinguístico dos informantes (idade, profissão, sexo, etc). Contudo, as variáveis, linguísticas ou extralinguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem uma determinada variante em relação a outras.

4.5. A coleta de dados

Segundo Tarallo (2005), o propósito da entrevista sociolinguística é minimizar o efeito negativo causado pela presença do pesquisador e do gravador na naturalidade da situação de coleta dos dados. Para que tal neutralização possa ser alcançada, o pesquisador deve representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes, em seus problemas e peculiaridades. Para isso, deve evitar a palavra língua a qualquer custo, pois o objetivo é que o informante não preste atenção na sua maneira de falar.

Tarallo (op. cit.) propõe, para atingir tais propósitos metodológicos, módulos ou roteiros de perguntas, um questionário-guia de entrevista:

Os módulos cobrem uma série de tópicos para fins de conversação: dados pessoais do informante (sua história), jogos e brincadeiras de infância, brigas, namoro e encontros amorosos, casamento, perigo de morte, medo, família, religião, amigos, turmas, serviços públicos, o crime nas ruas, escola, trabalho, interação com os membros da comunidade, esportes, etc. O sucesso da aplicação dos módulos poderá variar para cada comunidade de fala, para cada indivíduo. Cabe, portanto, ao investigador adaptá-los a cada grupo estudado. (TARALLO, 2005, p. 22).

O método indicado pelo linguista é controlar os tópicos da conversação e provocar narrativas de experiência pessoal, uma vez que “ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma”. (TARALLO, op. cit., p. 23).

Como modelo de abordagem, para efetivação das entrevistas, Tarallo traduz o adotado por Labov (1966):

Módulo: Perigo de Morte

Pergunta 1: Você já esteve alguma vez em uma situação em que estivesse correndo sério risco de vida (uma situação em que tenha dito a você mesmo: “Chegou a minha hora!”?)

Pergunta 2: O que aconteceu?

Pergunta 3: Numa situação dessas, algumas pessoas dizem: “Bom, seja o que Deus quiser!”. O que você acha? (TARALLO, 2005, p. 22).

Para efeito desta pesquisa, não podemos nos prover do método das narrativas pessoais. Elas, necessariamente, recuperam situações passadas, vividas pelo falante, nas quais haveria pouca ou nenhuma evidência de tempo futuro, objeto desta pesquisa, o que tornaria a coleta inviável.

Para verificar a ocorrência das variantes que pretendemos investigar, interessamos por fazer com que o informante use o tempo futuro, faça suas projeções, previsões, demonstre seus planos, sem que o pesquisador faça uso de uma das formas de futuro. Isso será possível mediante a seleção, prévia, de alguns tópicos para orientar as entrevistas, conforme questionário-guia, a seguir:

Aquecimento Global

- Você já ouviu falar de Aquecimento Global? Você tem alguma previsão sobre a vida na terra daqui a cem anos? Por exemplo, o clima, os animais, o homem?
- É possível mudar/reverter isso? O que você acha? O que se pode fazer?
- E a ciência daqui a cem anos? O que você acha?
- Aqueles filmes de ficção científica mostram o homem em outro planeta? O que você acha? Isso é possível? Você imagina isso? Pode descrever isso? Quero dizer, a vida lá?
- E Amazônia hoje? E amanhã?
- Hoje há uma polêmica sobre o fato de a Amazônia ser propriedade exclusiva dos brasileiros ou um patrimônio da humanidade. O que você acha?

- E nas próximas décadas: o aquecimento global, a maior reserva de água doce do planeta no Brasil, o mundo de olho na Amazônia... o que você acha?

Política

- Você confia nos políticos? Imagine a seguinte situação: você é candidato a prefeito/a de Fortaleza e eu sou eleitor. Descreva suas promessas de campanha.
- Você sabe quais são os candidatos à Prefeitura de Fortaleza? Quais suas previsões sobre essa corrida eleitoral? Sobre o segundo turno, por exemplo. E o/a vencedor/a das eleições?

Descobertas tecnológicas e científicas

- Você já ouviu falar das pesquisas com células-troco? O que você acha das novas descobertas científicas? Qual é o futuro dessas descobertas para você?
- Você imagina a sociedade daqui a cem anos? Em relação à tecnologia? Pode descrever?
- E a questão da clonagem? É possível? Você pode descrever os benefícios / malefícios para as próximas décadas?

Saúde pública

- Você conhece a situação da saúde pública? Depende dela? Conhece alguém que depende da saúde pública? Pode descrever a situação dessa pessoa? O que ela faz pra conseguir fazer exames, conseguir remédios?
- Novamente você é candidato e eu seu leitor: quais suas promessas em relação à saúde como um todo (por exemplo, médicos, hospitais, equipamentos, etc.)?

Educação pública

- A educação pública no Brasil sempre foi um problema, não é mesmo? Você notou alguma mudança? Pode descrever?
- E para as próximas décadas? Você prevê algum projeto (ou projetos) para resolver esse problema? Quais os resultados nas próximas décadas?

Emprego/desemprego

- Outro problema é o desemprego. Quais são suas previsões sobre isso?
- A situação já foi pior? E daqui a 10 ou 20 anos, o que você acha?

Violência

- Você acha que Fortaleza é uma cidade violenta? Sempre foi assim? E daqui a 20 anos?
- E a situação do Rio de Janeiro, você conhece? E nas próximas décadas, você pode prever a situação de lá?
- Você confia na Polícia brasileira? Eles estão preparados para enfrentar a violência? Como melhorar? Por quê?
- Você é a favor da Pena de Morte? E daqui a algumas décadas, no Brasil, o que você acha?

Crescimento das cidades

- Você acha que Fortaleza é uma cidade bem planejada? Quais os problemas urbanos de Fortaleza? Você pode imaginar Fortaleza daqui a cinquenta anos (transportes, lazer, turismo)? Pode descrever?
- 2014 é ano de Copa do Mundo e Fortaleza é candidata a sediar jogos? O que você acha? Isso faz mudar alguma coisa na cidade? O quê, por exemplo?

- Você acha esse evento importante? Imagine a seguinte situação: 2014 - ano de Copa do Mundo no Brasil - população eufórica – o mundo com olhos voltados ao Brasil – Pode descrever?
- Fortaleza é considerada um dos destinos turísticos mais preferidos no Brasil, e nas próximas décadas, o que você acha?

Recursos naturais

- O petróleo tem tempo certo para acabar. Você acredita nisso? Você imagina as consequências (as mudanças, os resultados) disso? Pode descrever?
- E a água? A gente sabe que já é pouca. E daqui a duzentos anos? Você prevê conflitos? Por quê? Pode descrever?

Trabalho

- E a respeito de seu trabalho, você gosta do que faz? Você planos de mudar de cargo/profissão? O que você espera? Como é a relação com o seu chefe? E com seus colegas? Você tem de cumprir metas?
- As pessoas falam de realização profissional, estabilidade financeira, não é mesmo? Quais são os seus planos em relação a isso? Pode descrever?

Metas pessoais (cursos, trabalhos, viagens, planos, etc)

- E para os próximos anos, quais os seus planos? Pode falar sobre qualquer coisa: cursos, trabalhos, viagens, etc.

Religião

- Você acredita nas instituições religiosas? A nossa sociedade, de certa forma, sempre foi moldada pela religião, não é mesmo? Somos um país de diversidade religiosa e de maioria cristã. E nas próximas décadas?

- Na atualidade, surgiram muitas outras denominações religiosas, quero dizer, igrejas cristãs. O que você acha? E a questão da perda de fiéis pela Igreja Católica? E nas próximas décadas? E o Espiritismo no Brasil?
- A Igreja Católica não permite o casamento de padres, não é mesmo? Qual sua opinião sobre isso? E no futuro, daqui a algumas décadas? O que você acha?

Família

- Você acredita que a sociedade é um reflexo da família? Sempre foi assim? E nas próximas décadas?
- Quantas pessoas tem na sua família? Quem são? Você tem planos, metas de vida para o/a (fulano)? Quais? Pode descrever sua família daqui a 10 anos? Quero dizer, em relação a trabalho, faculdade, casamento, namoro, viagens.

Fim do Mundo

- Você tem medo de morrer? Você acha que o mundo tem tempo certo para acabar? Por quê?
- Alguns filmes já trataram do Fim do Mundo, não mesmo? Como você imagina esse acontecimento? Pode descrever?
- A Bíblia trata do Apocalipse. Você acredita nisso? Pode descrever?

Lei Seca

- Você já ouviu falar da Lei Seca? Você é a favor dessa Lei? Você pode descrever os benefícios (malefícios) dessa Lei para os próximos anos?

Aborto

- Você é a favor da legalização do aborto? Qual sua opinião sobre uma mulher que comete o aborto? E nos casos de gravidez por estupro? E nos casos de riscos para a mãe? E fetos mal-formados?

- Na sua opinião, por que o aborto não foi legalizado ainda no Brasil? E nas próximas décadas, o que você acha?

Casamento

- Você acredita no casamento? Quero dizer, casamento é promessa de felicidade? Imagine a seguinte situação: sua filha, casada, daqui a algum tempo. Pode descrever?
- Você é a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo? É uma nova configuração da sociedade, não é mesmo? E nas próximas décadas, quero dizer em relação à diversidade sexual? E a questão do preconceito?
- E quanto à adoção de crianças por casais homossexuais? Você é a favor? Você prevê mudanças na lei para as próximas décadas?

Comportamento dos jovens

- Você nota alguma diferença no comportamento dos jovens de hoje e de outras décadas? O namoro, por exemplo, era controlado pelos pais; hoje os jovens têm mais liberdade, e nas próximas décadas?
- E a questão da responsabilidade dos jovens de hoje? E de amanhã?
- Você acredita que essa liberdade sexual é responsável pelo aumento do número de crianças nas ruas? Como controlar isso?
- E em relação ao consumo de drogas pelos jovens? Aumentou? E para as próximas décadas? Você é a favor da liberação do consumo de drogas?
- Houve uma geração envolvida politicamente, protestavam contra o Regime Militar, por exemplo. Tivemos também o episódio do Fora-Collor, quando os jovens saíram às ruas em protesto, não é mesmo? E hoje? E para as próximas gerações?
- Os jovens de hoje gostam de qual ritmo musical? E ritmo musical das próximas gerações?

- Para concluir: descreva a sociedade do futuro, a sociedade de seus filhos e netos: educação, saúde, tecnologia, valores ético-cristãos... fique à vontade para falar o que quiser.

As perguntas não foram, necessariamente, seguidas a fio pela ordem estabelecida. Na verdade, procurou-se manter o informante envolvido com algum tópico de conversação de seu interesse e não obter, de fato, as respostas para as devidas perguntas, já que pretendíamos coletar a fala do informante em uma situação mais natural possível de uso. A tarefa do pesquisador foi manter o tópico, manifestando seu interesse na conversa do informante. Tarallo (op. cit., p. 24) propõe recompensar o informante sempre “com interjeições ou locuções interjetivas de surpresa e admiração, do tipo: ‘Nossa!’, ‘Minha nossa!’, ‘É mesmo?’, ‘Que loucura!’, ‘Meu Deus!’”.

Para esta pesquisa, as perguntas do questionário-guia focalizam-se na opinião no informante sobre temas polêmicos, que são comumente discutidos nas rodas sociais e que geram sempre opiniões contrárias, exigem sempre um posicionamento por parte do falante sobre aquele tema. Não se trata de perguntas que gerariam uma resposta curta, mas uma resposta que carece de um comentário posterior, há sempre um “porquê” implícito, que pode ser reforçado pelo pesquisador caso o informante opte por ser sucinto. Quando alguém é questionado se é favor do aborto, dificilmente essa pessoa responderá sim ou não sem tecer comentários que justifiquem sua resposta. Esse procedimento permite ao falante se preocupar com o tema em discussão e não com sua linguagem. Ele quer manifestar sua opinião, embasar seu ponto de vista em suas crenças, suas convicções, seus princípios, e isso neutraliza a presença do gravador e do pesquisador, tornando a entrevista uma conversa natural e envolvente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, tratamos das decisões metodológicas que guiaram nossa pesquisa. Foram esses procedimentos que permitiram a viabilidade da coleta de dados, a definição da variável e subvariáveis investigadas e dos grupos de fatores testados.

Procederemos, no próximo capítulo, à análise dos dados encontrados para melhor compreendermos o fenômeno em variação que envolve as perífrases gerundivas, momento

em que testaremos a influência dos grupos de fatores para o favorecimento de uma variante em relação a outras.

6. ANÁLISE DA VARIAÇÃO DAS PERÍFRASES GERUNDIVAS NA CODIFICAÇÃO DE TEMPO FUTURO

APRESENTAÇÃO

Com base nos procedimentos metodológicos explicitados no capítulo anterior, este capítulo tem por objetivo apresentar os resultados provenientes da análise de 384 dados, a partir dos grupos de fatores testados pelo programa estatístico Varbrul como significativos para o comportamento variável das perífrases gerundivas.

Os resultados a serem apresentados contemplam cada uma das subvariáveis, organizadas em variantes binárias, conforme discutimos anteriormente, por acreditarmos ser, metodologicamente, mais eficaz que considerarmos variantes eneárias, o que submeteria a pesquisa a um emaranhado de variantes e dificultaria o tratamento estatístico. A ordem de apresentação dos resultados respeita a relação das subvariantes com o momento de fala: *futuro iminente*, *futuro médio* e *futuro resultativo*. Em seguida, apresentaremos os resultados referentes ao *gerundismo* e retomaremos a discussão sobre os pressupostos teóricos que guiaram esta pesquisa.

6.1. A amostra

No capítulo anterior, referimo-nos à dificuldade de encontrarmos os informantes potenciais para todas as faixas-etárias, de ambos os sexos, e de todas as profissões previstas para esta pesquisa. Quando traçamos o projeto de pesquisa, não percebemos que uma das profissões que compõem o *corpus*, operadores de *telemarketing*, tem uma característica muito peculiar aqui em Fortaleza, de ser ocupada por profissionais que estão em início de carreira, geralmente jovens estudantes ainda no Ensino Médio ou nos primeiros anos da universidade – dificuldade que se estendeu ao longo da coleta de dados, tamanha foi a busca por profissionais da segunda faixa-etária. A bem da verdade, esta dificuldade mostrou-se maior em se tratando de informantes do sexo masculino, já que o informante mais velho encontrado tinha 38 anos de idade, fora da faixa-etária prevista para o *corpus*.

Diante disso, a busca estendeu-se por empresas públicas e privadas que operassem este tipo de serviço, mas o trabalho também foi inócuo sob esse aspecto. Outra saída foi a redução da faixa-etária, já que os informantes dessa profissão, na primeira faixa-etária, não ultrapassam os vinte e cinco anos. Isso nos levou a procurar informantes com mais de trinta anos, esgotando as últimas possibilidades de completar o *corpus*, mas, para nossa decepção, a busca não obteve sucesso.

Dessa forma, o *corpus* coletado para esta dissertação está constituído de 53 entrevistas sociolinguísticas,⁶⁴ com duração média de 60 minutos cada, totalizando, aproximadamente, 3.180 minutos de gravação, cujos trabalhos de elaboração e aplicação do questionário, seleção dos informantes e transcrição dos dados, foram de responsabilidade exclusiva do pesquisador. Desse *corpus*, constituem a amostra para esta dissertação 384 dados de perífrases gerundivas que codificam tempo futuro, das quais 284 são ocorrências de futuro médio, 73 de futuro resultativo e apenas 27 de futuro iminente.

Dadas as dificuldades de constituição do *corpus* e a distribuição irregular dos informantes do *telemarketing*, procedemos a duas rodadas diferentes no Varbrul para cada subvariável: na primeira, desconsideramos os dados do *telemarketing* para verificarmos, estatisticamente, a atuação de todos os fatores linguísticos e extralinguísticos controlados nesta pesquisa nos dados provenientes das duas outras profissões; na segunda, desconsideramos o fator sexo, visto não estarem preenchidas todas as células sociais referentes aos operadores de *telemarketing*, o que nos permitiu considerar os dados dos informantes dessa profissão, para verificarmos a relação entre profissão e uso das perífrases gerundivas.

Esse procedimento pareceu-nos sensato para descartar a possibilidade de interpretação enviesada dos resultados fornecidos pelo programa, uma vez que a amostra selecionada para a primeira rodada estatística, contém todas as células sociais igualmente preenchidas. Justifica a exclusão do fator *sexo*, na segunda rodada estatística, e a inclusão dos dados dos operadores de *telemarketing* o fato de serem esses profissionais considerados os responsáveis pelo surgimento e pela disseminação das perífrases

⁶⁴ Em relação aos operadores de *telemarketing*, foram entrevistados 5 homens da primeira faixa-etária e 1 da segunda, 3 mulheres da primeira e 4 da segunda. Em relação às outras profissões, todas as entrevistas foram feitas com sucesso.

gerundivas, principalmente da variante considerada *gerundismo*, de que trataremos mais adiante, e, ainda, a grande quantidade de dados obtidos nas entrevistas com esses profissionais. Dos 384 dados que integram a amostra, 128 são dos 13 informantes dessa profissão, ficando os outros 256 como representativos da fala de 40 informantes (vendedores e professores das duas faixas-etárias).

O que estamos propondo aqui é que, mesmo sendo diferente a quantidade de informantes nas células sociais referentes a sexo e profissão, a quantidade exaustiva de dados pode ser relevante para a compreensão do fenômeno em estudo, muito embora os resultados tenham de ser relativizados. Seria, acreditamos, muito mais catastrófico, em um estudo de um fenômeno desta natureza, desconsiderar dados reais de fala desses informantes, o que daria à pesquisa resultados maquiados, continuando as afirmações baseadas em hipóteses não testadas. Com essa decisão, acreditamos estar quites com a honestidade metodológica e científica requerida por esta pesquisa e não desconsideraremos uma quantidade maciça de dados para as três subvariáveis em análise.

Outra decisão metodológica igualmente importante diz respeito à variante denominada *gerundismo*, característica do *futuro médio*. Os resultados, na seção 6.3, não levam em consideração a diferença entre o *gerundismo* e as outras perífrases que não o caracterizam, conforme os critérios definidos e discutidos no capítulo II. Contudo, sendo o *gerundismo* uma variante que causa tantas inquietações entre os interessados em fatos relacionados à língua, foi constituída uma amostra com as ocorrências da variante com três verbos⁶⁵ de futuro médio, feita uma nova codificação, para submetermos a tratamento diferenciado no programa estatístico, de cujos resultados trataremos na seção 6.5.

Conforme as decisões metodológicas explicitadas no capítulo anterior e reiteradas aqui quanto à redução das variantes eneárias em variantes binárias, procedemos às rodadas estatísticas, considerando como aplicação da regra variável a perífrase com três verbos, por suspeitarmos ser a forma emergente. Passemos, agora, aos resultados.

6.2. Futuro iminente

⁶⁵ Conforme discutido no capítulo II, apenas as perífrases com três verbos caracterizam o gerundismo, o que justifica essa escolha.

O futuro iminente foi o menos produtivo em perífrases gerundivas e os dados não foram suficientes para que os grupos de fatores previstos fossem selecionados estatisticamente. As considerações que faremos nesta seção tomam apenas percentuais referentes à frequência de *futuro iminente perifrástico estendido* em relação ao *futuro iminente perifrástico simples*, do total de 27 dados de futuro iminente encontrados.

Atribuímos essa baixa ocorrência a alguns fatores importantes, tais como: a) a expressão de tempo futuro, em português brasileiro contemporâneo, é codificada por uma considerável quantidade de variantes, fato que explica a baixa ocorrência dessas perífrases gerundivas, cujo uso tem sofrido restrições preconceituosas; b) as variantes gerundivas são enéarias e a ocorrência de cada uma delas depende de “uma disputa” entre a ocorrência de todas as outras perífrases gerundivas e das outras formas de expressão de tempo futuro (presente, futuro simples, futuro perifrástico); c) o *futuro iminente* parece ser escolhido para expressar um estado de coisas mais provável de acontecer, eventos que se iniciaram no passado, incorporam o presente e continuam no futuro – o que poderia gerar uma restrição, por parte do falante, a seu emprego. Vejamos os exemplos:

(48) Mas que já existia já existia sempre existiu e VAI CONTINUAR EXISTINDO. (*corpus* Torres)

(49) Hoje em dia a tecnologia é muito desenvolvida né a tecnologia evoluiu muito em pouco tempo e eu acho que VAI CONTINUAR EVOLUINDO acredito que sim. (*corpus* Torres)

(50) Acho que os casais VAI CONTINUAR NAMORANDO normalmente como ta acontecendo hoje. (*corpus* Torres)

(51) Eu acho que a igreja VAI CONTINUAR TENTANDO manter o que ela tem sem ter que dividir com ninguém. (*corpus* Torres)

Os exemplos parecem ser exaustivos em relação à peculiaridade de o futuro iminente se basear numa realidade concreta. As afirmações que são feitas por meio de variantes de *futuro iminente* não são apenas previsões, elas são probabilidades (e aceitas como tal) de um evento futuro acontecer. Não estamos afirmando que o improvável não possa ser expresso por *futuro iminente*, há também apreciações modais diferentes por parte

do falante, mas não desmerecem a compreensão desse evento como mais provável. Vejamos:

(52) Com relação assim a trabalho que sei que eu *POSSO* CONTINUAR BUSCANDO CONSTRUINDO assim um espaço na área profissional e tudo. (*corpus* Torres)

O evento futuro aqui tem uma avaliação possível por parte do falante, pela escolha de um verbo modal - *posso* – para a primeira posição na perífrase, mas essa avaliação aproxima-se de uma realidade muito provável, já que o falante desse enunciado faz uma apreciação desta natureza, anteriormente, com a oração *sei que*.

O *futuro iminente* parece ter comportamento diferenciado, como em (53), podendo apresentar um evento se entendendo até sua fase final.

(53) No dia que o sol acabar a gente *VAI* CONTINUAR VIVENDO? (*corpus* Torres)

O que está em destaque é um evento futuro que, embora seja uma indagação, tem um valor de assertiva declarativa, visto que, pelo conhecimento de mundo, sabemos que caso o sol um dia deixe de existir, as modalidades de vida na terra deixariam de existir, sendo, portanto, um evento provável.

Dessa discussão, é possível propor que a explicação para a baixa ocorrência de futuro iminente pode ser essa característica de expressar um fato como mais provável – o que geraria a restrição de uso, já que essas situações são bem raras na realidade extralinguística. Embora ancorados por expressões e situações que garantam que determinado evento futuro se realize conforme o esperado, o falante tende a resistir ao emprego de futuro iminente, visto que a realização de um evento futuro depende da ocorrência de outros, e mudanças de ordem política, econômica, social podem interferir na realização ou não de um evento, e o esperado pode não acontecer de fato, contrariando todas as previsões. Há um ditado popular que divulga a assertiva de que *o futuro a Deus pertence*, e fazer previsões categóricas de que este ou aquele fato acontecerá é uma possibilidade linguística, mas não é uma garantia de sua realização.

Quando afirmamos que o uso de futuro iminente se baseia numa realidade concreta e expressa um fato como mais provável, estamos nos referindo a fatos que se desenvolvem progressivamente no tempo, eventos que são durativos. Em tese, partindo-se dessa concepção, o futuro iminente expressa mais certeza que o *futuro médio* e o *futuro resultativo*.

Essas intuições sobre a restrição de uso do futuro iminente poderão ser compreendidas com mais profundidade por pesquisas de ordem cognitiva, por meio de simulações de modelos cognitivos, o que estaria além dos objetivos desta pesquisa e demasiadamente fora do perfil de que vimos tratando. Contudo, essas são considerações que tentam compreender a baixa ocorrência de *futuro iminente*, na amostra selecionada para esta dissertação, considerada a quantidade de *futuro médio* e de *futuro resultativo* encontrada.

Modalidade

Esse grupo de fatores é importante para verificarmos os graus de incerteza sobre eventos futuros. Esse grupo de fatores tomou todos os eventos futuros como eventos *irrealis*, subdividindo-os em *irrealis 1* – quando o enunciado é construído com avaliação indicativa de certeza; *irrealis 2* – quando não há indicações de certeza ou incerteza; e *irrealis 3* – quando o enunciado está ancorado em indicativos de incerteza. Os dados da tabela 1 demonstram, em termos de frequência, a atuação desse grupo de fatores.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
<i>Irrealis 1</i>	19/23	83%
<i>Irrealis 2</i>	04/04	100%
<i>Irrealis 3</i>	0/0	0%

Tabela 1: atuação do grupo de fatores modalidade no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Baseados nessa tabela, podemos tecer algumas considerações importantes para a compreensão do uso de futuro iminente. Por codificar eventos que expressam graus de incerteza diferentes, o esperado seria que o *futuro iminente perifrástico estendido* fosse favorecido estatisticamente pelo fator *irrealis 1*, que indica menos incerteza que os outros fatores, mas o percentual de frequência de uso é 83% em relação ao resultado categórico de *irrealis 2* e nenhuma ocorrência de *irrealis 3*. Os diferentes graus de incerteza não

evidenciam diferenças de uso entre as variantes de *futuro iminente perifrástico* (simples e estendido).

Marcas de tempo futuro

Esse grupo de fatores é importante para verificarmos se a presença ou a ausência de uma marca de tempo futuro influi na frequência de uso de *futuro iminente*. Vejamos a tabela a seguir:

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
Presença da marca	10/10	100%
Ausência da marca	13/17	76%

Tabela 2: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de *futuro iminente perifrástico estendido* em oposição a *futuro iminente perifrástico simples*.

A presença da marca de tempo é esperada como favorecedora do *iminente perifrástico simples* em relação ao estendido para garantir uma interpretação de tempo futuro, mas os dois fatores desse grupo apresentaram comportamento semelhante. Nossa hipótese quanto a esse grupo de fator será retomada nas seções seguintes em que discutiremos o *futuro médio* e o *futuro resultativo*.

Tipo de verbo da primeira posição

Esse grupo de fatores é de suma importância para compreender o uso de perífrases gerundivas, principalmente quando formos discutir o comportamento da variante denominada *gerundismo*. Vejamos os dados da tabela 3.

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
Auxiliar	20/24	83%
Modal	03/03	100%

Tabela 3: atuação do grupo de fatores *tipo de verbo da primeira posição* no uso de *futuro iminente perifrástico estendido* em oposição a *futuro iminente perifrástico simples*.

Ao que nos parece, embora haja uma grande frequência de uso de *futuro iminente perifrástico estendido* em que a primeira posição é ocupada por verbos auxiliares, foi categórica a atuação de verbos modais nos poucos dados da amostra desta pesquisa, o que nos levar a propor que os verbos modais favorecem a *futuro iminente perifrástico*, proposição que deverá ser comparada com os resultados das seções posteriores.

Pessoas do discurso

Esse grupo de fator procura compreender se o uso das perífrases gerundivas difere, em termos de frequência, quando observadas as pessoas do discurso. Esse grupo foi organizado em dois fatores: o locutor – quando o falante é o sujeito dos enunciados; e não locutor – quando o falante não é sujeito desse enunciado. Na verdade, a indagação que se impõe é se o fato de o falante escolher-se como sujeito de um enunciado em tempo futuro tem relevância na frequência de uso das variantes de tempo futuro, no caso desta análise, de *futuro iminente*.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Locutor	06/06	100%
Não-locutor	17/21	81%

Tabela 4: atuação do grupo de fatores *pessoas do discurso* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Quando o falante escolhe-se como sujeito do enunciado, a ocorrência de *futuro iminente perifrástico estendido* foi categórica, e quando ele não é sujeito do enunciado o percentual de ocorrência foi de 81% dos casos. Pode-se sugerir que nos casos de *futuro iminente*, em que se expressa eventos mais prováveis, o falante não precisa colocar-se como sujeito desse evento, o que explica, em termos, a não significância estatística desse grupo de fator.

Sexo

Esse grupo de fatores tem sido considerado, na grande maioria das pesquisas sociolinguísticas variacionistas, e tem se mostrado bastante significativo para explicar a frequência de uso de variantes emergentes em relação a variantes conservadoras. A variante *futuro iminente simples* pode ser considerada como variante conservadora em relação à variante de futuro iminente estendida⁶⁶.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Masculino	8/8	100%
Feminino	15/19	79%

Tabela 5: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

⁶⁶ Conforme discutimos no capítulo II, em relação à forma, as perífrases que são formadas por *presente + gerúndio* não sofrem preconceito, já que o presente a função prevista, nas Gramáticas Normativas, de expressar o futuro.

Pelos dados da tabela 5, há uma grande frequência de uso de *futuro iminente estendido* por informantes de sexo feminino (79%), mas esses dados têm de ser relativizados, visto que a escolha de tempo futuro iminente perifrástico estendido por informantes do sexo masculino foi categórica e, por outro lado, a escolha de futuro iminente simples por informantes do sexo feminino também foi categórica (04/04). Deduz-se que as variantes de *futuro iminente* não sofrem estigma, tendo em vista haver elevados percentuais de uso da variante com três verbos tem grande percentual de uso por informantes de ambos os sexos: 100% para o masculino e 79% para o feminino.

Faixa-etária

Os dados relativos ao grupo de fatores faixa-etária foi o mais equilibrado, considerando a distribuição e a quantidade de dados. Vejamos a distribuição de dados na tabela a seguir:

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
Faixa-etária I	18/21	86%
Faixa-etária II	05/06	83%

Tabela 6: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Os dados mostram que o *futuro iminente perifrástico estendido* está em variação nas duas faixas-etárias e quase não há diferença de frequência de uso entre as duas, em termos percentuais. Esse resultado corrobora com a afirmação de que as variantes de futuro iminente não são estigmatizadas como as variantes de *futuro médio*, por exemplo, já que é usada nas duas faixas-etárias controladas, sem grandes diferenças entre informantes do sexo masculino ou feminino.

Profissão

Os dados da tabela 7 mostram que as variantes futuro *iminente estendido e simples* estão em variação na fala de operadores de *telemarketing* e vendedores, com uma frequência de uso relativamente equivalente. Os dados provenientes da fala de professores são categóricos, na escolha pelo *futuro iminente perifrástico estendido*, quando desejam falar, por meio de perífrases gerundivas, de eventos futuros que incorporam o momento de fala. O uso categórico de *futuro iminente perifrástico* estendido por professores também corrobora com a afirmação de que essa variante não é estigmatizada.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
<i>Telemarketing</i>	03/05	60%
Professores	16/16	100%
Vendedores	04/06	67%

Tabela 7: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro iminente perifrástico estendido em oposição a futuro iminente perifrástico simples.

Mantivemos os dados resultantes desta pesquisa, nesta seção, por algumas razões: a) os poucos dados aqui apresentados podem ser insuficientes para se fazer afirmações sobre o que vimos chamando de *futuro iminente*, mas são dados reais da língua falada em Fortaleza, que não podem ser desprezados já que compõem a regra variável de que trata esta pesquisa; b) as tabelas com os resultados percentuais poderão servir de parâmetro para pesquisas posteriores que tentem trilhar outros caminhos por nós não percorridos, como entrevistar profissionais de outras áreas de atuação e controlar outros grupos de fatores; c) os resultados categóricos não podem ser tomados como indicativos de estabilidade, visto serem poucos os dados totais da subvariável, o que não nos impede de afirmar que a expressão de tempo futuro, no português contemporâneo falado no Brasil, está em variação e uma das formas de codificação é a subvariável aqui denominada de *futuro iminente perifrástico* que se apresenta em variantes binárias: *o futuro iminente perifrástico simples e o futuro iminente perifrástico estendido*.

6.3. Futuro Médio

Passemos, agora, a observar a variação na codificação de *futuro médio*, segundo a influência dos grupos de fatores controlados nesta pesquisa. Há de se mencionar que qualquer pesquisa variacionista pode tomar uma grande quantidade de grupo de fatores, conforme sejam as intuições do pesquisador e seu desejo de esmiuçar a análise a níveis cada vez mais específicos. Contudo, essa escolha de quais grupos de fatores serão controlados não é uma decisão aleatória, ela tem de estar relacionada ao comportamento da variável linguística a ser estudada. Nessa perspectiva, foram controlados os seguintes grupos de fatores: a) graus de modalidade irrealis; marcas de tempo futuro; verbo da primeira posição; e pessoa do discurso – grupos de fatores linguísticos; b) sexo; faixa-etária e profissão – grupos extralinguísticos.

As rodadas estatísticas

O foco, neste primeiro momento, é verificar a variação de *futuro médio* na fala de profissionais de duas áreas de atuação, vendedores e professores, já que não temos nenhum impedimento metodológico nos dados procedentes da fala dos informantes dessas profissões, tendo sido feitas todas as entrevistas previstas. Então, na primeira rodada estatística, desconsideramos os dados dos informantes do *telemarketing* no grupo de fatores profissão. Foram selecionados os seguintes grupos de fatores, em ordem de relevância: sexo, marca de tempo futuro e profissão.

Essa rodada estatística tem uma importância peculiar, visto que o *futuro médio* comporta, também, a ocorrência de *gerundismo*, sendo possível, desde já, contrapor a discutível afirmação, divulgada pela mídia, de que o *gerundismo* é registro exclusivo de profissionais do *telemarketing*. Embora não estejamos tratando exclusivamente de *gerundismo* nesta seção, esta afirmação já pode ser contestada sem nenhum prejuízo para as análises das seções seguintes.

Sexo

Quando propomos esse grupo de fatores, a intenção era verificar se há favorecimento de uso de *futuro médio perifrástico estendido* por informantes do sexo masculino, por acreditarmos ser essa a variante inovadora em relação ao *futuro médio perifrástico simples*.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Feminino	36/139	26%	0,39
Masculino	67/145	46%	0,61

Tabela 8: atuação do grupo de fatores sexo no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Os resultados apontam que o uso de *futuro médio perifrástico estendido* é favorecido pelo fator *sexo masculino* em oposição a *futuro médio simples*, confirmando a hipótese de que os falantes do sexo masculino usam mais livremente as variantes consideradas emergentes e menos prestigiadas, como é o caso da variante *futuro médio estendido*. A confirmação dessa hipótese é importante porque entre as variantes de *futuro médio* estão os casos de *gerundismo*. Observando-se os dados percentuais e a quantidade de ocorrência da variante em estudo, percebemos que a proporção de uso entre masculino e feminino é quase o dobro. Isso é relevante, permitindo-nos afirmar que há uma tendência maior de uso de *futuro médio perifrástico estendido* por falantes do sexo masculino.

Marca de tempo futuro

Quando propomos este grupo, tínhamos a hipótese de que a variante *futuro médio perifrástico simples* deveria ser favorecida pela *presença* de marcas de tempo futuro para garantir a interpretação de futuro, mas os dados da tabela 9 mostram que esse fator favorece o uso de *futuro médio perifrástico estendido*, cujo peso relativo é de 0,60.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Presença da marca	63/138	46%	0,60
Ausência da marca	40/146	27%	0,41

Tabela 9: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de *futuro médio perifrástico estendido* em oposição a *futuro médio perifrástico simples*.

Sugerimos, com esse resultado, que o uso da perífrase simples para codificar tempo futuro expressa um futuro mais imediato e mais provável de acontecer que o futuro expresso pela perífrase estendida, o que dispensaria o reforço da presença da marca de tempo futuro, já que o fator presença da marca foi favorecedor das perífrases estendidas em todas as rodadas estatísticas realizadas.

Profissão

Esse grupo de fatores é importante para verificar a frequência de uso de *futuro médio* em outras profissões, além de operadores de *telemarketing*. O resultado confirma nossa hipótese de que as perífrases gerundivas, dentre elas o *gerundismo*, estão em variação no português contemporâneo falado no Brasil, e seu uso pode ser flagrado, embora em menor frequência, na fala de outros profissionais, como professores e vendedores, conforme podemos observar na tabela 10.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Vendedores	33/88	38%	0,56
Professores	27/101	27%	0,44

Tabela 10: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de *futuro médio perifrástico estendido* em oposição a *futuro médio perifrástico simples*.

Observemos agora os resultados percentuais dos outros grupos de fatores controlados nesta pesquisa, mesmo não tendo sido selecionados pelo programa estatístico.

Modalidade

Escolhemos esse grupo de fatores por acreditarmos que, embora o tempo futuro não expresse modalidade factual, o falante opta por fazer diferentes apreciações quanto aos graus de incerteza de um evento futuro. Era esperado que a modalidade *irrealis 3* favorecesse as perífrases com três verbos, neste caso o *futuro médio perifrástico estendido*, por ser aquela que expressava mais incerteza por parte do falante sobre a realização de um evento futuro. A tabela 11 mostra os resultados referentes a esse grupo de fator.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
<i>Irrealis 3</i>	23/45	51%
<i>Irrealis 1</i>	74/215	34%
<i>Irrealis 2</i>	6/24	25%

Tabela 11: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Como podemos observar, as modalidades *irrealis 1 e 2* parecem inibir o uso de *futuro médio perifrástico estendido* e a modalidade *irrealis 3* tem comportamento neutro em relação à frequência de uso das duas variantes.

Pessoas do discurso

Esse grupo de fatores também foi testado porque tínhamos a hipótese de que a frequência de uso entre *futuro médio perifrástico estendido* e *simples* poderia estar associada aos fatores locutor e não-locutor de um enunciado futuro. Era esperado que o *futuro médio perifrástico estendido* fosse favorecido pelo fator não-locutor, em que não haveria nenhum comprometimento por parte do falante. Os dados mostram que a presença desses fatores não foi estatisticamente relevante para explicar o uso de *futuro médio estendido* em relação a *futuro médio simples*.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Locutor	8/19	42%
Não-locutor	95/265	36%

Tabela 12: atuação do grupo de fatores *pessoa do discurso* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

A atuação desse grupo de fator é uma ameaça à afirmação de que o uso das perífrases gerundivas, em especial, os casos de *gerundismo*, estaria ligado à falta de comprometimento com o enunciado futuro. Quando um enunciado tem como sujeito o não-locutor, não há envolvimento (nem compromisso) do falante, o que pressupõe maior

frequência de perífrases gerundivas com três verbos. Não se pode, com base nesse grupo de fator, afirmar que o uso de futuro médio perifrástico estendido está relacionado à falta de compromisso do falante com o enunciado produzido.

Faixa-etária

Embora não tenha sido escolhido pelo programa VARBRUL como significativo para explicar a variação entre *futuro médio perifrástico simples* e *futuro médio perifrástico estendido*, os resultados percentuais referentes a esse grupo de fatores não podem ser desprezados se comparados entre si. Pelos dados tabela 13, embora haja maior percentual de uso da variante simples nas duas faixas-etárias, os percentuais de uso da variante estendida são muito próximos em ambas 40% e 31%, o que revela que o uso de perífrases gerundivas não é tão recente em português brasileiro contemporâneo. Recentes são os serviços prestados pelos profissionais de *telemarketing* que puseram a forma em evidência. Retomaremos essa discussão ao final dessa seção.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Faixa-etária I	66/164	40%
Faixa-etária II	37/120	31%

Tabela 13: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Passemos, agora, a analisar os resultados da segunda rodada estatística, considerando-se os dados provenientes da fala do *telemarketing*, procedimento que foi discutido no início deste capítulo. Os grupos selecionados por ordem de relevância estatística foram marca de tempo futuro e profissão.

Marca de tempo futuro

Esse grupo de fatores mostrou-se relevante nas duas rodadas estatísticas feitas e o valor do peso relativo foi praticamente idêntico em ambas, conforme os dados das tabelas 10 e 14. A partir dos números dessas tabelas e dos dados observados, podemos afirmar que a *presença* de uma marca de tempo futuro favorece o uso de *futuro médio perifrástico estendido*. Esse resultado parece confirmar a interpretação dada à tabela 09, quando foi sugerido que o *futuro médio perifrástico simples*, por codificar um futuro mais imediato e

mais certo que o *futuro médio perifrástico estendido*, dispensaria a presença de uma marca de tempo futuro.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Presença da marca	63/138	46%	0,60
Ausência da marca	40/146	27%	0,40

Tabela 14: atuação do grupo de fatores *marcas de tempo futuro* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Profissão

Os dados confirmam a hipótese de que os operadores de *telemarketing* promovem perífrases gerundivas de futuro médio (onde estão inclusas aquelas variantes denominadas *gerundismo*), havendo uma preferência estatística pelo *futuro médio perifrástico estendido*. Os dados da tabela 15 mostram um peso relativo de 0,60 relacionado a essa profissão, que poderia ser maior se tivemos todas as células preenchidas.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Telemarketing</i>	43/95	45%	0,60
Vendedores	33/88	38%	0,51
Professores	27/101	27%	0,40

Tabela 15: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

A tabela 15 mostra um equilíbrio de frequência de uso ainda menor que os da tabela 10 para os vendedores, cujo peso relativo é apenas 0,51. Há de se levar alguns pontos em consideração. O programa estatístico VARBRUL fornece um peso relativo que varia de 0 a 1 e, nesse caso, uma diferença de 0,05 pode render discussões em duas direções: a) consideraríamos apenas as diferenças decimais, o que tornaria os pesos relativos iguais nas duas rodadas estatísticas 0,5 (em vez de 0,56, conforme tabela 10) e 0,5 (em vez de 0,51, conforme tabela 15) e, neste caso, afirmaríamos que a variante *futuro médio perifrástico estendido* não sofre influência estatisticamente significativa por vendedores; ou b) consideraríamos as diferenças centesimais de 0,56, na tabela 10, e de 0,51, na tabela 15, e reformularíamos nossa afirmação acima com uma generalização mais sensata que toma os dados das duas tabelas: há uma leve tendência ao favorecimento de *futuro médio perifrástico estendido* nos dados de fala de vendedores quando comparados os dados de professores e vendedores (visto que os pesos relativos tende para fora do padrão considerado neutro), contudo considerados os dados procedentes do *telemarketing*,

esse favorecimento tende a se equilibrar, o que nos leva à seguinte afirmação: a frequência de uso de *futuro médio perifrástico estendido* é favorecida por profissionais do *telemarketing*, neutralizada por vendedores e inibida por professores em oposição a *futuro médio perifrástico simples*.

Como vimos, os grupo de fatores *marca de tempo futuro* e *profissão* foram selecionados nas duas rodadas estatísticas feitas para a subvariável *futuro médio perifrástico*. O grupo de fatores *sexo* foi excluído na segunda rodada para que pudéssemos considerar os dados do *telemarketing*, cujas células não foram todas preenchidas. Como procuramos compreender a variação e controlamos diferentes faixas-etárias e profissões, na tentativa de descrever uma mudança em tempo aparente, que até agora não pode ser diagnosticada, visto que o fator faixa-etária não foi selecionado como significativo estatisticamente, procedemos a um cruzamento do fator profissão e faixa-etária para observarmos, em termos percentuais, o comportamento das variantes e a significância desse procedimento.

Os dados da tabela 16 revelam, em termos percentuais, que a variante *futuro médio perifrástico estendido* é mais usada por operadores de *telemarketing* da primeira faixa-etária. Os profissionais da primeira faixa-etária usam mais expressivamente a variante *futuro médio perifrástico estendido* que a os profissionais da segunda faixa-etária. Os dados referentes aos professores revelam, pelo baixo percentual, que há estabilidade entre as duas faixas-etárias e tendência a inibir o uso de *futuro médio perifrástico estendido* em relação ao *futuro médio perifrástico simples*. Os dados referentes aos vendedores mostram-se atipicamente, em termos percentuais, tendo a segunda faixa-etária um uso ligeiramente maior. Observemos esse cruzamento.

	Faixa-etária I		Faixa-etária II	
	Aplicação/Total	Percentual	Aplicação/Total	Percentual
Telemarketing	38/70	54%	05/25	20%
Professores	12/40	30%	15/61	25%
Vendedores	16/54	30%	17/34	50%

Tabela 16: cruzamento dos grupos de fatores profissão e faixa-etária futuro médio perifrástico estendido em oposição a futuro médio perifrástico simples.

Cabe, contudo, retomarmos a discussão que atribui o uso de perífrases gerundivas aos operadores de *telemarketing*. Não há dúvidas de que há uma alta frequência de uso de *futuro médio perifrástico estendido* nos dados de fala desses profissionais e mais

levemente nos de vendedores. Retomando as tabelas 10 e 14, essa variação parece estar socialmente condicionada a profissionais que vendem um produto ou serviço diretamente ao consumidor, está ligada ao setor do comércio ou prestação de serviços. Não há, em nosso *corpus*, profissões representativas dos três grandes setores da economia – indústria, comércio e serviços – distribuídas nessa ordem, já que educação e *telemarketing* podem ser categorizadas como pertencentes ao setor de serviços. Contudo, temos de olhar atentamente as diferenças quanto ao tipo de serviço que prestam. *Telemarketing*, cada vez mais, configura-se como uma profissão responsável por *vender* um produto ou serviço e, sob esse aspecto, está ligada ao setor do comércio. Esses profissionais destacam-se, no mercado de trabalho, pela perspicácia em atrair clientes e alcançar as metas de vendas estabelecidas. Eles trabalham pressionados por duas forças antagônicas: de um lado, têm de cumprir as metas estabelecidas sob pena de perder o emprego; de outro, têm de manter o cliente satisfeito para que essas metas sejam alcançadas. Como consumidores que somos, sabemos que metas de empresas e de clientes são antagônicas em termos de satisfação, na maioria dos casos. O cliente torna-se a peça fundamental no trabalho desses profissionais. As perífrases com gerúndio, nessa concepção, configuram-se como uma alternativa que passa essa idéia de gentileza e cortesia tão caras às trocas sociais.

Se essa explicação para a frequência de uso das perífrases gerundivas for válida, como explicar o estigma a elas atribuído? Não há dúvidas de que a maior frequência de uso das perífrases gerundivas codificando tempo futuro foi flagrada nos dados de fala de operadores de *telemarketing*, conforme tabela 10. Essa profissão cresceu admiravelmente nas últimas duas décadas e passou a vender produtos e serviços ao consumidor por um método ainda pouco convencional. A população brasileira experimentou um considerável crescimento no padrão de vida e popularizaram-se determinados produtos e serviços que eram restritos a alguns cidadãos economicamente privilegiados, como o telefone fixo, o computador, a internet, entre outros. Esse crescimento foi rápido e com ele nasceu uma nova classe consumidora que não se enquadra nos padrões da classe média nem nos padrões da classe economicamente rica. Com esse fato, os padrões de venda e atração do consumidor mudaram e mudaram também os paradigmas referentes ao uso do telefone com a privatização das empresas prestadoras desses serviços. O tipo de serviço de venda ao consumidor por telefone, denominado *telemarketing* ativo, ainda engatinhava no Brasil

no período anterior à popularidade do telefone fixo, de forma que não recebíamos ligações de alguém nos oferecendo algum produto ou serviço.

O novo mercado surge rápido, mas o padrão de consumo, ou melhor, o padrão do consumidor não conseguiu acompanhar esse crescimento, de forma que a maioria dos consumidores não aprecia receber ligações em sua casa de um profissional que oferece um produto ou serviço. O Estado de São Paulo, por exemplo, recentemente, aprovou a Lei nº 13.226, de 7 de outubro de 2008, que institui o cadastro para o bloqueio do recebimento de ligações de *telemarketing* e proíbe as prestadoras de telefonia a divulgarem os números de telefones de seus clientes para empresas que trabalhem com *telemarketing*. Vejamos de que tratam os artigos primeiro e quinto dessa lei:

Artigo 1º - Fica instituído, no âmbito do Estado de São Paulo, o Cadastro para o Bloqueio do Recebimento de Ligações de *Telemarketing*.

Parágrafo único - O Cadastro tem por objetivo impedir que as empresas de *telemarketing*, ou estabelecimentos que se utilizem deste serviço, efetuem ligações telefônicas não autorizadas para os usuários nele inscritos.

Artigo 5º - A partir do 30º (trigésimo) dia do ingresso do usuário no Cadastro, as empresas que prestam serviços relacionados ao parágrafo único do artigo 1º ou pessoas físicas contratadas com tal propósito, não poderão efetuar ligações telefônicas destinadas às pessoas inscritas no cadastro supracitado. (ESTADO DE SÃO PAULO, LEI Nº 13.226)

Dessa forma, o preconceito que estigmatiza o uso das perífrases gerundivas tem como gênese os profissionais a quem atribuímos o maior uso, ou, mais especificamente, ao tipo de serviço que eles prestam que ainda não encontrou aprovação no mercado brasileiro.

O padrão do consumidor brasileiro parece ainda estar em modificação. Hoje, podemos afirmar que há uma miscelânea de consumidores, daqueles que só fazem compras (pelo menos a maior parte) pela internet ou pelo telefone, por assim se mostrar a forma mais prática e condizente com o cidadão moderno, envolvido em muitas tarefas, cujo ato de fazer compras diretamente na loja pode tomar grande parte de seu tempo; há ainda aqueles que preferem percorrer todos os caminhos tradicionalmente previstos para se efetuar a compra: ir à loja, escolher produto, conversar com o vendedor, pedir descontos, conhecer o gerente, o vendedor e o caixa pelo nome, etc. Essas duas modalidades de consumidores coexistem no Brasil atualmente e para os consumidores do segundo tipo, receber ligações em que produtos lhes são oferecidos é um incômodo.

O telefone, embora potencialmente seja útil a diversas finalidades como a compra e venda de produtos, sua popularização não conseguiu quebrar o velho protótipo de ser específico para as trocas interacionais (conversas, trocas de informações, etc). O consumidor parece resistir a essa invasão de privacidade. Recebemos os panfletos com propagandas de produtos e serviços e temos curiosidade em lê-los, mas apagamos as malas-diretas em nossa caixa de e-mails e criamos restrições a *spams*. Se essa idéia que estamos desenvolvendo aqui se sustenta, como explicar a grande quantidade de dados em profissionais como professores, tidos como “guardiões da língua”?

A decisão de entrevistar professores não foi fortuita. Esses profissionais estão inseridos na sociedade de forma que participam, quer na sala de aula, quer em outros ambientes fora dela, de uma infinidade de registros linguísticos. A sala de aula é o local onde uma modalidade da língua é ensinada, mas os outros agentes inseridos no processo de aprendizagem trazem com eles seus registros, o que exige do professor, pelo menos em tese, adaptação por questões de proximidade e neutralização das diferenças entre professor e aluno no que diz respeito à linguagem – é uma espécie inclusão no universo do aluno. Tivemos o cuidado metodológico, na coleta do *corpus*, de não entrevistar professores de Língua Portuguesa por acreditarmos que o discurso desses profissionais é mais monitorado, nos quais haveria baixa frequência de uso de variantes socialmente estigmatizadas de que trata esta pesquisa. Apesar de os dados da tabela 10 mostrarem que há uma tendência a restrição de uso de *futuro médio estendido* (peso relativo 0,44) por professores, a quantidade de dados foi bem significativa. Os dados de *futuro médio* parecem confirmar a nossa hipótese de que essas perífrases são mais produtivas em setores do comércio e serviços.

6.4. Futuro Resultativo

Analisaremos a variação entre o *futuro resultativo perifrástico estendido* e o *futuro perifrástico resultativo simples*, obedecendo aos mesmos procedimentos metodológicos adotados com os *futuros iminente e médio*. A primeira rodada estatística leva em conta apenas os dados de professores e vendedores. Os grupos de fatores selecionados pelo programa estatístico em ordem decrescente de relevância foram: marca de tempo futuro e profissão.

Marca de tempo futuro

Esse grupo de fator tem se mostrado relevante em todas as rodadas estatísticas realizadas até agora, confirmando o favorecimento de uso das perífrases com três verbos é favorecido pelo fator presença da marca de tempo futuro. Os dados da tabela 17 mostram, que no caso do *futuro perifrástico resultativo*, esse fator é mais relevante, tendo sido atribuído um peso relativo de 0,79 para o favorecimento da variante *futuro resultativo perifrástico estendido* em relação a *futuro perifrástico simples*.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Presença da marca	08/17	47%	0,79
Ausência da marca	09/56	16%	0,40

Tabela 17: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico.

Quando discutimos os resultados da atuação desse grupo de fator nas variantes de futuro médio, atribuímos ao fato de o futuro médio perifrástico simples codificar um futuro mais imediato, mais certo e definido que o futuro médio perifrástico estendido, o que atenua a presença da marca nas perífrases simples, contrariando nossa hipótese inicial. Aqui, não caberia tratarmos o futuro resultativo como mais imediato, visto ser mais distante do momento de fala. Contudo, essa subvariante codifica eventos futuros durativos enfatizando seu término e, sob esse ponto de vista, apresenta-se como mais definido que o futuro médio, continuando válida nossa interpretação de que a variante simples pede a presença de uma marca de tempo futuro.

Profissão

Os dados da tabela 18 também são muito semelhantes em termos de significância estatística com os dados de *futuro médio perifrástico*, o que nos permite afirmar que o comportamento, no que diz respeito à variação e à influência dos grupos de fatores controlados nesta pesquisa, não é muito diferente. Vejamos os dados.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Vendedores	03/19	16%	0,60
Professores	02/26	8%	0,42

Tabela 18: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico.

O *futuro resultativo perifrástico estendido* tem sua ocorrência favorecida em dados de fala de vendedores, cujo peso relativo é de 0,60, superior ao fornecido pelo

programa quando tratamos de *futuro médio perifrástico estendido*, quando comparadas as profissões professores e vendedores.

Passemos, agora, à apresentação dos dados percentuais dos fatores não selecionados pelo programa VARBRUL.

Modalidade

Esse grupo apresenta um comportamento ainda indefinido, no que diz respeito ao favorecimento ou inibição de *futuro resultativo estendido* em relação a *futuro resultativo perifrástico simples*, comportamento análogo ao observado nas variantes de *futuro médio*. Quando tratamos de *futuro médio*, o resultado esperado era o favorecimento de *irrealis 3* e o percentual mostrou uma leve tendência para isso, mas não pudemos nos estender nas generalizações por falta de dados. Em relação a futuro perifrástico resultativo, há uma leve tendência de favorecimento da perífrase estendida por modalidade *irrealis 2* em vez de *irrealis 3*, conforme os dados da tabela 19.

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
<i>Irrealis 2</i>	04/06	67%
<i>Irrealis 3</i>	04/12	33%
<i>Irrealis 1</i>	09/55	16%

Tabela 19: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Sexo

Os resultados referentes a esse grupo são surpreendentes, visto não haver diferenças em termos percentuais entre homens e mulheres quanto ao uso de *futuro resultativo*, o que nos leva a propor que essa subvariável não sofre estigma.

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
Masculino	07/28	25%
Feminino	10/45	22%

Tabela 20: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

A variante *futuro resultativo perifrástico estendido* não é estigmatizada nem emergente, o que se pode inferir pelo fato de não haver diferenças de uso entre homens e mulheres, baseados na hipótese de que os homens apresentam uma tendência a usarem mais livremente variantes estigmatizadas e inovadoras, fato que pode ser comparado com

os dados da tabela 21 que apresenta, em termos percentuais, a variação entre as faixas-etárias controladas nesta pesquisa. Há uma tendência a se inibir o uso de *futuro resultativo perifrástico estendido* em relação a *futuro resultativo simples*, cujos percentuais de uso são de 25% e 22% para masculino e feminino, respectivamente.

Faixa-etária

A variante *futuro resultativo perifrástico estendido* apresenta comportamento diferente da variante *futuro médio perifrástico estendido*, em termos percentuais, conforme apresentamos na seção 6.3., na presença do grupo faixa-etária. Os dados da tabela 21 mostram que, comparados os percentuais entre as faixas-etárias I e II, não há uma diferença significativa de frequência de uso, ambos os percentuais mostram uma tendência a se inibir essa variante em dados de fala de vendedores e professores, nas faixas-etárias I (até 30 anos) e II (mais de 40 anos).

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Faixa-etária II	09/36	25%
Faixa-etária I	08/37	22%

Tabela 21: atuação do grupo de fatores faixa-etária no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Verifiquemos, agora, os resultados provenientes da segunda rodada estatística que desconsiderou o grupo de fatores sexo, para que os dados de operadores de *telemarketing* pudessem ser considerados. Foram estatisticamente significativos os seguintes grupos de fatores em ordem de relevância: marca de tempo futuro e profissão.

Marca de tempo futuro

Esse grupo confirma-se como relevante para maior frequência de uso de *futuro perifrástico estendido*, confirmado, nas duas rodadas estatísticas, a mesma significância em termos de percentuais e peso relativo. Pode-se depreender, dessas duas rodadas, que o grupo marca de tempo futuro favorece fortemente a ocorrência de *futuro resultativo perifrástico estendido* em relação ao *simples*, e, mais que isso, mostrou-se significativo para a frequência de perífrases estendidas em todas as rodadas estatísticas. Esse fato confirma o que temos sugerido que as perífrases estendidas tendem a co-ocorrer com uma marca de tempo futuro, diferentemente de nossa hipótese inicial pela qual atribuíamos esse comportamento às perífrases simples. Não se trata apenas de garantia de interpretação de

tempo futuro, como pensávamos, mas de futuro mais definido (mais certo – perífrase simples) em relação ao menos definido (incerto – perífrase estendida). Esta última é que pressupõe a presença de uma marca de tempo futuro e não o primeira.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Presença da marca	8/17	47%	0,79
Ausência da marca	9/56	16%	0,40

Tabela 22: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Profissão

O grupo de fatores profissão apresentou-se significativo em todas as rodadas estatísticas para a compreensão da variação das perífrases gerundivas. Os dados da tabela 23 e 18 são diferentes quanto à influência do grupo profissão na frequência de *futuro resultativo estendido* em relação ao *simples*. A tabela 18 mostrou que vendedores favorecem ligeiramente essa variante, com peso relativo de 0,60, mas esse favorecimento é tende a enfraquece-se quando comparados os dados dos informantes das três profissões que constituem nosso *corpus*, em que vendedores apresentam peso relativo de 0,41. Vejamos a tabela seguinte.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Telemarketing	12/28	43%	0,78
Vendedores	03/19	16%	0,41
Professores	02/26	8%	0,25

Tabela 23: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Os operadores de *telemarketing* favorecem fortemente a ocorrência de *futuro resultativo estendido* em oposição ao *simples*, confirmando as previsões de serem as perífrases gerundivas estendidas as mais frequentes no discurso desses profissionais.

Como um dos nossos objetivos é percorrer os caminhos da variação e tentar diagnosticá-la mediante tratamento estatístico, a partir do controle de grupos de fatores, procedemos a um cruzamento de grupos de fatores sociais que são importantes para verificar os indícios, se há, de mudança em tempo aparente. Esse cruzamento de grupos de fatores é realizado pelo VARBRUL, que fornece, em uma tabela, números percentuais e proporcionais para revelar a significância desses grupos de fatores agindo juntos para o

favorecimento de uma variante em relação a uma outra. A tabela 24 mostra o cruzamento dos grupos de fatores faixa-etária e profissão sobre o favorecimento de *futuro resultativo perifrástico estendido* em relação a *futuro resultativo perifrástico simples*. Vejamos os dados resultantes desse cruzamento.

	faixa-etária I		faixa-etária II	
	Aplicação/Total	percentual	Aplicação/Total	percentual
Telemarketing	06/12	50%	06/16	38%
Professores	0/15	0%	02/11	18%
Vendedores	02/10	20%	01/09	11%

Tabela 24: cruzamento do grupo de fatores profissão com o grupo de fatores faixa-etária no uso de futuro resultativo perifrástico estendido em oposição a futuro resultativo perifrástico simples.

Podemos depreender, pelos dados da tabela 24, que a variação é mais expressiva, em termos percentuais, na faixa-etária mais jovem, principalmente nos dados de informantes do *telemarketing* e vendedores. Não é possível afirmar se se trata de uma mudança em tempo aparente, porque os resultados ainda são tímidos para uma afirmação dessa natureza, visto que a frequência das duas variantes em análise foi a mesma nos dados dos informantes do *telemarketing*, apontados como promotores das variantes com três verbos.

Temos apresentado até aqui os dados referentes à variação das perífrases de *futuro iminente*, *futuro médio* e *futuro resultativo*, tendo sido confirmadas a hipótese de que os informantes do *telemarketing* são os que mais utilizam as variantes como três verbos (*futuro iminente perifrástico estendido*, *futuro médio perifrástico estendido* e *futuro resultativo estendido*), em oposição às *variantes simples*, e de que essas mesmas variantes são encontradas, mesmo que em menor frequência, em dados de fala de vendedores (com tendência a promover o uso) e professores (com tendência a inibir o uso).

Embora, nesta pesquisa a variante denominada *gerundismo* tenha sido identificada como uma variante de *futuro médio perifrástico estendido*, faz-se necessário estudá-la em separado, para verificarmos se diferenças na atuação dos grupos de fatores. Trataremos disso na próxima seção.

6.5. Gerundismo

Como a variante denominada *gerundismo* tem sido alvo de polêmicas na mídia e recebeu, nesta dissertação, a dedicação de um capítulo inteiro que procurou descrever o seu

contexto de uso, reconhecendo-a como variante na codificação de *tempo futuro*, mais especificamente, de *futuro médio perifrástico*, decidimos analisá-la separadamente nesta seção.

Para isso, tomamos as 103 ocorrências de *futuro médio perifrástico estendido*, e as submetemos a um novo tratamento estatístico no programa VARBRUL, dividindo-as em variantes binárias:

a) *gerundismo* – aquelas ocorrências que obedeciam aos critérios sugeridos no capítulo II, conforme o exemplo (54).

(54) muita coisa pode mudar e de repente eles VÃO TA ACEITANDO. (*corpus Torres*)

b) *não-gerundismo* – aquelas ocorrências que não se enquadravam nos critérios sugeridos no capítulo II, conforme exemplo (55).

(55) Acho que a partir daí as grandes potências do mundo VÃO FICAR OLHANDO meio que oh o Brasil existe mesmo. (*corpus Torres*)

Quanto ao tratamento estatístico, procedemos a duas rodadas estatísticas diferentes, obedecendo aos mesmos procedimentos metodológicos das seções anteriores, dada a peculiaridade do *corpus* quanto à quantidade de informantes operadores de *telemarketing*. A primeira rodada descarta os dados de fala desses profissionais, permitindo-nos verificar a atuação de todos os grupos de fatores, exceto o fator *telemarketing* no grupo de fatores profissão. A segunda descarta o grupo de fatores sexo para que sejam estatisticamente considerados os dados provenientes do *telemarketing*, mesmo sendo inferior a quantidade de informantes. A justificativa para esses procedimentos foi discutida no início deste capítulo.

Os grupos de fatores selecionados pelo programa varbrul, em ordem decrescente de relevância estatística, para explicar a frequência de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo* foram: *verbo da primeira posição* e *profissão*.

Verbo da primeira posição

O tipo de verbo que ocorre na primeira posição foi um critério importante para a definição de *gerundismo* e a relevância desse grupo de fatores foi confirmada pelo programa estatístico tendo sido o primeiro o grupo a ser selecionado. Os dados da tabela 25 mostram que verbos modais favorecem a ocorrência de *gerundismo*, cujo peso relativo fornecido foi 0,78. Os verbos modais são bastante produtivos, no que se refere à frequência de *gerundismo*, mas pelos critérios estabelecidos no capítulo II, em natureza escalar da perífrase mais representativa de *gerundismo* para a menos representativa, os verbos modais aparecem em segunda posição. Vejamos a tabela seguinte.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Modal	25/27	93%	0,78
Auxiliar	54/76	71%	0,39

Tabela 25: atuação do grupo de fator *tipo de verbo da primeira posição no uso de gerundismo em oposição ao uso de não-gerundismo.*

Como o *gerundismo*, segundo a definição proposta nesta dissertação, expressa um estado de coisas possível, ou seja, não expressa uma certeza, mas uma promessa, uma possibilidade de um determinado estado de coisas acontecer, o esperado era que verbos modais favorecessem a frequência de *gerundismo*, hipótese confirmada pelos dados da tabela 25. Retomaremos essa discussão na análise da tabela 34.

Profissão

Observando-se os resultados da tabela a seguir, há uma leve diferença em relação aos dados da tabela 10 que trata de *futuro médio perifrástico*. O *futuro médio perifrástico estendido* foi flagrado como mais frequente em dados de fala de vendedores, em relação aos dados de fala de professores, embora não tenha sido possível se identificar favorecimento dessa variante na fala desses profissionais, já que o peso relativo foi 0,56. Os dados da tabela 26 mostram valores diferentes, quando consideramos apenas os dados de *futuro médio perifrástico estendido*, subdividindo em *gerundismo* e *não-gerundismo*, em que se apresenta um peso relativo de 0,57 para professores e 0,44 para vendedores, havendo mais ocorrências de *gerundismo* nos dados de fala de professores que nos de vendedores, conforme podemos observar a seguir.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Professores	20/27	74%	0,57

Vendedores	20/23	61%	0,44
-------------------	-------	-----	------

Tabela 26: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Esse resultado contribui para a hipótese que levantamos na seção anterior de que os professores estão inseridos numa realidade que lhes permite interagir com vários registros linguísticos diferentes, o que explicaria a grande quantidade de dados de uma variante socialmente estigmatizada no discurso desses profissionais. Contudo, só com uma quantidade maior de dados seria possível atribuir um possível favorecimento da variante denominada *gerundismo* em dados de fala desses profissionais. Esses resultados poderão ser comparados aos resultados seguintes, quando serão analisadas as três profissões.

Na segunda rodada estatística realizada no VARBRUL, quando foram considerados os dados de operadores de *telemarketing* e desconsiderado o grupo de fatores sexo, os grupos de fatores que se mostraram estatisticamente significativos foram os seguintes: *profissão* e *tipo de verbo da primeira posição*.

profissão

A segunda rodada estatística confirmou os operadores de *telemarketing* como os favorecedores da frequência de uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*, conforme demonstrado na tabela 27.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
<i>Telemarketing</i>	39/43	91%	0,72
Professores	20/27	74%	0,40
Vendedores	20/33	61%	0,29

Tabela 27: atuação do grupo de fatores *profissão* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Essa tabela apresenta os vendedores e os professores como inibidores da frequência de *gerundismo* e uma maior quantidade de dados na fala de professores, fato que pode ser explicado pelo cruzamento dos dois grupos de fatores mais importantes para definição de *gerundismo* e relevantes para a sua frequência, *tipo de verbo da primeira posição* e *profissão*, cruzados na tabela 34.

Tipo de verbo da primeira posição

A presença de verbos modais em perífrases de futuro médio estendido é um fator importante para a frequência de *gerundismo*, cujo peso relativo atribuído pelo programa foi

de 0,78. Pode-se afirmar, em se tratando de *gerundismo*, que a presença de verbos auxiliares, em perífrases gerundivas com três verbos que codificam o tempo futuro, não garante que essa construção seja identificada como *gerundismo*, mas, no caso dos verbos modais, eles contribuem em 93% dos casos analisados, conforme a tabela 28.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Modal	25/27	93%	0,78
Auxiliar	54/76	71%	0,39

Tabela 28: atuação do grupo de fatores *tipo de verbo da primeira posição* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Passemos, agora, a discutir os resultados percentuais dos grupos não selecionados pelo programa VARBRUL. A discussão dos resultados percentuais é importante também para se verificar a pertinência ou não da escolha e controle de determinados grupos de fatores para se avaliar o comportamento das variantes. Embora não lhes tenha sido atribuído peso relativo pelo programa estatístico, os grupos de fatores podem revelar pela quantidade de dados e pelos percentuais, tendências que nos permitem fazer generalizações sobre o comportamento das variantes ou propor que sejam organizadas outras pesquisas e controlados novos grupos de fatores.

Sexo

Há uma leve diferença percentual entre os dados de masculino e feminino em favorecimento da variante considerada *gerundismo*. Mas essa diferença, considerando os dados de *gerundismo* e *não gerundismo*, ainda é insuficiente para se afirmar que masculino favorece o uso de *gerundismo*. Contudo, se considerados os resultados referentes a esse grupo de fatores em *futuro médio perifrástico*, em que o fator sexo masculino favoreceu a perífrase *futuro médio estendido*, pode-se dizer que há uma tendência, embora leve e em termos percentuais, ao favorecimento de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo* pelo fator sexo masculino, confirmando a hipótese de que os informantes do sexo masculino usam mais livremente as variantes estigmatizadas.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Masculino	54/67	81%
Feminino	25/36	69%

Tabela 29: atuação do grupo de fatores *sexo* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Modalidade

Esperava-se que o fator *irrealis 3*, por denotar mais incerteza sobre um evento futuro, pudesse favorecer o uso de *gerundismo*, fato que não se confirma pelos índices percentuais. Atribuímos esse comportamento ao fato de o tempo futuro ser, por natureza, um evento *irrealis*, nos termos de Givón (1995).

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
<i>Irrealis 3</i>	15/19	79%
<i>Irrealis 1</i>	61/79	77%
<i>Irrealis 2</i>	03/05	60%

Tabela 30: atuação do grupo de fatores *modalidade* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Ao que parece, a avaliação que o falante faz sobre a incerteza de um evento futuro expresso por perífrases gerundivas é, também, de natureza variável, de forma que a escolha de itens linguísticos, além das perífrases que demonstrem esses graus de incerteza, não parece interferir na frequência dessas variantes.

Marca de tempo futuro

A presença da marca favoreceu a ocorrência de *futuro médio e futuro resultativo perifrásticos estendidos* em oposição ao *simples*, mas, em se tratando de *gerundismo*, a presença ou ausência da marca de tempo futuro não se mostrou estatisticamente significativa, apresentando-se, conforme os dados da tabela 31, frequência praticamente idêntica.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Ausência da marca	30/36	83%
Presença da marca	49/67	73%

Tabela 31: atuação do grupo de fatores *marca de tempo futuro* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

A nossa hipótese era de que o *gerundismo* fosse favorecido pela atuação do fator *ausência da marca* de tempo futuro. Contudo, contribui para o fracasso dessa hipótese o fato de a *presença da marca* contribuir para a ocorrência de perífrases com três verbos, como foi verificado estatisticamente nos casos de *futuro médio e resultativo*. De fato, a ocorrência de *gerundismo*, em contextos em que não havia uma marca explícita de tempo futuro, foi ligeiramente superior a *não-gerundismo*, o que não parece ser suficiente para confirmar nossa hipótese.

Pessoa do discurso

Esse grupo de fatores mostrou uma distribuição, em termos de frequência, praticamente idêntica em se tratando da ocorrência de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*. A nossa hipótese era de que enunciados que tivessem como sujeito um não-locutor favorecessem a ocorrência de gerundismo, em que a responsabilidade pela realização de um evento futuro não seria atribuída ao locutor. O *gerundismo* é ligeiramente mais frequente na presença do fator *não-locutor*, mas os percentuais são insuficientes para uma possível generalização sobre a ocorrência dessa variante na presença desse fator. Vejamos os resultados na tabela 32.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Não-locutor	74/95	78%
Locutor	05/08	63%

Tabela 32: atuação do grupo de fatores *pessoa do discurso* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Faixa-etária

Embora os percentuais mostrem que maior frequência de uso de *gerundismo* em informantes da primeira faixa-etária, os resultados não são suficientes para se dizer se se trata de uma mudança em tempo aparente. Esse resultado pode ser explicado pelo fato de o fenômeno ainda ser recente no português contemporâneo, o que não invalida as hipóteses discutidas, no capítulo II, sobre o possível surgimento do fenômeno na língua, nem desmerece a afirmação feita por Torres (2008) de que o uso de perífrases gerundivas no português de Fortaleza, expressando tempo futuro, foi flagrado em dados de fala da década de 90.

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Faixa-etária I	53/65	82%
Faixa-etária II	26/38	68%

Tabela 33: atuação do grupo de fatores *faixa-etária* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

A influência de verbos modais na ocorrência de *gerundismo* instigou-nos a fazer um cruzamento de dois grupos de fatores: profissão e tipo de verbo da primeira posição, especificados na tabela 34.

	Auxiliar		Modal	
	Aplicação/Total	Percentual	Aplicação/Total	Percentual
Telemarketing	28/32	88%	11/11	100%
Professores	11/18	61%	09/09	100%
Vendedores	15/26	58%	05/07	71%

Tabela 34: cruzamento dos grupos de fatores *profissão* com *tipo de verbo da primeira posição* no uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo*.

Como podemos observar, o fator *verbo modal* contribui categoricamente nos dados de fala de vendedores e professores para a caracterização de *gerundismo*. Nos dados dos operadores de *telemarketing*, das 32 ocorrências de *futuro médio perifrástico estendido* com verbo auxiliar na primeira posição, 28 são de *gerundismo*; mas das 11 ocorrências com verbo modal na primeira posição, todas configuram *gerundismo*. Nos dados dos professores, das 18 ocorrências de *futuro médio perifrástico estendido* com verbos auxiliares na primeira posição, 11 são *gerundismo*. Nos dados de vendedores, das 26 ocorrências de *futuro médio perifrástico estendido* com verbos auxiliares na primeira posição, 15 caracterizam *gerundismo*, mas das 07 ocorrências de *futuro médio perifrástico estendido* com verbos modais na primeira posição, 05 são *gerundismo*.

6.6. Retomando os pressupostos teóricos

Retomemos, agora, os pressupostos teóricos em que esta pesquisa se baseia e as discussões feitas ao longo do trabalho, que permitiram compreender o comportamento do fenômeno em estudo: variação das perífrases gerundivas na codificação de tempo futuro.

A codificação de tempo futuro por meio de perífrases gerundivas foi compreendida como uma macrofunção de tempo futuro formada por três subvariáveis, cada uma delas organizada em variantes binárias:

a) o futuro iminente perifrástico

(42) Com certeza muita gente mesmo muita gente confia na igreja e creio eu que CONTINUA MOLDANDO a sociedade sim. (*corpus* Torres) – *futuro iminente perifrástico simples*,

(43) Mas que já existia já existia sempre existiu e VAI CONTINUAR EXISTINDO. (*corpus* Torres) – *futuro iminente perifrástico estendido*;

b) o futuro médio perifrástico

(44) Vai acontecer sim eu creio que VAI DIMINUINDO o gelo né da parte fria e vai aumentar o nível do mar – *futuro médio perifrástico simples*

(45) Eu acho que no futuro vai ser mais liberado isso porque afinal a igreja VAI TA LUTANDO de qualquer maneira né. (*corpus Torres*) – *futuro médio perifrástico estendido*;

c) *o futuro resultativo perifrástico*

(46) Se a providência divina não vier antes a gente ACABA DANDO conta do resto e DESTRUINDO tudo. (*corpus Torres*) – *futuro resultativo perifrástico simples*,

(47) Eu acho que vai ficar pior sabe eu acho que as pessoas VÃO ACABAR FAZENDO. (*corpus Torres*) – *futuro resultativo perifrástico estendido*.

Os dados coletados para esta pesquisa contribuíram para ratificar um pressuposto, em que têm se baseado as pesquisas sociolinguísticas, desde seu início, de que as línguas estão constantemente em variação e que, na codificação de uma determinada função, duas ou mais formas travam, nas palavras de Tarallo (2005), um duelo sangrento de morte. Essa “luta”, que em nossa pesquisa não pressupôs a morte de nenhuma variante, pode ser observada mediante o controle de alguns fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem ou favorecem uma variante em relação à outra.

A expressão de tempo futuro por meio de perífrases gerundivas em Língua Portuguesa mostrou-se, pelos dados da pesquisa, um caso de variação estável. Por estabilidade da variação não estamos querendo dizer que as variantes duelaram ao extremo com as mesmas armas e, cansadas da luta, desistiram de medir forças e passaram a dividir o terreno em tranquilidade e paz. O fato de não podermos sugerir que se trata de uma mudança em tempo aparente não significa que o duelo vai se estender infinitamente ou que as forças entre as variantes estão equilibradas. A mudança em tempo aparente é observada via faixas-etárias. Se uma faixa-etária mais jovem utiliza em maior frequência uma determinada variante que também é utilizada por uma faixa-etária mais velha, porém em menor frequência, é permitido a afirmação de que o fenômeno está em variação e essa variação sugere uma mudança, *uma mudança em tempo aparente*, visto que os mais jovens ocuparão a segunda faixa-etária e a forma emergente tende a se estabilizar na primeira e

segunda faixas-etárias, e a forma conservadora tende a desaparecer juntamente com os falantes que a conservavam. Esse tipo de generalização é possível porque podemos fazer previsões sobre longevidade do ser humano, logo, se não existirem falantes para promoverem a variante conservadora, é possível que ela desapareça.

Contudo, não podemos afirmar categoricamente que uma forma desaparecerá, por isso o estudo em tempo aparente configura-se como um prognóstico sobre o comportamento futuro das variantes. A língua guarda resquícios de variantes linguísticas como uma escolha possível no sistema, tal que uma variante, mesmo que não tenha falantes para promovê-la, constitui material linguístico potencial que poderá ser acionado a qualquer momento e que será reconhecido como pertencente ao sistema linguístico.

A exemplo disso, podemos citar um caso extremamente raro que foi flagrado em nossa pesquisa. Conforme Menon (2004), havia, no português, a ocorrência do *duplo gerúndio*, em situações como a seguinte:

(56) *Estando-se barbeando D. Martinho da Costa, arcebispo de Lisboa, chegou um seu criado, ao qual perguntou que havia acontecido.*⁶⁷

O duplo gerúndio foi registrado, segundo a autora, no português trecentista e o exemplo acima foi retirado dos *Ditos* de Anchieta, já no português do século XVI. Um dos questionamentos feitos pela autora é se, de fato, o duplo gerúndio teria desaparecido, já que não o flagramos em textos escritos modernos nem o vemos contemplado nas gramáticas como possibilidade da língua.

O duplo gerúndio, embora tenha desaparecido, pelo menos aparentemente, continua como uma possibilidade na língua, muito embora seja raro, conforme exemplo a seguir:

(57) *Eles ESTÃO ACABANDO ENTRANDO no mundo do homossexualismo.*
(*corpus* Torres)

Conforme afirmamos no capítulo II, o registro da história da humanidade estaria comprometido, caso as línguas humanas não dispusessem de grande quantidade de

⁶⁷ Este exemplo foi citado por Menon (2004, p. 227)

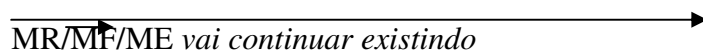
mecanismos para registrar os acontecimentos do passado, presente e futuro. A exemplo disso, pode-se citar o caso da Língua Portuguesa que dispõe de flexões verbais, advérbios e unidades de medida de tempo (dia, horas, minutos, segundos, etc) para registrar a relação entre o Tempo dos acontecimentos (tempo físico ou cronológico) e os tempos verbais que o expressam.

Em se tratando de línguas naturais, é comum imaginar-se que os eventos se realizam da esquerda (passado) para a direita (futuro), tomando como referência o momento de fala (MF), definido, por Fleischman (1982), como o ponto zero ou dêitico, que pode coincidir ou não com o momento de referência (MR), para o conteúdo proposicional da sentença. Os estudos da categoria tempo têm tomado os pontos de referência organizados por Reichenbach (1947) para uma interpretação linear de tempo: o momento de fala (MF), o momento de referência (MR) e o momento do evento (ME).

O tempo futuro pode ser definido, a partir dos pontos de referência de Reichenbach, como tempo verbal absoluto, que ocorre posteriormente ao momento de fala. No caso de codificação de tempo por perífrases gerundivas, essa noção de tempo absoluto não pode ser discreta, para abrigar os casos em que o tempo futuro incorpora o momento de fala, como é o caso da subvariável *futuro iminente*. Há de se tomar, então, a noção de tempo relativo-absoluto, discutida por Comrie (1990) para abrigar as noções de tempo codificada pelas variantes de *futuro iminente*. Os tempos relativo-absolutos são definidos como aqueles em que uma situação descrita pode ser localizada antes ou depois do ponto de referência, ou melhor, combinam noções de tempo absoluto e de tempo relativo. No caso de *futuro iminente*, o evento descrito pode ser localizado antes, concomitante e posterior ao momento de fala. Vejamos o exemplo:

(43) Mas que já *existia* já *existia* *sempre existiu* e *VAI CONTINUAR EXISTINDO*.
(*corpus* Torres).

Um diagrama que represente o exemplo acima, tomando os pontos de referência de Reichenbach, tem de levar em consideração essa peculiaridade de referência tripla que caracteriza o futuro iminente. Observemos:



tempo definido, não precisam atingir um clímax para que a ação descrita seja verdadeira; *achievements e accomplishments* tendem a ocorrer com *futuro resultativo* (por envolverem noções de tempos únicas e exclusivas); e *estados* tendem a ocorrer com futuro médio, já que envolvem noções de tempo indefinidas e não-exclusivas. Contudo, essas tendências não são discretas. *Atividades e achievements* podem ocorrer como *futuro médio* e caracterizar *gerundismo* (exemplos 31 e 32), retomados aqui:

(31) *O grande P. C. vai estar conversando com a gente!*

(32) *Eu posso estar marcando a consulta outro dia.*

Também são importantes, para esta pesquisa, os princípios givonianos de Iconicidade e Marcação. Givón (1990) apresenta-nos o princípio da Marcação, segundo o qual, as estruturas em qualquer língua podem ser agrupadas em duas categorias: a estrutura marcada e não-marcada. O linguista propõe os três princípios fundamentais da marcação:

a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a estrutura não-marcada;

b) distribuição de frequência: a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não-marcada;

c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente, por demandar mais esforço mental, mais atenção e mais tempo de processamento.

Esta dissertação tem como objeto de estudo perífrases complexas sob o ponto de vista estrutural e carece de uma discussão que tome como base os princípios funcionalistas de Iconicidade e Marcação para esclarecer os resultados alcançados nas seções anteriores. A concepção de marcação nos termos de Givón pressupõe primeiramente a noção de complexidade estrutural, segundo a qual a estrutura marcada tende a ser estruturalmente mais complexa que a estrutura não-marcada. Dessa forma, temos um problema na aplicação dos princípios de marcação para a compreensão do comportamento de nossas variantes, uma vez que, sob o ponto de vista da complexidade estrutural, as três subvariantes carregam a mesma peculiaridade, cada uma delas é constituída por uma variante de dois e três verbos. Contudo, há de se considerar que o conceito de marcação

está relacionado à distribuição da estrutura em termos de frequência. Não há dúvidas quanto à complexidade estrutural das variantes em estudo, mas não podemos dizer que se trata de estruturas marcadas, sem tecer outras considerações, visto que as variantes constituídas com três verbos são estruturalmente mais complexas que as constituídas com dois verbos.

A codificação de tempo futuro em Língua Portuguesa realiza-se por uma considerável quantidade de variantes e, sem dúvida, as perífrases gerundivas apresentam-se como as mais complexas do ponto de vista estrutural e, sob esse aspecto, podem ser consideradas como a estrutura marcada em relação a outras variantes (futuro simples, futuro perifrástico, etc.)⁶⁸ Levando-se em consideração a frequência de ocorrência das três subvariantes *futuro iminente*, *médio* e *resultativo*, podemos sugerir que o *futuro iminente* e o *resultativo*, em relação a *futuro médio*, apresentam-se como estruturas marcadas. Mas os critérios sugeridos por Givon também levam em conta, além da complexidade estrutural e da frequência, a complexidade cognitiva e a nossa afirmação tem de atender a esse critério.

As variantes estão distribuídas, em termos de frequência, da seguinte forma: a) houve 04 ocorrências de *futuro iminente perifrástico simples* e 23 ocorrências de *futuro iminente perifrástico estendido*, o que corresponde a percentuais de 15% e 85 % respectivamente; b) houve 181 ocorrências de *futuro médio perifrástico simples* e 103 de *futuro médio perifrástico estendido*, o que corresponde a percentuais de 64% e 36 % respectivamente e c) houve 56 ocorrências de *futuro resultativo perifrástico simples* e 17 ocorrências de *futuro resultativo perifrástico estendido*, o que corresponde a percentuais de 77 % e 23%, respectivamente. Os resultados confirmam as variantes *futuro médio perifrástico simples* e *futuro resultativo perifrástico simples* como as mais frequente em termos de ocorrências, o que nos permite considerá-las como estruturas não-marcadas. Contudo, em relação às variantes de *futuro iminente*, os resultados estão invertidos, havendo uma ocorrência bem maior da variante complexa, o que poderia contrapor o postulado givoniano. Propomos que o *futuro iminente* representa uma estrutura marcada e isso explicaria, em termos, a sua baixa ocorrência nos dados desta pesquisa, contudo a variante *futuro iminente perifrástico estendido* está se especializando na função de *futuro*

⁶⁸ Não vamos discutir aqui o princípio de marcação em relação a essas outras perífrases, porque não controlamos, em nosso *corpus*, a frequência delas.

iminente, cujos percentuais de uso nas duas faixas-etárias controladas foram 86% e 83%, respectivamente, e sob esse aspecto, pode ser visto como categoria não-marcada em relação a *futuro iminente perifrástico simples*.

O *futuro iminente* é um tempo verbal relativo-absoluto cuja significação tem referência localizada antes, concomitante e posterior ao momento de fala. Não se pode localizar um único ponto de referência para as situações descritas pelas variantes de futuro iminente: são situações iniciadas que perpassam o presente e, por isso, incorporam o momento de fala e tomam-no também como ponto de referência, e se prolongam no futuro. Retomemos o exemplo (43):

(43) Mas que já *existia* já *existia* *sempre existiu* e *VAI CONTINUAR EXISTINDO*.
(*corpus* Torres)

Tomemos apenas a ocorrência de futuro iminente *VAI CONTINUAR EXISTINDO*. O significado dessa perífrase é complexo por natureza. A situação descrita pela perífrase tem existência no momento de fala e essa existência se prolonga para além dele. Mas, tomado o contexto anterior, a situação passa a ter uma existência atemporal *existia, sempre existiu e vai continuar existindo*. Vejamos o diagrama a seguir.

.....—————→ *vai continuar existindo*⁶⁹

O *futuro médio* é, em relação ao futuro iminente e ao resultativo, a estrutura não-marcada. Contribui para essa afirmação o fato de o futuro médio ter sido, em nosso *corpus*, o mais produtivo entre as subvariantes, em termos de frequência. É também no contexto de uso de futuro médio que se insere a variante *gerundismo*. O *futuro médio*, dentre os três apresentados nesta pesquisa, é o que mais se aproxima das outras perífrases de futuro, sendo inclusive intercambiável, sem alterações de sentido, conforme exemplo (60). O mesmo não acontece com o *futuro resultativo* conforme exemplo (61) e com o *futuro iminente*, conforme exemplo (62), vistos como estruturas marcadas. Vejamos :

(60) Eu acho que no futuro vai ser mais liberado isso porque afinal a igreja *VAI TA LUTANDO* de qualquer maneira. (*corpus* Torres)

⁶⁹ A seta pontilhada significa que não se sabe, com exatidão, o início do evento que se prolonga no futuro.

...a igreja *vai lutar* de qualquer maneira.

...a igreja *irá lutar* de qualquer maneira.

...a igreja *lutará* de qualquer maneira.

...a igreja *há de lutar* de qualquer maneira.

...a igreja *luta* de qualquer maneira.

(61) Se não cuidarem aqui VAI ACABAR PERDENDO esse título.

... *acabará* perdendo esse título.

... *acaba perdendo* esse título.

... *vai perder* esse título.(?)

... *perderá* esse título. (?)

... *há de perder* esse título.(?)

... *perde* esse título. (?)

(62) Eles VÃO CONTINUAR USANDO quer você puna quer você não puna.

(*corpus* Torres).

... *continuam usando*

... *continuarão usando*

... *irão continuar usando*

... *usam* (?)

... *usarão* (?)

... *vão usar* (?)

... *irão usar* (?)

... *hãõ de usar* (?)

Tanto o *futuro iminente* quanto o *futuro resultativo* acontecem em contextos específicos de uso, e não permitem, como o *futuro médio*, que suas formas sejam substituídas por outras formas de tempo futuro disponíveis. Propomos, assim, que as variantes de *futuro médio* são estruturas não-marcadas, cuja competição com as outras variantes de tempo futuro, até mesmo aquelas que não são constituídas por perífrases gerundivas, está em estágio mais avançado, e suas variantes são intercambiáveis sem mudanças de sentido. Isso ajuda a compreender a grande frequência de ocorrência de futuro médio em nosso *corpus*.

Givón (1990) também institui o princípio da Iconicidade, que se desdobra em três subprincípios:

a) quantidade: quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de material linguístico, ou seja, a complexidade no plano do conteúdo tende a se refletir na complexidade do plano da expressão;

b) integração ou proximidade: conteúdos cognitivamente mais próximos também estarão mais integrados no nível de codificação – o que está cognitivamente próximo tende a colocar-se sintaticamente próximo;

c) ordenação sequencial linear: a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante, ou seja, a informação mais importante tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática.

Quanto ao subprincípio da quantidade, há de se considerar as diferenças estruturais entre as perífrases gerundivas que codificam tempo futuro. Vimos, conforme discussão apresentada no capítulo II, que as perífrases gerundivas com três verbos apresentam-se como alternativas para o falante expressar mais informações em enunciados que codificam o futuro, o que é estruturalmente inviável pelas formas simples e pelas perífrases com dois verbos. Retomemos os exemplos (18), (19) e (20).

(18) *Eu ligarei para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(19) *Eu vou ligar para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(20) *Eu vou estar ligando para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

(63) *Estou ligando para a senhora na segunda-feira* (se for possível, se o telefone estiver funcionando, se eu estiver trabalhando, se meu chefe autorizar etc).

O que propusemos, no capítulo II, quanto a exemplos como (18), (19) foi que eles codificam futuro com um maior grau de certeza que o exemplo (20), mas, por outro lado, se quiséssemos expressar o conteúdo que está entre os parênteses teríamos de escrever todo o conteúdo dos parênteses, o que não nos parece necessário quando empregamos as perífrases gerundivas com três verbos como em (20). As perífrases com dois verbos, exemplo (63), parecem ter comportamento análogo às perífrases dos exemplos (18) e (19).

Antes de tecermos considerações sobre o princípio da proximidade, faz-se necessário lembrar que o falante de Língua Portuguesa dispõe de uma grande quantidade de variantes para construir seus enunciados em tempo futuro, de forma que a escolha por perífrases gerundivas pressupõe *tempo futuro + duratividade*, o que nos leva a sugerir que essas categorias estão cognitivamente próximas quando a intenção é produzir *eventos futuros durativos*, havendo uma forte tendência a se manterem os três verbos integrados, sem material linguístico interveniente. Vejamos:

(64a) Nas próximas décadas, a tecnologia VAI CONTINUAR EVOLUINDO.

(64 b) *A tecnologia vai, nas próximas décadas, continuar evoluindo.*

(64 c) *A tecnologia vai continuar, nas próximas décadas, evoluindo.*

(65 a) Nas próximas décadas, você VAI ESTAR COMPRANDO água potável.

(65 b) *Você vai, nas próximas décadas, estar comprando água potável.*

(65 c) *Você vai estar, nas próximas décadas, comprando água potável.*

(66 a) Nas próximas décadas, os bandidos VÃO ACABAR REAGINDO contra os policiais.

(66 b) *Os bandidos vão, nas próximas décadas, acabar reagindo contra os policiais.*

(66 c) *Os bandidos vão acabar, nas próximas décadas, reagindo contra os policiais.*

Em (b-c) a intervenção da expressão *nas próximas décadas* torna os enunciados esdrúxulos, truncados, forçados, cuja interpretação da intenção do enunciador demanda mais atenção e esforço cognitivo que em (a).

A expressão de tempo futuro por perífrases gerundivas pressupõe diferentes graus de duratividade, do que decorre a subdivisão de uma macrofunção de *futuro durativo* nas subvariantes que a codificam diferentemente, enfatizando o evento durativo com base em seu início, em seu meio ou em seu término. A função que essas formas linguísticas podem assumir tornou-se elemento central nesta dissertação, constituindo-se mecanismo de organização das subvariáveis e subvariantes analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DO CAPÍTULO

Neste capítulo, apresentamos a análise dos 384 dados de perífrases gerundivas, que constituem a amostra para esta pesquisa. Os dados foram submetidos ao programa estatístico VARBRUL e os resultados demonstram que a frequência de uso de perífrases gerundivas codificando tempo futuro é condicionada por fatores extralinguísticos como o sexo e a profissão dos falantes e por fatores linguísticos como o tipo do verbo (auxiliar ou modal) e presença de uma marca de tempo futuro.

Apresentamos, também, uma discussão sobre os pressupostos teóricos que guiaram esta pesquisa e que ajudaram a compreender o comportamento do fenômeno em análise: a expressão de tempo futuro por meio de perífrases gerundivas.

CONCLUSÕES

Esta dissertação tratou da variação das perífrases gerundivas na codificação de tempo futuro no português de Fortaleza, a partir de *corpus* constituído para este fim, por meio de entrevistas sociolinguísticas, com dados de fala de informantes de três diferentes áreas de atuação: vendedores, professores e operadores de *telemarketing*.

A variação de tempo futuro por meio de perífrases gerundivas foi identificada como uma macrofunção de tempo futuro que pode ser dividida em microvariáveis ou subvariáveis: *o futuro iminente perifrástico*, identificado como codificando um evento durativo que incorpora o momento de fala e se desenvolve no futuro, com ênfase no início da duração; *o futuro médio perifrástico*, identificado como um evento posterior ao momento de fala, sem definições explícitas de seu início e término e *o futuro resultativo perifrástico*, identificado como codificando um evento que ocorre à direita do momento de fala, com ênfase em seu término.

Cada subvariável foi dividida em variantes binárias e submetida a tratamento estatístico no programa VARBRUL para que se verificassem a frequência de uso, condicionamentos linguísticos e extralinguísticos e mudança em tempo aparente nas formas de codificação de tempo futuro para uma e outra variante.

A variante denominada *gerundismo* recebeu tratamento neste trabalho, visto que foram sugeridos critérios para sua definição, discutidas hipóteses sobre seu aparecimento no português contemporâneo e foi submetida a tratamento estatístico específico porque, mesmo sendo identificada como variante de *futuro médio perifrástico*, não pode ser confundida com as outras variantes dessa subvariável, tendo em vista os critérios sugeridos para sua definição: forma, aspecto, modalidade e natureza temporal.

O futuro iminente teve baixa frequência de ocorrência se comparado a frequência de *futuro médio e resultativo*, possivelmente, devido a seu comportamento peculiar de expressar eventos futuros que têm como base uma realidade concreta, eventos que se desenvolvem progressivamente no tempo, o que é raro na realidade extralinguística.

Quanto ao *futuro médio perifrástico*, os resultados apontaram que o uso da variante *futuro médio perifrástico estendido* em oposição a *futuro médio simples* é favorecido a) pelo fator *sexo masculino* confirmando a hipótese de que os falantes do sexo masculino usam mais livremente as variantes consideradas emergentes e menos prestigiadas; b) pela *presença* de uma marca de tempo para garantir uma interpretação de tempo futuro, havendo uma tendência a co-ocorrerem com as perífrases estendidas, c) por *operadores de telemarketing*, neutralizado por *vendedores* e inibido por *professores*, confirmando a hipótese de que as perífrases gerundivas estendidas, entre elas o *gerundismo*, não são exclusividade dos operadores de *telemarketing*.

Quanto ao *futuro resultativo perifrástico estendido*, os resultados demonstraram que a) a *presença* da marca de tempo futuro favorece a frequência de uso dessa variante *futuro resultativo perifrástico estendido* em relação a *futuro perifrástico simples*, confirmando a tendência de as perífrases estendidas co-ocorrerem com marcas de tempo futuro, b) os *operadores de telemarketing* favorecem fortemente a ocorrência de *futuro resultativo estendido* em oposição ao *simples*, confirmando as previsões de serem as perífrases gerundivas estendidas as mais frequentes no discurso desses profissionais.

Quanto ao *gerundismo*, a) *verbos modais* são favorecedores da frequência de *gerundismo*, alinhando-se aos critérios de definição propostos no capítulo II, desta pesquisa e à afirmação de que o *gerundismo* expressa um estado de coisas possível, caracterizando-se como um enunciado que não expressa uma certeza, mas a possibilidade de um determinado estado de coisas acontecer; b) os *operadores de telemarketing* são favorecedores da frequência de uso de *gerundismo* em oposição a *não-gerundismo* e mostraram-se como os profissionais que mais utilizam as perífrases mais complexas (com três verbos) em todas as suvariáveis estudadas.

Contudo, os resultados alcançados por esta pesquisa não esgotam as possibilidades de se pesquisar a ocorrência de gerúndio na expressão de tempo futuro, visto que nossa regra variável é um recorte das muitas possibilidades de codificação dessa função em Língua Portuguesa.

Merecem estudo outras ocorrências de gerúndio, codificando tempo futuro, encontradas em nosso *corpus* que não foram contempladas, por não se encaixarem em nossa regra variável, como os casos de: a) futuro do pretérito do indicativo (Tem pacientes

que *PODERIAM TA INDO* para um posto); b) presente do subjuntivo (Eu espero que a igreja *CONTINUE BATENDO* de frente); c) futuro expresso por orações reduzidas (Difícilmente você vai encontrar um grupo de jovens *BRIGANDO* por causa da carteirinha de um porque eles já receberam) e d) aqueles casos que expressam finalidade (Pretendo neste próximo semestre começar uma faculdade pra TA *MELHORANDO* meu currículo pra TA *CRESCENDO* mais).

O estudo da variação das formas de tempo apresenta-se, assim, como ferramenta importante para compreender o funcionamento da Língua Portuguesa. Conceber a língua como variável e heterogênea é também aceitar o pressuposto de que as manifestações variáveis dessa língua são legítimas, previsíveis e sistematizáveis. Esperamos que esta pesquisa tenha dado sua contribuição para a compreensão do comportamento das perífrases gerundivas e para a diminuição do preconceito linguístico, alinhando-se a outras pesquisas que trataram de tempo futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In.: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAGNO, M. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- _____. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In. BAGNO, Marcos, GAGNÈ, Gilles e STUBBS, Michael. **Língua Materna: letramento, variação & ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.p. 13-82.
- BARBOSA, Jeronymo Soares. **Gramática Philosophica da Língua Portuguesa**. 2 ed. Lisboa: Lisboa. 1830.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Ver. e amp. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- BEVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1990.
- CALVET, Louis-Jean (2002). **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcus Marcionilo. São Paulo: Parábola.
- CAMACHO, Roberto Gomes (2001). In.: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez.
- COAN, Márluce. **As categorias tempo, aspecto, modalidade e referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlações entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- COAN et al. As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **Estudos Linguísticos**. Vol. XXXV, 2006, (p. 1463 – 1472).
- COMRIE, Bernard. **Aspect**. 3 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- _____. **Tense**. 4 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

- CORÔA, M. L. M. S. **O Tempo nos Verbos do Português**: uma introdução a sua interpretação semântica. Brasília: 1985.
- CUNHA, Celso F. **Gramática da Língua Portuguesa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIÁRIO OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL, Ano XLI, Nº188. Disponível em: <<http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2007/09_Setembro/DODF%20188%2028-09-2007/Seção01-%20188.pdf>>.
- DUBOIS, J. Competing Motivations. In: HAIMAN, John (org.). **Typological Studies in Language**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1984. (p. 229-240).
- ENÇ, M. Tense and Modality. In: TAPPIN, S. **Contemporary Semantic Theory**. London: Blackwell, 1996. (p. 145-358)
- FARACO, C. A . **Estrangeirismos – guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- FIGUEROA, E. **Sociolinguistic Metatheory**. Language & Communication Library, Vol. 14. Oxford: Pergamon, 1996.
- FIORIN, José Luiz. Do Tempo. **As Astúcias da Enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996. (p.127-255).
- _____. Os aldrovandos Cantagalos e o preconceito lingüístico. In: SILVA, Fábio Lopes, e MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **O Direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis, SC: Insular, 2002. p.23- 37.
- FLEISCHMAN, Suzanne. **The future in thought and language**. New York: Cambridge University Press, 1982.
- FREIRE, Ricardo. Manifesto Antigerundista. Disponível em <<<http://www.scrittaonline.com.br/imprimir.php?id=1>>> acesso em 03 de maio de 2007.
- FREIRE, Ricardo. Em 2004, *Gerundismo Zero*. Disponível em <<<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT650957-2845,00.html>>> acesso em 19 de junho de 2007.
- GIBBON, Adriana de Oliveira. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. 2000. Dissertação (Mestrado em

Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979a.

_____. **Discourse and Syntax, Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1979b.

_____. Tense – Aspect – Modality. In: **Syntax: a functional – typological introduction**. Vol. 1, Amsterdam/ Philadelphia: J Benjamins, 1984

_____. **Syntax: a functional - typological introduction**. V. II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1990.

_____. **Functionalism and grammar: a prospectus**. University of Oregon, 1991a.

_____. **Isomorphism in the grammatical code: cognitive and biological considerations**. Studies in language. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1991b.

_____. Verbal Inflections: Tense, Aspect, Modality and Negation. In: **English Grammar: a functional-based introduction**. Vol I e II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1993.

_____. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co, 1995.

_____. **Syntax: an introduction**. Vol 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 2001.

HATTNER et ali. Uma Investigação Funcionalista da Modalidade Epistêmica. In.: Neves, M. H. de M. **Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa** (org). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.:Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Where does the Linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. Sociolinguistic. **Working Paper**, 44. Texas, 1978.

_____. **Principles of Linguistic Change: Internal Factors**. Cambridge, MA: Blackwell, 1994.

_____. **Principles of Linguistic Change: Social Factors**. Massachussets: Blackwell, 2001.

- LEITE, M. Q. **Preconceito e Intolerância na Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LUFT, C. P. **Gramática Resumida**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977
- MENON, O. P. S. *Gerundismo?* In.: **Lingua(gem)**, V. 1, N. 2, 2004 (p. 191-236)
- NARO, A. J. “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”. In: Mollica (org.), **Introdução à Sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- NEVES, M. H. M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Que gramática estudar na escola?** 3ª ed. - São Paulo: Contexto, 2006.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. **Annual Review Anthropology**. California: University of California, 1984. (p.97-117).
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da Língua Portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. Tese de doutorado – Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.
- PAREDES DA SILVA, V. L. A abordagem laboviana. Mesa redonda. Os estudos de variação no Brasil: situação atual. **Anais do VII Encontro Nacional da ANPOLL**. Goiânia, 1993.
- PEREIRA JR, Luiz Costa. O Gerúndio é só o Pretexto. **Revista Língua**. São Paulo, ano I, nº I, p. 20-25, 2005.
- PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português**. São Paulo: Ática, 1995.
- PEZATTI, Erotilde G. O Funcionalismo em linguística. In.: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna C. (orgs) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PINTZUK, S. **Programas VARBRUL**. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.
- POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- POSSENTI, Sírio. Quem é o Bocó? Disponível em <www.novomilenio.mf.br/idioma/20010405ahtm>> acesso em 12 jul. 2003.
- REICHENBACH, Hans. **Elements of Symbolic Logic**. New York: Macmillan Company, 1947.

- ROCHA LIMA. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa** (41ed.). Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- SOUSA, M. M. Fernandes de. **O Aspecto Verbal nas Formas Perifrásticas do Português Oral Culto de Fortaleza**. 1998. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza.
- VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967. (p.97-121).
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SANTOS, Patrícia T. de A. **Só um instante, senhora, que eu vou tá verificando se o livro tá disponível na editora: gerundismo, preconceito e a expansão da mudança**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- SCHERRE, M. M. P. **Doa-se Lindos Filhotes de Poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005
- TAFNER, Elisabeth Penzlien. **As formas verbais de futuridade em sessões plenárias: uma abordagem sociofuncionalista**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2005.
- TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- TORRES, Fábio Fernandes. O gerúndio na expressão de tempo futuro no português oral culto de fortaleza. In.: HORA, Dermeval da. (org.) **ABRALIN em Cena Piauí**. João Pessoa: Idéia, 2008.
- WEIREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

ANEXOS

Manifesto antigerundista

Para você estar passando adiante

RICARDO FREIRE

(Xongas publicada originalmente no Jornal da Tarde, em 16/2/2001)

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o futuro do gerúndio.

Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela Internet. O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando.

Sinta-se livre para estar fazendo tantas cópias quantas você vá estar achando necessárias, de modo a estar atingindo o maior número de pessoas infectadas por esta epidemia de transmissão oral.

Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha nas pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo.

Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim!, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito.

Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho.

Sinceramente: nossa paciência está estando a ponto de estar estourando. O próximo “Eu vou estar transferindo a sua ligação” que eu vá estar ouvindo pode estar provocando alguma reação violenta da minha parte. Eu não vou estar me responsabilizando pelos meus atos.

As pessoas precisam estar entendendo a maneira como esse vício maldito conseguiu estar entrando na linguagem do dia-a-dia.

Tudo começou a estar acontecendo quando alguém precisou estar traduzindo manuais de atendimento por *telemarketing*. Daí a estar pensando que “We’ll be sending it tomorrow” possa estar tendo o mesmo significado que “Nós vamos estar mandando isso amanhã” acabou por estar sendo só um passo.

Pouco a pouco a coisa deixou de estar acontecendo apenas no âmbito dos atendentes de *telemarketing* para estar ganhando os escritórios. Todo mundo passou a estar marcando reuniões, a estar considerando pedidos e a estar retornando ligações.

A gravidade da situação só começou a estar se evidenciando quando o diálogo mais coloquial demonstrou estar sendo invadido inapelavelmente pelo futuro do gerúndio.

A primeira pessoa que inventou de estar falando “Eu vou tá pensando no seu caso” sem querer acabou por estar escancarando uma porta para essa infelicidade linguística estar se instalando nas ruas e estar entrando em nossas vidas.

Você certamente já deve ter estado estando a estar ouvindo coisas como “O que você vai tá fazendo domingo?”, ou “Quando que você vai tá viajando pra praia?”, ou “Me espera, que eu vou tá te ligando assim que eu chegar em casa”

Deus. O que a gente pode tá fazendo pra que as pessoas sejam entendendo o que esse negócio pode tá provocando no cérebro das novas gerações?

A única solução vai estar sendo submeter o futuro do gerúndio à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhas contagiosos, como o “a nível de”, o “enquanto”, o “pra se ter uma idéia” e outros menos votados.

A nível de linguagem, enquanto pessoa, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?

Disponível em <<
http://www.freires.com.br/materias.asp?qual=4&materia_id=24>> Acesso em 30.11.2008

Em 2004, gerundismo zero!

RICARDO FREIRE

As reformas passaram. Os juros começaram a cair. A indústria voltou a contratar. As vendas melhoraram um pouquinho. Já dá para comemorar? Não. Existe um grande perigo por trás de tudo isso. O quê? Não, não é a volta da inflação. Refiro-me à bolha do *gerundismo*.

Pense bem: quanto maior é a atividade econômica, mais negócios são fechados. Mais telefonemas são dados. Como consequência, mais gente tem a oportunidade de dizer coisas como: 'Nós vamos estar analisando os seus dados e vamos estar dando um retorno assim que possível'. Ou: 'Pra sua encomenda tá podendo tá sendo entregue, o senhor precisa tá deixando o nome de uma pessoa pra tá recebendo pelo senhor'.

Pára! Pára tudo! Não é para isso que a gente se sacrificou este ano inteiro. Crescimento, sim. *Gerundismo*, não! Mais do que nunca, precisamos nos mobilizar. Cada um de nós deve ser um agente sanitário eternamente a postos para exterminar essa terrível praga que se propaga pelo ar, pelas ondas de TV e pelas redes telefônicas.

E só existe uma forma de descontaminar um gerundista crônico: corrigindo o coitado. Na chinha. Com educação, claro. Por incrível que pareça, ninguém usa o *gerundismo* para irritar. Quando a teleatendente diz 'O senhor pode estar aguardando na linha, que eu vou estar transferindo a sua ligação', ela pensa que está falando bonito. Por sinal, ela não entende por que 'eu vou estar transferindo' é errado e 'ela está falando bonito' é certo. O que só aumenta a nossa responsabilidade como vigilantes e educadores.

O importante é nunca deixar barato. Se alguém vier com *gerundismo* para cima de você, respire fundo - e eduque a criatura. 'Não, eu não posso TÁ ASSINANDO aqui. Mas, se você quiser, eu posso ASSINAR aqui, com o maior prazer.' 'Não, minha filha. Eu não vou TÁ EXPERIMENTANDO nada em provador nenhum. Eu vou é trocar de loja!'

Se você tiver habilidades de professor, pode ir mais fundo: 'Desculpa. Não é 'a gente pode tá liberando o seu carro no sábado'. Você não deve usar nunca o verbo estar, no infinitivo, combinado com um verbo no gerúndio. O certo é 'a gente pode liberar o seu carro no sábado'. Entendeu?' O sujeito vai continuar sem entender nada, e depois dessa provavelmente o seu carro nem fique pronto no sábado - mas é um preço que vale a pena pagar por uma sociedade sem *gerundismo*.

Toda atenção é pouca. Nesse período de tolerância zero com o *gerundismo*, precisamos evitar até mesmo os casos em que o 'vou estar fazendo' esteja certo. Por exemplo: em vez de dizer 'Não ligue agora para o seu tio, porque ele deve estar jantando' - o que é perfeitamente correto -, diga: 'Não ligue agora para o seu tio, porque é hora do jantar'.

O governo poderia fazer de 2004 o Ano Oficial de Combate ao *Gerundismo*. Um bom começo seria proibir o *gerundismo* em todas as declarações do Executivo (presidente: metáfora, tudo bem. *Gerundismo*, não!). *Gerundismo* poderia dar pontos na carteira de motorista. Poderia aumentar a alíquota do Imposto de Renda do infrator. As universidades

públicas poderiam inovar o sistema de cotas. Que tal: 100% das vagas para não-gerundistas?!!

Ainda estamos longe da erradicação do analfabetismo. Mas o fim do *gerundismo* só depende de nós. Não vamos nos dispersar!

Disponível em: << <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT650957-2845,00.html>>> acesso em 30.11.2008.

DADOS DO INFORMANTE

Idade: _____

Sexo: _____

Curso: _____

Profissão: _____

Questionário I

Leia com atenção os exemplos abaixo e escolha a(s) alternativa(s) que julgar mais apropriada(s).

- a) Por motivos de mudança, na próxima semana, nossa empresa não **(1) vai estar podendo responder** a mensagens eletrônicas.
- b) Nós estamos desmarcando as provas de amanhã porque o diretor **(2) vai estar viajando**. Ele chegando, **(3) estaremos marcando** a nova data das provas e comunicando a vocês. Qualquer dúvida vocês **(4) podem estar perguntando** pra gente na hora do recreio ou ligando depois das 14 horas.
- c) **(5) Vamos continuar tentando** para que o senhor possa estar recebendo a encomenda em sua casa.
- d) **(6) O grande P. C. vai estar conversando** com a gente!
- e) Você foi sorteado!!! Parabéns!!! **(7) Você estará fazendo** um curso de inglês com 50% de desconto!!! O curso custa 300 reais, então você estará pagando apenas 150 reais!!!
- f) Para que **(8) você possa** verdadeiramente **estar contribuindo** para este projeto crescer, **(9) estou pedindo** o relatório na semana que vem.
- g) Estou ligando para saber se você pode estar vindo mais cedo para a consulta, ou **(10) eu posso estar marcando** outro dia?

1. Quais exemplos podem ser caracterizados como *gerundismo*?

- | | |
|------------------------------------|-------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> exemplo 1 | <input type="checkbox"/> exemplo 6 |
| <input type="checkbox"/> exemplo 2 | <input type="checkbox"/> exemplo 7 |
| <input type="checkbox"/> exemplo 3 | <input type="checkbox"/> exemplo 8 |
| <input type="checkbox"/> exemplo 4 | <input type="checkbox"/> exemplo 9 |
| <input type="checkbox"/> exemplo 5 | <input type="checkbox"/> exemplo 10 |
| <input type="checkbox"/> nenhum | |

2. Quais dos critérios abaixo serviram para caracterizar os exemplos acima como *gerundismo*?

- a forma [verbo auxiliar ou modal (no presente) + estar + gerúndio].
- a forma [verbo auxiliar (no futuro do presente) + gerúndio]
- aspecto do verbo [verbo de sentido pontual expresso no gerúndio como *durativo*].
- influência da mídia [a mídia classifica as perífrases com gerúndio como *gerundismo*].
- desacordo com a norma gramatical [esses exemplos não são previstos pela *gramática normativa*].
- outros

DADOS DO INFORMANTE**Idade:** _____**Sexo:** _____**Curso:** _____**Profissão:** _____**Questionário II**

Leia com atenção os exemplos abaixo e escolha a(s) alternativa(s) que julgar mais apropriada(s).

- a) Por motivos de mudança, na próxima semana, nossa empresa não **(1) vai estar podendo responder** a mensagens eletrônicas.
- b) Nós estamos desmarcando as provas de amanhã porque o diretor **(2) vai estar viajando**. Ele chegando, **(3) estaremos marcando** a nova data das provas e comunicando a vocês. Qualquer dúvida vocês **(4) podem estar perguntando** pra gente na hora do recreio ou ligando depois das 14 horas.
- c) **(5) Vamos continuar tentando** para que o senhor possa estar recebendo a encomenda em sua casa.
- d) **(6) O grande P. C. vai estar conversando** com a gente!
- e) Você foi sorteado!!! Parabéns!!! **(7) Você estará fazendo** um curso de inglês com 50% de desconto!!! O curso custa 300 reais, então você estará pagando apenas 150 reais!!!
- f) Para que **(8) você possa** verdadeiramente **estar contribuindo** para este projeto crescer, **(9) estou pedindo** o relatório na semana que vem.
- g) Estou ligando para saber se você pode estar vindo mais cedo para a consulta, ou **(10) eu posso estar marcando** outro dia?

1. A que você atribui a grande frequência, na linguagem oral, dos exemplos acima?

- () distanciamento do falante com o ouvinte.
- () aproximação do falante com o ouvinte.
- () formalidade do discurso.
- () informalidade do discurso.
- () busca por um estilo mais elegante.
- () inclusão do ouvinte na situação proposta/apresentada.
- () incerteza.
- () descompromisso.
- () outros

2. Quais **profissionais** usam essas formas?

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> professores(as) | <input type="checkbox"/> operadores(as) de <i>telemarketing</i> |
| <input type="checkbox"/> domésticas | <input type="checkbox"/> estudantes do ensino médio |
| <input type="checkbox"/> executivos(as) | <input type="checkbox"/> estudantes universitários |
| <input type="checkbox"/> empresários(as) | <input type="checkbox"/> médicos(as) |
| <input type="checkbox"/> secretárias | <input type="checkbox"/> enfermeiros(as) |
| <input type="checkbox"/> trabalhadores do campo | <input type="checkbox"/> farmacêuticos(as) |
| <input type="checkbox"/> vendedores(as) | <input type="checkbox"/> taxistas |
| <input type="checkbox"/> motoristas de ônibus | <input type="checkbox"/> mecânicos de automóvel |
| <input type="checkbox"/> funcionários(as) públicos(as) | <input type="checkbox"/> políticos(as) |
| <input type="checkbox"/> padres | <input type="checkbox"/> pastores(as) |
| <input type="checkbox"/> tradutores(as) | <input type="checkbox"/> recepcionistas de hotel |
| <input type="checkbox"/> comissários(as) | <input type="checkbox"/> guias turísticos |
| <input type="checkbox"/> engenheiros | <input type="checkbox"/> cobradores(as) de ônibus |
| <input type="checkbox"/> bancários(as) | <input type="checkbox"/> psicólogos(as) |
| <input type="checkbox"/> outros | |
-
-